Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 12 DE MAIO DE 1974 — N.º 18455 — ANO 54.º — PREÇO 2$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

JOÃO ABEL MANTA

O General que vai livrar os putos da guerra

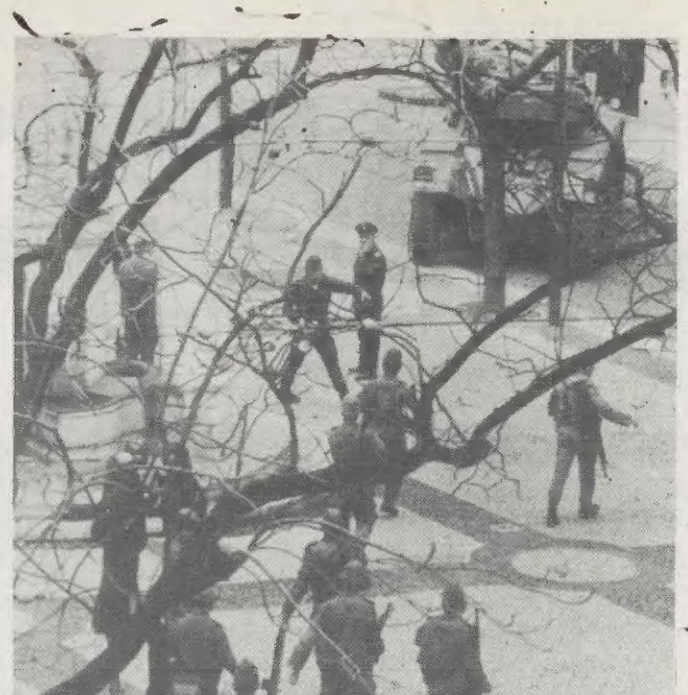
SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL

PARA EVITAR UMA NOVA ÍNDIA

A revolução de 25 de Abril está ganha A Nação apresenta uma nova face, decidida firmemente a assegurar a conquista das liberdades fundamentais e a construir a democracia que dignifica e vivifica os povos Abrem-se grandes perspectivas para o futuro, perspectivas que, legitimamente, galvanizam os jovens, mais do que aqueles a quem a esperança já havia abandonado

Vai iniciar-se, agora, a recolha de elementos que constituam subsídios para a história da revolução que ficará conhecida pelo Movimento das Forças Armadas

POR
NUNO ROCHA



Caberá perguntar que significa exactamente esta expressão. Sabe-se que a acção partiu de jovens oficiais e sabe-se que entre estes se encontravam, em grande número, capitães e majores. Estes começaram a reunir-se mais de um ano antes do 25 de Abril, primeiro como um grupo de camaradas de armas, cuja amizade se consolidara nas longas e perigosas lutas de África, depois como um grupo de conscientes revolucionários. Os jornalistas têm encontrado muitos destes jovens oficiais e eles estão perfeitamente identificados. Preferimos, no entanto, reservar a publicação dos seus nomes para mais tarde. Não é difícil, no entanto, descobri-los entre os oficiais de patente até tenente-coronel que trabalham no âmbito da Junta de Salvação Nacional no Palácio de Belém ou se encontram como delegados da Junta em ministérios e em outros lugares de importância. Um deles revelou-se publicamente: foi o tenente-coronel Carlos Azevedo, colocado como governador militar do arquipélago da Madeira. No relato de uma conferência de Imprensa realizada no Funchal, lia-se na edição do «Diário de Lisboa» da passada quarta-feira: «No decorrer da conferência de Imprensa o tenente-coronel Carlos Azevedo falou ainda, de forma breve, da sua participação na revolução de 25 de Abril cujo nome de código confirmou ser «Maçã de Junho» (o que significa que os revolucionários só falavam entre si dos planos em curso, depois de se identificarem deste modo). Integrado numa unidade do Porto, o agora tenente-coronel Carlos Azevedo teve a seu cargo a tomada do Quartel-General da capital nortenha. É, pública, portanto, a sua participação no movimento.

O DETONADOR PRINCIPAL DA REVOLUÇÃO

Um dos jovens oficiais do Movimento, disse-nos há dias que o detonador principal da Revolução foi, sem dúvida, a guerra de África. Sobre este ponto parece não haver a menor dúvida. O mesmo oficial, referindo-se ao que estava a passar-se na Guiné, disse-nos: «Fizémos a Revolução para evitarmos uma nova Índia». Efectivamente, o Governo que detinha o poder em Lisboa escondia sistematicamente da população o andamento da guerra na Guiné-Bissau, a qual se tornava cada vez mais trágica com perdas constantes das forças portuguesas. O general Spínola, quando governador em Bissau, convidou inúmeros jornalistas a efectuarem ali visitas de informação mas o seu objectivo nunca era atingido: a censura, em Lisboa, cortava todas as passagens que denunciassem a eminência da derrota militar portuguesa, chegando mesmo a cortar integralmente entrevistas concedidas pelo general como o revelou no dia seguinte ao da Revolução o jornalista Vítor Direito chefe da redacção da «República» que reproduziu uma entrevista então impedida de se publicar pela chamada comissão do exame prévio. Aproximava-se o dia em que, com modernas peças assestadas sobre Bissau, os guerrilheiros do PAIGC iriam rechaçar os portugueses até ao mar. O mesmo oficial disse-nos: «Ou morríamos como estúpidos heróis, ou fugíamos para sermos julgados em Lisboa como covardes, tal como acontecera na Índia».

Os jovens oficiais possuiam plena consciência desta situação e um deles já declarou que as guerras só podem compreender-se como acção episódica para dar tempo a que o poder político obtenha a melhor negociação possível». Os jovens oficiais estavam, portanto, seguros de que era insustentável em África uma guerra interminável — a que era a proposta cega dos obscuros — e porque não estúpidos? — governantes de Lisboa.

SITUAÇÃO ECONÓMICA DEPLORÁVEL

O mal-estar nas Forças Armadas gerou-se não só devido a esta convicção — denunciada por meias palavras aqui e ali durante a vigência do Governo de Marcelo Caetano — como pelo facto de que os militares se encontravam perante situações económicas pessoais deploráveis. Um desses oficiais disse-nos: «Sabe quanto ganha um capitão? Oito mil escudos. Quando ia para África obtinha um aumento de 1500$00 mas, depois, pagava lá 1200$00 de imposto de defesa como qualquer outro cidadão». Este aspecto, que está também na origem da Revolução, foi já denunciado anteriormente. No livro «Guerra em Moçambique» que publicamos em Lisboa em 1969 graças à intervenção decidida do hoje coronel Serzedelo Coelho, ao tempo chefe do Serviço de Informação Pública das Forças Armadas e que subtraiu o controlo do livro à censura mais tarde o coronel afastou-se voluntariamente do Exército) escrevemos a certa altura: «Muitas pessoas — disse-nos um capitão — afirmam que a guerra interessa ao Exército porque é uma forma dos seus oficiais enriquecerem. Nada há mais falso nem mais injusto.

Vejamos: em média, um oficial do quadro ganha, em Moçambique, mais 1500$00 do que na Metrópole. Acontece que os meus familiares não têm passagens pagas, apenas beneficiando de um desconto de 25 por cento em companhias de tráfego marítimo ou aéreo. Um oficial, com mulher e dois filhos, se quiser ter a família consigo, precisa de gastar, só em passagens aéreas, mais de 15000$00. Mas como a comissão é obrigatoriamente de dois anos, não é oportuno entregar a casa que possui na Metrópole. Fica, assim, a suportar duas rendas, devendo assentar-se que, em Nampula, não se consegue uma habitação por menos de 1600$00. O nível das rendas de casa sobe na razão dos 100$00 por mês. Em Moçambique, um café custa 2$50; um jornal, 2$50; um meio-bife 30$00; um bilhete de cinema 26$00. Aqui pratica-se, por exemplo, na vida civil, o subsídio de isolamento e de risco para aqueles empregados que se afastam determinado número de quilómetros de Lourenço Marques ou da Beira. Um major de Estado-Maior não recebe mais do que 9500$00. É verdade que as tropas que actuam na zona de guerra usufruem de um subsídio de 2000$00 sobre o salário e ainda de alimentação. Mas como esses oficiais não podem ter a família consigo, o aumento é absorvido pelas despesas familiares muito mais elevadas em Moçambique do que na Metrópole. Mais uma situação real neste momento: um tenente-coronel que se encontra num local isolado no mato ganha 10000$00. Um antigo chefe de posto e um antigo professor primário, que foram trabalhar para uma companhia algodoeira situada próximo do aquartelamento, ganham 25000$00 por mês e têm, ainda, gratificações anuais da ordem dos 300 contos».

Estas e outras situações levaram o Exército a compreender que não estavam em África ao serviço do povo nem da Nação mas ao serviço dos grandes interesses capitalistas. A guerra foi-se-lhes tornando cada vez mais injusta e cada vez mais desnecessária, desumana e criminosa.

OS PIQUENIQUES FAMILIARES

Foi na Guiné, sob o estímulo do general Spínola, que primeiro estes e outros factos começaram a ser discutidos abertamente no seio do Exército o qual se apercebia, também, das irresponsabilidades e das desinteligências que se davam no decadente Governo de Lisboa, cuja obstinação em relação à guerra em África ultrapassava o imaginável. Dali saíram, então, os grupos revolucionários, sendo conhecidos os nomes dos seus membros. Em Lisboa, iam-se estabelecendo contactos que se intensificavam aos domingos em alegres piqueniques familiares, realizados ao ar livre e em que os oficiais revoltosos iam desenvolvendo a estruturação do seu plano. O grande perigo adivinha, naturalmente, da PIDE, que vigiava estreitamente os movimentos destes oficiais e tinha os seus telefones sob escuta como se verificou quando a revolta de 16 de Março foi sufocada à entrada de Lisboa: a PIDE, efectivamente, detectara o plano através de telefonemas e alertara o Governo e este a GNR. Foi por isso que, a partir desse momento, ficou entendido entre os revoltosos que os seus contactos jamais seriam estabelecidos por outra forma que não fosse o contacto pessoal. Como se sabe, após a revolta das Caldas, abortada à entrada de Lisboa, foram detidos nove oficiais os quais recolheram ao forte da Trafaria. Ficaram em liberdade os restantes, que se calculam em 191 — uma vez que o grupo envolvido seria de duzentos. Estes 191 oficiais, todos estrategicamente situados em lugar de operação militar imediata, souberam fazer vingar a Revolução em 25 de Abril, num golpe fulminante que é uma obra-prima de estratégia militar. A operação desenvolveu-se como se estivesse comandada por um cronómetro.

A OPERAÇÃO COMEÇOU ÀS 22 E 55

Esperamos, em próximos artigos, continuar a oferecer subsídios para a história da Revolução de 25 de Abril. O material indispensável apresenta-se de difícil recolha, uma vez que os oficiais envolvidos nem sempre se mostram dispostos a revelar aspectos da operação. Na edição de anteontem, o nosso camarada Armando Pereira da Silva descreveu, já, o importante episódio da fragata «Gago Coutinho» que constitui um documento importantíssimo, pois revela até que ponto a revolução esteve em perigo: se o imediato não se tivesse recusado a cumprir a ordem do comandante e tivesse feito fogo pesado sobre o Terreiro do Paço (que estava ameaçado por Lanceiros 2, tropa fiel ao Governo até aos últimos momentos, como se sabe) que teria acontecido?

Relatemos, porém, outro importante aspecto: a colaboração da rádio para o êxito da operação. Foi a Rádio Renascença que deu o primeiro sinal, difundindo às 22 e 55 a canção «Adeus» de Paulo de Carvalho (o homem mais fotografado e entrevistado pela Imprensa estrangeira que se deslocou a Lisboa). Foi o sinal de que a operação estava em curso. Os revoltosos haviam decidido usar dois sistemas de comunicação: um de siglas e outro de controlo pela rádio. Foi portanto fundamental a colaboração da Rádio Renascença, pois durante a noite e até à tomada de Rádio Clube Português, foram sendo apresentados discos que tinham um significado. O que consagrou a acção militar foi «Grândola, Terra Morena», de José Afonso. Enquanto o «Adeus» de Paulo Carvalho queria dizer que as tropas haviam saído de Santarém sem novidade, «Grândola, Terra Morena» queria dizer que havia já posições tomadas ao inimigo. Durante a noite sucederam-se outras canções de José Afonso, tendo cada uma delas um significado e tendo cada uma delas o objectivo de ir tranquilizando os jovens oficiais envolvidos e que se encontravam dispersos por todo o País.

No próximo artigo esperamos desvendar aspectos importantes da estratégia seguida e da que estava prevista para o caso de terem surgido dificuldades imprevistas no desenvolvimento do plano.

MASSACRE EM M

«EU VI

Há centenas de desde Janeiro a Ma quinhentas pessoas e o padre José Martens minga, que se viu ob para testemunhar o qu

«Quinhentos é o mas os negros falam d bique em 26 de Abril, pelos gritos dos tort pessoas fugidas para vincaram sulcos na olhos azuis.

Veio à Europa com uma são: continuar a luta pela d sa dos direitos do seu p africano, agora já não nas e las do mato mas nas redacç da Imprensa mundial. quê? Para que se tome c ciência dos abismos a que de conduzir uma guerra co a libertação dos povos, cria circunstâncias de selvajar de medo que levam as pess a cometer monstruosida inadmissíveis no seu es normal.

Culpados? Pois há culpa aqueles que são responsá pelas circunstâncias em q povo e os soldados se en tram. **«Os soldados são os sos soldados,** — diz-nos d dre Martens — rapazes mais com família que an noivas para casar, juven para viver. Todos nós te culpa daquilo, como povo i ro que não evitou a guerr **que é triste é que apenas u dúzia de cristãos e marxi tenham conseguido ver is tempo. Os verdadeiros cu dos dos massacres são os ploradores do trabalho af no; os manfacos das gl pátrias, os bispos que sa e não quiseram falar, os b cos que não querem perder vilégios e também aqueles mandantes militares e ch de posto que, mal chega a África, se julgam deusin com direito de vida e de m sobre os negros. Os princi culpados não são os solc nhos que executam ordens actuam debaixo do medo terror, são os pides e t aqueles que actuam a frio.»**

Apressou-se a declarar o padre Martens que não o ma qualquer sentimento português. O que está em sa é a guerra colonial suste da hoje pelos portugueses lizando processos semelha aos que foram utilizados p holandeses na guerra da I nésia.

ACÇÃO PSICOLÓGICA DA FRELIMO

Os primeiros ataques força da Frelimo ao quarte Inhaminga deram-se em 2 Janeiro, mas já nesse vários comboios da Trans Z bezian Railways (TZR) tin sido atingidos e, desde fin Julho, diversas acções a das haviam sido conduzidas los guerrilheiros contra obj vos estratégicos. As prisõ torturas foram a resposta s a população. Mas a Frelim estava na zona desde os de 1970, num persistente tr lho de mentalização. Pelo nos desde que, nesta da governo fez conhecer o pr to de alargamento do Pa da Gorongosa, o que impli o desalojamento compu de muitas aldeias de africa Militantes da Frelimo, al deles oriundos desta regiã filtraram-se entre os desco tes explorando a sua rev E assim a revolta alastro Parque da Gorongosa pa Norte, até à linha férrea nacional da Trans-Zambe Railways, onde se situa o tro ferroviário de Inhaming

nante que é uma obra-
e estratégia militar. A
o desenvolveu-se co-
estivesse comanda-
m cronómetro.

OPERAÇÃO
ÇOU
E 55

amos, em próximos ar-
ontinuar a oferecer
s para a história da Re-
de 25 de Abril. O mate-
pensável apresenta-se
recolha, uma vez que
s envolvidos nem sem-
ostram dispostos a re-
spectos da operação.
o de anteontem, o nos-
rada Armando Pereira
descreveu, já, o impor-
isódio da fragata «Ga-
nho» que constitui um
to importantíssimo,
ela até que ponto a re-
esteve em perigo: se
to não se tivesse recu-
umprir a ordem do co-
e e tivesse feito fogo
sobre o Terreiro do
ue estava ameaçado
ceiros 2, tropa fiel ao
até aos últimos mo-
como se sabe) que te-
ecido?
mos, porém, outro im-
aspecto: a colabo-
rádio para o êxito da
. Foi a Rádio Renas-
ue deu o primeiro si-
ndindo às 22 e 55 a
«Adeus» de Paulo de
(o homem mais foto-
e entrevistado pela Im-
strangeira que se des-
Lisboa). Foi o sinal de
eração estava em cur-
evoltosos haviam deci-
r dois sistemas de co-
ão: um de siglas e ou-
ontrolo pela rádio. Foi
fundamental a colabo-
a Rádio Renascença,
ante a noite e até à
de Rádio Clube Portu-
ram sendo apresenta-
os que tinham um sig-
O que consagrou a
nilitar foi «Grândola,
rena», de José Afonso.
o «Adeus» de Paulo
queria dizer que as
aviam saído de Santa-
novidade, «Grândola,
orena» queria dizer
a já posições tomadas
o. Durante a noite su-
-se outras canções de
nso, tendo cada uma
significado e tendo
a delas o objectivo de
ilizando os jovens ofi-
volvidos e que se en-
m dispersos por todo

óximo artigo espera-
endar aspectos impor-
estratégia seguida e
stava prevista para o
terem surgido dificul-
previstas no desenvol-
do plano.

MASSACRE EM MOÇAMBIQUE

«EU VI O TERROR DE INHAMINGA»

Há centenas de Wiriamus em Moçambique e desde Janeiro a Março foram massacradas umas quinhentas pessoas em Inhaminga. Isto afirmou-nos o padre José Martens, superior da missão de Inhaminga, que se viu obrigado a abandonar a África para testemunhar o que viu e ouviu.

«Quinhentos é o meu cálculo — precisou — mas os negros falam de milhares». Saído de Moçambique em 26 de Abril, a sua voz ainda vem marcada pelos gritos dos torturados pelo medo de 35 mil pessoas fugidas para o mato, pelas dores que lhe vincaram sulcos na face e toldaram o brilho dos olhos azuis.

Veio à Europa com uma missão: continuar a luta pela defesa dos direitos do seu povo africano, agora já não nas escolas do mato mas nas redacções da Imprensa mundial. Para quê? Para que se tome consciência dos abismos a que pode conduzir uma guerra contra a libertação dos povos, criando circunstâncias de selvajaria e de medo que levam as pessoas a cometer monstruosidades inadmissíveis no seu estado normal.

Culpados? Pois há culpados, aqueles que são responsáveis pelas circunstâncias em que o povo e os soldados se encontram. **«Os soldados são os nossos soldados,** — diz-nos o padre Martens — rapazes normais com família que amam, noivas para casar, juventude para viver. Todos nós temos culpa daquilo, como povo inteiro que não evitou a guerra. **O que é triste é que apenas meia dúzia de cristãos e marxistas tenham conseguido ver isto a tempo. Os verdadeiros culpados dos massacres são os exploradores do trabalho africano; os maníacos das glórias pátrias, os bispos que sabiam e não quiseram falar, os brancos que não querem perder privilégios e também aqueles comandantes militares e chefes de posto que, mal chegados a África, se julgam deusinhos com direito de vida e de morte sobre os negros. Os principais culpados não são os soldadinhos que executam ordens ou actuam debaixo do medo e do terror, são os pides e todos aqueles que actuam a frio.»**

Apressou-se a declarar-nos o padre Martens que não o anima qualquer sentimento anti-português. O que está em causa é a guerra colonial sustentada hoje pelos portugueses, utilizando processos semelhantes aos que foram utilizados pelos holandeses na guerra da Indonésia.

ACÇÃO PSICOLÓGICA DA FRELIMO

Os primeiros ataques em força da Frelimo ao quartel de Inhaminga deram-se em 23 de Janeiro, mas já nesse mês vários comboios da Trans Zambezian Railways (TZR) tinham sido atingidos e, desde fins de Julho, diversas acções armadas haviam sido conduzidas pelos guerrilheiros contra objectivos estratégicos. As prisões e torturas foram a resposta sobre a população. Mas a Frelimo já estava na zona desde os fins de 1970, num persistente trabalho de mentalização. Pelo menos desde que, nesta data, o governo fez conhecer o projecto de alargamento do Parque da Gorongosa, o que implicaria o desalojamento compulsivo de muitas aldeias de africanos. Militantes da Frelimo, alguns deles oriundos desta região, infiltraram-se entre os descontentes explorando a sua revolta. E assim a revolta alastrou do Parque da Gorongosa para o Norte, até à linha férrea internacional da Trans-Zambezian-Railways, onde se situa o centro ferroviário de Inhaminga, vila com uma população de oito mil africanos e 1100 europeus, num concelho com cerca de 45 mil habitantes.

O missionário descreve-nos os métodos psicológicos da Frelimo para cativar o povo, de resto facilitados, porque — diz-nos — **a Frelimo é do povo, é o próprio povo.** Há episódios desta táctica psicológica realmente interessantes. Outro missionário contou-nos alguns.

Um dia entraram dois moços na loja duma aldeia do mato e, enquanto o empregado negro lhes servia duas cervejas, travou-se este simples diálogo:

— **Olá, sabes o que é a Frelimo?**

— **Já ouvi mais ou menos, mas não sei bem.** — respondeu o moço.

— **Olha, a Frelimo somos nós! E agora vai dizer ao teu patrão que a Frelimo passou aqui!**

Dito isto, sumiram-se no mato, mas na mesma tarde já toda a gente sabia que a Frelimo estava na aldeia e todos os brancos da zona começaram a tremer.

A outra história pode não ser tão objectiva mas os negros contam-na já como uma «legenda» reveladora do prestígio da Frelimo. Um dia, perto de Inhaminga, os guerrilheiros montaram uma emboscada num sítio muito apertado. Passou um camião cheio de tropa e logo trinta frelimos cercaram o camião, de metralhadora em punho. Tão rápida foi a operação que os soldados nem tiveram possibilidade de saltar do camião e ficaram gelados de medo, enquanto o motorista, desesperadamente, tentava uma manobra impossível para fazer marcha-atrás. Foi então que os frelimos, sem disparar um tiro, desataram a rir e deixaram os soldados em paz. Mais tarde explicaram a história pelas aldeias. **«nós queríamos provar-lhes** — diziam eles — **que podemos dominar Moçambique inteiro e que até somos capazes de nos dominarmos a nós.»** Verdadeira ou não, é assim que os negros contam a façanha, para maior prestígio dos guerrilheiros.

Ao fim de três anos de mentalização política e reivindicativa, toda a zona de Inhaminga está completamente infiltrada pela Frelimo, a qual se apresenta ao povo como um movimento de libertação.

Condições de exploração

As condições de exploração dos africanos eram terreno fácil para os militantes da Frelimo e, por isso, o sucesso do movimento estava há muito assegurado.

Os 400 quilómetros de linha férrea da TZR foram construídos com sangue negro, há cinquenta anos. Os salários dos trabalhadores das serrações e da TZR não passavam de 180$00 por mês, antes da eclosão da guerra. Nas serrações de Cheringoma, uma das zonas mais ricas em toda a Africa em madeiras preciosas, os negros trabalhavam, vestidos com um saco enfiado, e partiam das aldeias às 4 horas da manhã em camiões apinhados. O imposto de palhota era de 290$00 por ano, sob pena de trabalho forçado para os que se desleixassem no pagamento. Embora suspenso o trabalho forçado em 1961, a verdade é que os administradores continuam a usar de todas as arbitrariedades para arregimentarem trabalhadores, à custa de uma comissão paga pelos fazendeiros e donos das serrações. O missionário contou-nos, a este respeito, uma história recente:

Há duas semanas, apresentaram-se à porta do posto dois moços africanos pedindo certidão de nascimento para tirarem o bilhete de identidade. Mas, como não tinham em dia o pagamento do imposto de domicílio (cerca de 300$00) , o chefe de posto mandou-os trabalhar para a serração. Com todo o requinte acrescentou: «Já agora, primeiro que tudo, vocês vão ali encher-me o tanque de água!» E os rapazes não tiveram outro remédio, mas pode-se imaginar a revolta que sentiram!

Não longe de Inhaminga, a Sena Sugar arregimentou 30 mil negros para trabalharem nas plantações do açúcar, em circunstância tais que, durante o ano de 1973 e apesar da repressão, os trabalhadores desencadearam quatro greves importantes. Os de Inhaminga não foram arregimentados desta feita, mas estavam sujeitos ao mesmo.

Os negros nunca esquecerão terem sido espoliados das terras que os missionários ensinaram a cultivar (a partir de 1957). Depois das terras preparadas, os brancos iam à administração e conseguiam facilmente dois ou três mil hectares, abrangendo terras já arroteadas pelos negros. (Grande parte destes negros eram empregados da TZR que tinham fora da vila as suas pequenas plantações).

A Frelimo e os brancos

Nestas circunstâncias, foi fácil à Frelimo apresentar-se como libertadora da opressão. Todo o trabalho político precede a acção armada, e esta só se revela quando a população se mentalizou. Os próprios negros dizem que a Frelimo ainda não fez ir pelos ares os cabos eléctricos e as condutas de água da cidade da Beira porque não tem pressa nem preparou ainda a população negra.

De resto — insistem os homens da Frelimo — há em Moçambique muitos brancos que não terão de sair, porque

Continua na pág. 15

Padre José Martens, superior da Missão de Inhaminga. Nas rugas do seu rosto jovem, todo o sofrimento dum povo. (Foto de Rui Pacheco)

A INTERSINDICAL PEDE O FIM DA GUERRA COLONIAL

A União dos Sindicatos do Sul emitiu um comunicado dando conta do que se passou na última Intersindical Nacional. No comunicado está inserida uma moção enviada à J.S.N. na qual se pede o fim da guerra colonial. O referido documento é do seguinte teor: «1 — Realizou-se nos dias oito e nove do corrente, na sede da União dos Sindicatos do Sul, a Intersindical Nacional, com a presença de 56 sindicatos sendo 4 observadores.

2 — No decorrer dos trabalhos recebeu-se a visita das seguintes delegações: — Federação Sindical Mundial e Confederação Europeia dos Sindicatos, composta por representantes da França (C.F.D.T.), Suécia, Dinamarca e Finlândia.

Todas estas delegações apresentaram saudações aos trabalhadores portugueses, e manifestaram o desejo de auxiliar o Movimento Sindical Português.

«3 — Depois de largo debate foram aprovados dois documentos que passarão a nortear a actividade dos trabalhadores.

— o primeiro, denominado «Para uma estratégia do movimento sindical no momento actual», define princípios gerais de orientação do movimento.

— o segundo, «Reestruturação e organização sindical», desenvolve as linhas mestras que deverão presidir à reorganização de todo o Movimento Sindical.

«4 — Foi ainda aprovada uma moção a enviar à Junta de Salvação Nacional com o seguinte conteúdo:

«A Intersindical Nacional, considera como base indispensável à prossecução dos objectivos estratégicos e de reestruturação de um sindicalismo efectivamente livre:

«1 — O fim da guerra colonial — como reconhecimento dos povos à sua autodeterminação e independência e única forma de estancar a sangria de mais de 45 por cento do Orçamento Geral do Estado, para fins improdutivos.

«2 — O reforço da unidade democrática de todos os trabalhadores.

«5 — Através das intervenções na Assembleia, expressas, aliás no primeiro dos citados documentos, fpo manifestada pelos sindicatos a determinação de trabalharem no sentido de consolidarem a unidade entre os trabalhadores e o Movimento das Forças Armadas, pois se considera que para a criação de um estado democrático é fundamental o reforço dessa aliança.

«6 — O secretariado da União dos Sindicatos do Sul, ao mesmo tempo que agradece aos órgãos de Informação a divulgação dada à Intersindical Nacional, bem como às suas deliberações, não pode deixar de lamentar e condenar certas notícias de carácter sensacionalista e não correspondendo à verdade, pois considera que as mesmas não servem os interesses dos trabalhadores.

«O Secretariado da U.S.S., aproveita a oportunidade para declarar que só se responsabiliza por notícias que tenham sido comunicadas oficialmente aos órgãos de Informação.»

Sobre o último ponto a Junta de Salvação Nacional enviou aos jornais o seguinte comunicado já largamente divulgado:

Não é verdade o constante das notícias publicadas na Imprensa em 9 e 10 de Maio relativas ao reconhecimento da Intersindical pela J.S.N., nem nunca poderia ter sido tomada qualquer resolução conjunta. Como é óbvio, as decisões da J.S.N. são da sua exclusiva competência e em conformidade com o programa do Movimento das Forças Armadas.

Todas as relações com elementos ligados àquela associação se têm situado no campo de contactos destinados a esclarecimento mútuo de tudo o que respeita à situação dos trabalhadores e aos seus legítimos anseios.

Toda a reestruturação do trabalho e a consequente representatividade do trabalhador e suas formas de associação serão oportunamente definidas e legitimadas, alicerçando-se no uso pleno da liberdade à luz dos mais puros princípios democráticos e de acordo com as recomendações dos organismos internacionais competentes nestas matérias.

— A COMISSÃO «AD HOC».

ALCATIFAS
PAPÉIS DECORATIVOS
COM ASSENTAMENTO PRÓPRIO
PARENTEX
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO
R. António Pereira Carrilho, 5 - Loja e 1.º
Telefs. 532352/532319

ELECTRICISTA
DÁ
Assistência Técnica — Instações Eléctricas
e a Máquinas Electromecânicas
TELEFONE 276 33 84

CONVOCATÓRIA

Exportadores para o Ultramar

Para discussão de diversos aspectos relacionados com as exportações para o Ultramar (designadamente o problema dos «atrasados»), convocam-se todos os interessados a comparecer pelas 16 horas do próximo dia 14, na Rua Gonçalo Cristóvão, 96-1.º — Porto.

12 de Maio de 1974.

«Não existe para a Espanha outra política de senso que a evolução moderada» segundo o «ABC»

MADRID, 12 — (UPI-ANO) — «Tendo em vista a crise portuguesa fortalece-se a ideia de não existir para a Espanha outra política de senso comum que não seja a de uma evolução moderada e prudente» — observa o diário madrileno «ABC», monárquico, em artigo assinado por Luís Maria Anson.

«Organizar a moderação e a liberdade não é uma fácil tarefa — prossegue o comentarista. — O germinar de uma livre convivência é livre. Por isso se mostra sempre útil e conveniente a voz dos que têm á sua guarda as essências nacionais. A evolução para a liberdade tem os seus limites e é preciso saber medi-los com prudência e defendê-los com energia.»

Conclui o editorialista do «ABC»:

«Felizmente que na Espanha se pode e se deve proceder á necessária evolução democratizante, claramente entendida, sem precipitações e sem pausas, com prudência e sem riscos. E com o desejo de que os portugueses superem benericamente o arriscado período em que foram forçados a lançarem-se pelo imobilismo de uma política suicida.»

RAMIRO VALADÃO E FELNER DA COSTA AFASTADOS

A Secretaria de Estado de Informação divulgou a seguinte nota:

«Por conveniência de serviço, os inspectores superiores do Gabinete Técnico da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, drs. Jorge Felner da Costa e Ramiro Machado Valadão, foram nesta data afastados do exercício efectivo daqueles cargos, aguardando ulterior decisão do Governo.

O inspector superior dr. Bernard Vieira Judice da Costa ficará aguardando a passagem à situação de reforma, que tinha pedido em requerimento datado de 22 de Abril de 1974.

HOJE EM ITÁLIA: SIM OU NÃO AO DIVÓRCIO

Na Praça do Povo em Roma, efectuou-se um gigantesco comício de encerramento da campanha para o referendo nacional sobre o divórcio. Ao longo do dia de hoje, milhares de italianos foram às urnas. Os resultados devem a começar a ser divulgados ao fim da tarde.(Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

CONFERÊNCIA EM LUSAKA

Clérigos africanos debatem o apoio aos movimentos de libertação

LUSAKA, 12 — (R) — Apoio aos Movimentos de Libertação que lutam nos territórios africanos de Portugal será debatido durante uma reunião de clérigos africanos que se realiza em Lusaka na próxima semana — anunciou um porta-voz.

Durante a assembleia de dez dias da conferência de todas as igrejas de África (AACC), que se inaugura hoje, espera-se também que os delegados se mostrem formalmente a favor da violência como único meio de derrubar os regimes de minoria branca na África Austral.

O canonoBurgessCarr, secretário-geral da «AACC», quando ontem, durante uma conferência de Imprensa, lhe perguntaram se Portugal seria debatido, respondeu: «Sim, temos que debater os assuntos portugueses em Africa dado que a Igreja, e muito especialmente a cristandade protestante nos territórios portugueses, se encontram entre as primeiras vítimas do colonialismo e da exploração de Portugal».

«Em Angola, nos anos de 1968 e 1969, a polícia secreta realizou uma série de seminários sobre a maneira de lidar com movimentos subversivos, entre os quais se contavam as igrejas protestantes».

«Há dois anos, em Moçambique, dois dirigentes da igreja presbiteriana foram assassinados na prisão. Claro está que a propaganda portuguesa disse que os dois homens se tinham suicidado».

Burgess Carr disse também que a assembleia terá de «dar total e cuidadosa atenção à forma de continuação da luta, como cristãos, contra o colonialismo e a opressão nos territórios portugueses»

Um cristão não é melhor só pelo facto de ser contra a violência

Burgess Car — que em certa ocasião manifestou que uma pessoa não será um cristão melhor só pelo facto de ser contra a violência — frisou que à reunião assistirão representantes de seis Movimentos de Libertação para darem as suas opiniões. Os seis movimentos representativos serão o Congresso Nacional Africano, da Africa do Sul, a Frente para a Libertação de Mocambique, o Movimento Popular para a Libertação de Angola, a União Popular Africana Zimbabwe, a União Nacional Africana Zimbabwe e a Organização dos Povos do Sudoeste Africano.

Carr disse que a «AACC» durante os passados anos,doou 125.000 dólares aos Movimentos de Libertação e que, «durante essa assembleia, os Movimentos serão contemplados com mais dinheiro».

Aguarda-se que cerca de 400 a 500 delegados, consultores, observadores e convidados estejam presentes à assembleia, incluindo representantes de dez igrejas sul-africanas e de quatro igrejas rodesianas. Também se aguarda que o Conselho Sul-Africano das Igrejas esteja representado na sua qualidade de membro associado da «A ACC».

A assembleia, que se reune quinzenalmente, é o organismo da «AACC» que tem a seu cargo traçar a política e os regulamentos da organização.

Bispo rodesiano impedido de comparecer

Círculos geralmente bem informados dizem que o bispo Abel Muzorewa, dirigente do Conselho Nacional Africano da Rodésia e presidente da «AACC» escreveu à conferência a dizer que não podia estar presente.

Mas Burgess Carr disse aos jornalistas: «Continuamos a aguardar que o bispo Muzorewa se possa deslocar a Lusaka».

Quando os jornalistas lhe falaram da carta escrita pelo bispo, o secretário-geral da «AACC» respondeu: «Os senhores têm mais informações do que eu».

A «AACC» engloba 103 igrejas — protestantes, ortodoxas, coptas e independentes — em 31 países africanos, representando 48 milhões de cristãos.

A Igreja Católica não faz parte da organização, mas enviará um observador, o padre Adrian Smith, do secretariado da Santa Sé para a unidade cristã.

O Vaticano foi por diversas vezes, no passado, atacado pela «AACC» devido à sua concordata com Portugal, que regulamenta as relações Igreja-Estado nos territórios portugueses.

Quando os jornalistas lhe perguntaram porque razão Luzaka foi a cidade escolhida para a conferência, o secretário-geral da «AACC» respondeu: «Temos aqui cristalizado, quanto a nós, de maneira concreta muitíssimos dos problemas com que se defronta a nossa igreja e o povo do nosso continente. Lusaka é o lugar mais a sul onde um homem negro livre pode deslocar-se sem correr o risco de humilhação».

EXPLOSÃO E INCÊNDIO

SETE MORTOS E CINCO FERIDOS NUMA «BOITE» CLANDESTINA

Sete pessoas morreram e cinco ficaram feridas (quatro delas em estado grave) em consequência de uma explosão, seguida de incêndio violentíssimo ontem ocorridos numa «boite» clandestina, em Oeiras.

O acidente deu-se às 19 horas, numa «boite» dita bar íntimo, na Rua da Figueirinha, bloco E, r/c, num dos bairros novos de Oeiras. Empregados e o próprio proprietário da casa ocupavam-se nos trabalhos de colocação de alcatifas na cave aquando uma explosão, provocada, possivelmente, por faísca ou fogo de cigarro, incendiou o gás espalhado nos dois compartimentos. Daí ao deflagrar do incêndio que assustar os moradores do prédio e queimou a fachada até ao terceiro andar foi um ápice. Tão depressa aconteceu isto que ninguém conseguiu atingir a rua completamente ileso. Sete pessoas ficaram lá dentro, irreconhecíveis e completamente carbonizadas. A tal ponto que, duas horas depois da explosão os bombeiros e as forças policiais que controlavam a operação de rescaldo ainda não sabiam se se tratava de homens ou mulheres.

Chegou mesmo a por-se a dúvida se seriam mesmo sete os corpos. Daí que seja impossível, para já, a sua identificação, sem se ouvir o testemunho posterior dos sobreviventes o que à hora a que fechamos esta edição, nos é completamente impossível.

Dos feridos, dois saíram pelo seu pé. Uma das raparigas empregadas como recepcionista no bar pôde escapar às chamas, sem roupas — a explosão e incêndio levaram-lhas por completo — meter-se no seu mini e rumar ao Quartel dos Bombeiros pedindo socorro. O proprietário, Mário Pedro Alves Soares, também pôde falar, quando os bombeiros o recolheram, mas apenas para dizer que o tratassem porque depois falaria.

Em suma, e para além dos mortos ainda por identificar e que se presume serem em número de sete, ficaram internados no Hospital de S. José com queimaduras graves, Mário Pedro Alves Soares, comerciante, de 35 anos, residente na Rua da Figueirinha, bloco E, 1.º Dt.; António Gomes Marques, 48 anos, «barman», morador na Vivenda Irene, Ribeira de Lage, Oeiras; Evandro Nascimento Ferrenho Tomé, de 28 anos, industrial, morador em Bicesse, Estoril; Maria Rosa dos Santos Custódio Fernandes, de 20 anos de idade, empregada de mesa, moradora na Rua A, bloco 8, 3.º Dt., Oeiras, e Alda Correia Ferreira, de 35 anos, empregada de mesa, residente na Av. Nuno Álvares Pereira, 11, 3.º, Amadora. Uma outra empregada de mesa, de seu nome Maria Alice Lopes, de 33 anos de idade e residente na Calçada do Tojal, 53, c/v Dt., Oeiras, foi tratada no hospital tendo recolhido posteriormente a sua casa.

VIDA E MORTE DE UM BAR CLANDESTINO

O tenente Capucho, da PSP, que veio a Lisboa dar conta da ocorrência ao segundo comandante daquela corporação deu uma possível explicação para o incêndio:

— Devia haver gás espalhado na cave ou no rés-do-chão e qualquer faísca, provocada por cigarro ou resultante dos trabalhos de colocação da alcatifa deve ter provocado a explosão. Os materiais utilizados nas obras eram também facilmente inflamáveis e a explosão pode ter destruido a instalação de gás facilitando o rápido desenvolvimento do incêndio.

Esta versão tem foros de verosimil pois, segundo nos explicaram os bombeiros de Paço de Arcos, logo que fecharam a conduta de gás que dá acesso ao edifício, às chamas começaram a reduzir-se sendo o fogo facilmente extinto logo depois.

O «bar-boite» Paleta, como se designava, ainda que não ostentasse qualquer indicação à porta, estava aberto desde Janeiro sempre na clandestinidade. A licença de funcionamento jamais lhe havia sido concedida. Pelo contrário, a polícia já por duas vezes havia multado o seu proprietário, por funcionamento ilegal do comércio. Isto é grave pois nem assim o estabelecimento foi fechado e sendo pacífico que não oferecia as mínimas condições de segurança. A única saída dava para a Rua da Figueirinha e tinha o máximo de 80 centímetros de largura. Por isso se compreende o holocausto a que foram sujeitos empregados e, possivelmente, frequentadores.

Aliás, o proprietário tinha antecedentes de casas congéneres funcionando irregularmente. Já em tempos tentara manter a «boite Lenhador», na Venda Nova, casa que foi fechada. Mais tarde montou negócio similar, denominado «Zorro» e situado em Benfica e cujo funcionamento não foi autorizado na sua gerência. Só mais tarde se legalizou, já com novos gerentes.

O empregado de mesa Carlos Alberto Oliveira, de 20 anos, que já trabalhara para o proprietário Mário Pedro Alves Soares nas duas anteriores

Continua na pág. 6

IVÓRCIO

ncerramento da campanha
oje, milhares de italianos
ao fim da tarde.(Telefoto

FERIDOS
ESTINA

o. Os materiais utilizados
obras eram também facil-
e inflamáveis e a explosão
ter destruido a instalação
s facilitando o rápido de-
lvimento do incêndio.
a versão tem foros de ve-
il pois, segundo nos ex-
am os bombeiros de
de Arcos, logo que fecha-
conduta de gás que dá
o ao edifício, as chamas
çaram a reduzir-se sendo
facilmente extinto logo
s.
bar-boite» Paleta, como
signava, ainda que não
asse qualquer indicação
ta, estava aberto desde
o sempre na clandestini-
A licença de funciona-
jamais lhe havia sido
dida. Pelo contrário, a
já por duas vezes havia
do o seu proprietário, por
namento ilegal do co-
o. Isto é grave pois nem
o estabelecimento foi fe-
e sendo pacífico que
ferecia as mínimas con-
de segurança. A única
dava para a Rua da Fi-
nha e tinha o máximo de
ntímetros de largura. Por
se compreende o holo-
a que foram sujeitos
gados e, possivelmente,
ntadores.
s, o proprietário tinha an-
ntes de casas congéne-
ncionando irregularmen-
em tempos tentara man-
boite Lenhador», na Ven-
va, casa que foi fechada.
arde montou negócio si-
denominado «Zorro» e
o em Benfica e cujo fun-
nento não foi autorizado
gerência. Só mais tarde
alizou, já com novos ge-

mpregado de mesa Car-
lberto Oliveira, de 20
que já trabalhara para
rietário Mário Pedro Al-
ares nas duas anteriores

Continua na pág. 6

O interesse do turismo na economia nacional fica imediatamente evidenciado quando se lêm as balanças de pagamentos que demonstram ser o turismo o principal factor de entrada de divisas, já que as remessas dos emigrantes que, até agora, têm ocupado o primeiro lugar, representam de facto, pela perda de valores humanos e sangria de força de trabalho, um dos maiores prejuizos ao desenvolvimento do país.

Mas, por outro lado, o turismo que é e será sector de grande importância no contexto geral da economia, pode criar como actividade independente, graves desequilíbrios sócio-económicos.

Portanto é preciso e urgente pensar o turismo do futuro, e a obra da Torralta e o modo como se integrou na colectividade portuguesa, trouxe um importante contributo ao equacionamento do problema.

A Torralta sempre procurou pensar o Turismo em termos de futuro.

TORRALTA
CONTEMPORÂNEA
DO FUTURO

PUBLITOTAL

O descanso do soldado

Um jovem soldado cambojano descansa junto a um pagode, próximo de Phnom Penh.

Entretanto, um comandante do exército cambojano suicidou-se quando os Khmers Vermelhos obrigaram 400 soldados governamentais a abandonar uma posição perto do porto de Kompong Som, segundo revelaram fontes militares.

O comandante estava encarregado da defesa de Stung Chhay, a nova posição governamental a cair em poder dos Khmers Vermelhos desde a semana passada.

Cerca de 5.000 rebeldes comunistas ameaçam agora Kompong Som, o único porto de águas profundas do país, situado a 192 quilómetros a sueste de Pnom Penh. (Telefoto UPI — Telimprensa — DL)

O QUE SIGNIFICA TER ACABADO A CENSURA

A Comissão de Cultura e Espectáculos do Movimento das Forças Armadas, reunida em assembleia com individualidades ligadas à vida cultural portuguesa, tendo por finalidade de esclarecer e concretizar uma política cultural, necessária, e urgente, como consequência da abolição da censura e exame prévio.

ESCLARECE: QUE ACABAR A CENSURA SIGNIFICA:

— Abrirem-se possibilidades completamente novas de educar os portugueses sem coacções desumanas.

— Uma ampla abertura à liberdade e iniciativa para esclarecer as pessoas, tornando-as conscientes das novas condições de vida e mais responsáveis pelas suas opiniões e pelos seus actos.

— O respeito pelas pessoas e um estímulo à solidariedade concreta entre os homens e entreajuda e cooperação para procurarem o bem comum.

CONSIDERA: — que tem grande importância uma Política de Cultura que dê sentido humano e social a todas as outras medidas políticas em curso.

DECIDE:

1. A divulgação a nível nacional dos princípios democráticos e dos fins do Movimento das Forças Armadas, em publicações acessíveis de modo a atingir largas camadas da população mantidas pelo fascismo na quase absoluta ignorância.

2. Apoiar o teatro amador universitário e profissional, incluindo a criação de novos agrupamentos, de modo a consciencializar as grandes massas da população, concedendo prioridade a textos de raízes nacionais.

3. Impedir os monopólios de exploração dos espectáculos de prosseguirem a sua acção de asfixia da vida cultural.

4. Apoiar os cineclubes com os meios necessários, nomeadamente, concessão de facilidades e distribuição de cópias de filmes existentes na cinemateca nacional.

5. Apoiar a imprensa, na sua missão cultural, promovendo a divulgação em bibliotecas públicas e em instituições culturais e recreativas, civis e militares.

PROPÕE: — Que todos os sectores da vida cultural se organizem e assumam perante o País as responsabilidades inerentes a uma normal vida cultural.

MISSÃO COMERCIAL A PARIS

Segue para Paris uma missão comercial portuguesa (17 elementos) promovida pelo Fundo de Fomento de Exportação, permanecendo naquela cidade durante uma semana. Além dos delegados de três bancos, a missão do F.F.E. engloba industriais de tecidos, confecções, frutas, ourivesaria, artigos de decoração, materiais de construção, acessórios de automóveis, etc..

«QUEM DELEGOU EM CARRAJOLA A MORTE DE CATARINA?»

Do Rotary Club de Beja recebemos um telegrama refutando afirmações feitas no nosso jornal sobre as circunstâncias em que foi assassinada Catarina Eufémia:

«Rotary Club de Beja, constituído por elementos dos mais variados credos políticos, em reunião expressa resolveu unanimemente manifestar inteiro repúdio acusações feitas dr. Fernando Nunes Ribeiro artigo «Quem delegou em Carrajola a morte de Catarina?º publicado ontem vosso jornal, visto ter formal conhecimento serem infundadas acusações a ele atribuídas no lamentavel caso Catarina Eufémia.»

EXPLOSÃO E INCÊNDIO

Continuação da pág. 1

casas, contou que a «boite» tinha, apenas, em funcionamento o rés-do-chão, com seis mesas, e o bar, albergando o máximo de 30 pessoas. A casa era regularmente frequentada sendo normal as noites com duas dezenas de clientes. Segundo ele, a cave em que coloravam a alcatifa ia entrar em funcionamento muito brevemente, possivelmente hoje mesmo.

Para fechar a notícia deste incêndio de consequências graves a nota de um golpe de sorte: o Carlos Alberto devia ter entrado na «boite» às 15 horas, para cumprir o seu horário normal de trabalho. Simplesmente, assuntos da sua vida particular atrasaram-no e chegou lá eram quase oito da noite, quando tudo ardia com enorme violência e iam sendo retirados os corpos dos sinistrados.

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

REUNIÃO DE DELEGADOS SINDICAIS

Convocam-se os Delegados Sindicais para se reunirem com a Direcção Provisória na próxima **3.ª feira (dia 14) pelas 21 horas na Rua do Alecrim, 46 - 1.º, Lisboa.**

A DIRECÇÃO PROVISÓRIA

MUITO PROCURADOS...

Têm sido muito procurados por inúmeros amigos, os componentes da equipa técnica da ELECTRO ÁTOMO, Largo da Anunciada, 20 — Rua de S. José, 1 a 7 - Lisboa 2, Telefone 32 57 21, onde esperam uma visita. OBRIGADO AMIGOS!

electro átomo

IGNIS • JVC NIVICO • MORPHY-RICHARDS • SUPER SER

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

ADMISSÃO DE PESSOAL

ADMISSÃO IMEDIATA DE	Vencimento Base	Vencimento Limite
Cobradores	3.700$00	4.000$00
Motoristas de Serviço Público	4.100$00	4.500$00

REGALIAS

— COMPARTICIPAÇÃO NA COBRANÇA
— Subsídio de férias
— Subsídio de Natal
— Abonos de horário
— Abonos de percurso (só para Cobradores)
— Assistência médica e medicamentosa **gratuita**
— Transportes gratuitos
— Feriados pagos
— Licenças especiais com vencimentos, etc., etc.

CONDIÇÕES

Idade até 35 anos
Serviço militar cumprido
Bom comportamento civil e militar

Trata Sector de Gestão do Pessoal
Rua 1.º de Maio, n.º 103, St.º Amaro — Lisboa - 3

SSÃO
MERCIAL
ARIS

e para Paris uma mis-
mercial portuguesa
mentos) promovida
ndo de Fomento de
ção, permanecendo
cidade durante uma
. Além dos delega-
três bancos, a mis-
F.F.E. engloba indus-
de tecidos, con-
, frutas, ourivesaria,
de decoração, mate-
construção, aces-
e automóveis, etc..

ARRAJOLA
ARINA?»

emente manifes-
eiro repúdio acu-
feitas dr. Fernan-
es Ribeiro artigo
delegou em Car-
morte de Catari-
publicado ontem
ornal, visto ter for-
nhecimento serem
das acusações a
buídas no lamen-
aso Catarina Eu-

NDIO

echar a notícia deste
de consequências
nota de um golpe de
Carlos Alberto devia
do na «boite» às 15
ra cumprir o seu ho-
mal de trabalho. Sim-
e. assuntos da sua vi-
cular atrasaram-no e
á eram quase oito da
ando tudo ardia com
iolência e iam sendo
os corpos dos sinis-

SSIONAIS
O DE LISBOA
S SINDICAIS

cais para se reuni-
próxima **3. feira**
Alecrim, 46 - 1.º.

PROVISÓRIA

o de Lisboa

ESSOAL

Vencimento

se	Limite
0$00	4.000$00
0$00	4.500$00

ANÇA

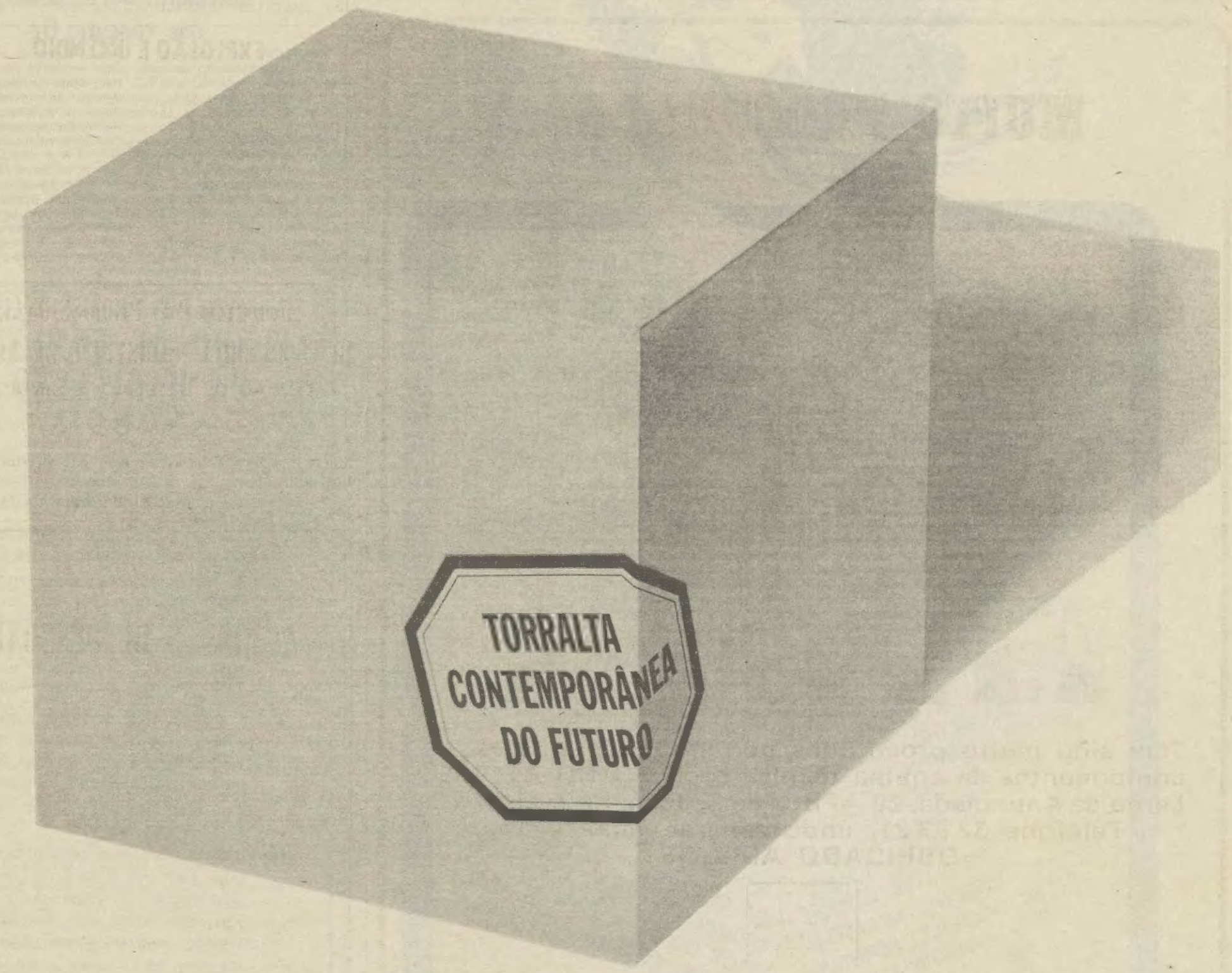
obradores)
entosa **gratuita**

ntos, etc., etc.

ar
al
aro — Lisboa - 3

2 A Torralta, sempre teve consciência dos desequilíbrios sócio-económicos que podiam ser gerados pelo turismo e por isso, nunca considerou a sua actividade principal como uma indústria prioritária mas como motor do desenvolvimento de outros sectores de actividade que lhe são necessariamente complementares, particularmente a agricultura, a pecuária e as pescas, bem como de todas as outras actividades fundamentais ao desenvolvimento das infraestruturas que também servem o Turismo.

Foi esta concepção de Turismo que a Torralta adoptou, procurando encontrar novas e válidas soluções para os problemas desse e de outros sectores carecidos de todo o apoio e que desempenham papel fulcral em todo o processo económico.



PUBLITORAL

REUNIÕES DO DELEGADO DA J.S.N. COM REPRESENTANTES DOS SINDICATOS

Têm vindo a ser realizadas reuniões do delegado da Junta de Salvação Nacional no Ministério das Corporações e Segurança Social com representantes dos sindicatos de diversos sectores profissionais.

Essas reuniões destinam-se a esclarecimento nútuo sobre os problemas dos trabalhadores e sobre os princípios que devem orientar a actuação no presente momento, de harmonia com o programa do Movimento das Forças Armadas e as determinações da Junta de Salvação Nacional.

Nesta ordem de ideias, já tiveram oportunidade de se reunirem com o delegado da Junta de Salvação Nacional — independentemente de audiências separadas a muitos outros representantes dos mais variados sectores — os seguintes sindicatos:

No dia 9 do corrente:

Lanifícios, Químicos, Têxteis, Pessoal de Voo, Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Caixeiros, Técnicos de Desenho, Telefonistas, Hoteleira, Motoristas, Propaganda Médica e Serviço Social.

No dia 10:

Transportes Urbanos, Moagem, Mármores, Cerâmica, Telecomunicações, Cobradores, Contínuos, Profissionais de Escritório, Seguros, Bancários, Garagistas e Ferroviários.

No dia 11:

Vidreiros, Ajudantes de Farmácia, Empregados de Administração e Revisores de Imprensa, Profissionais em Armazém, Trabalhadores em Carnes, Cartonageiros, Gráficos, Enfermagem, Ourives, Panificação, Lacticínios e Metalúrgicos.

Também no dia 10 se realizou, em moldes análogos uma reunião com grupos de representantes de trabalhadores de empresas da zona fabril compreendida entre Sacavém e Vila Franca de Xira.

OS TRABALHADORES DA «TIMEX» MANTÊM-SE EM GREVE

Continuam em greve os cerca de dois mil trabalhadores da Timex, na Charneca da Caparica. Entre as reivindicações dos trabalhadores, apresentadas à empresa no dia 7, constava um ponto que eles consideram fundamental: a expulsão imediata dos «quadros Luís Moisão, João Sousa, António Gomes, Machado da Silva, Brandão de Oliveira e Maria José, que consideram «indesejáveis e responsáveis pelo mau ambiente que se respira na fábrica».

Os representantes dos trabalhadores já se avistaram duas vezes com delegados da Junta de Salvação Nacional. Como o prazo concedido pelos operários não foi cumprido, estes entraram em greve, ocupando a empresa, e mantendo piquetes nos locais de trabalho.

Outras reivindicações, que os trabalhadores consideram, nesta altura, secundárias: semana de 40 horas, fim do trabalho a prémio, fim de trabalho extraordinário, paragem nos despedimentos e readmissão dos trabalhadores despedidos que o desejem; um mês de férias; 13.º mês; pagamento de todas as horas gastas com idas ao médico acompanhar familiares; vencimentos não confidenciais; e defesa do princípio «para trabalho igual, salário igual».

Os trabalhadores da Timex «compreendem perfeitamente a posição da J.S.N. neste momento e não desejam a greve». Esperam, por isso, que o assunto seja resolvido a curto prazo, mas declaram manter-se firmes na sua posição enquanto os responsáveis acima citados não abandonarem a empresa.

Previsão meteorológica
VOLTA A CHUVA

Situação geral às 18 horas de ontem:

Em Portugal continental o céu estava muito nublado em várias regiões e o vento era fraco.

Temperaturas do ar, máximas e mínimas: Beja, 21/15, Bragança, 15/4, Coimbra, 18/7, Faro, 19/9, Funchal, 19/16, Lisboa, 18/10, Penhas Douradas, 10/0, Ponta Delgada, 18/16, Portalegre, 17/6, Porto, 16/8.

No mesmo dia do ano passado, em Lisboa: max. 26, min, 13.

Quantidade de precipitação em milímetros caída nas últimas 24 horas até às 18 horas: Funchal, 0,6, Ponta Delgada, 6,0, restantes estações, 0.

No mesmo dia do ano passado, em Lisboa: 0.

Previsão até às 24 horas de hoje:

Agravamento do estado do tempo com céu muito nublado ou encoberto, vento moderado de sudoeste com períodos de chuva ou aguaceiros.

Reivindicações do pessoal dos cimentos Liz

MACEIRA DO LIZ, 12 — Com a representação da Junta de Salvação Nacional teve lugar na casa do pessoal da empresa de cimentos de Leiria (Fábrica Liz) uma reunião de trabalhadores da mesma, onde foi tornado público um programa de saneamento e uma lista de reivindicações que vão ser presentes à administração ao mesmo tempo que serão dadas a conhecer à JSN.

O salão onde se realizou a reunião não foi suficiente para comportar todos os interessados. Os pontos apresentados pela comissão dos trabalhadores foram totalmente aprovados por unanimidade e alguns deles por aclamação. Entre os principais destacam-se a demissão imediata do director da fábrica e a reorganização de alguns serviços da mesma no que se refere principalmente à secção de pessoal, reformados, pessoal deslocado das suas funções iniciais, salários, subsídios de renda de casa, acordo colectivo de trabalho e parte social.

ABEL SALAZAR
ALBERTO FERREIRA
ÂNGELO DE LIMA
ANTUNES DA SILVA
ARMANDO CASTRO
AUGUSTO GOMES
EDUARDO LOURENÇO
EUGÉNIO DE ANDRADE
FRANCISCO MARCELO CURTO
JOÃO GASPAR SIMÕES
JOEL SERRÃO
JORGE LIMA BARRETO
JORGE PINHEIRO
JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS
LUÍS VEIGA LEITÃO
MANUEL FERREIRA
MARIA DA GLÓRIA PADRÃO
MARTA DE LIMA
ÓSCAR LOPES
PAULO QUINTELA
RAUL GOMES
RUI LUÍS GOMES
SIDÓNIO MURALHA
VERGÍLIO FERREIRA
VIRGÍNIA MOURA

AFONSO RIBEIRO
ALEXANDRE CABRAL
ÂNGELO DE SOUSA
ARMANDO ALVES
ASSIS ESPERANÇA
BENTO GONÇALVES
EGITO GONÇALVES
FERNANDO GUIMARÃES
JOÃO DE ARAÚJO CORREIA
JOÃO SARMENTO PIMENTEL
JOFRE AMARAL NOGUEIRA
JORGE DE SENA
JOSÉ RODRIGUES
JÚLIO RESENDE
MANUEL ALBERTO VALENTE
MARGARIDA LOSA
MÁRIO SACRAMENTO
MIGUEL FRANCO
PAPINIANO CARLOS
RAUL CASTRO
ROGÉRIO DE FREITAS
SÁ COIMBRA
URBANO TAVARES RODRIGUES
VÍTOR DE SÁ
ZEFERINO COELHO

Editorial Inova / Porto / Apartado 466

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO
ANÚNCIO

Concurso público para o arrendamento das lojas n.ºs 5, 5 A e B e 5 C, situadas na Praceta Grão Vasco, do Bairro de Odivelas.

1. — Faz-se público que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites no Fundo de Fomento da Habitação, com sede na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 5, em Lisboa, propostas para o concurso acima designado.
2. — O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na sede deste Organismo — Divisão de Património e Contencioso — onde pode ser examinado durante as horas de expediente.
3 — As propostas podem ser entregues pelo concorrente ou um seu representante, ou remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de recepção, realizando-se a abertura das mesmas, às 11 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Lisboa, em 22 de Abril de 1974.

O PRESIDENTE
Jorge Carvalho de Mesquita
Engenheiro

encimentos não confiden-
e defesa do princípio
trabalho igual, salário

trabalhadores da Timex
preendem perfeitamente
ição da J.S.N. neste mo-
e não desejam a greve».
am, por isso, que o as-
seja resolvido a curto
mas declaram manter-se
na sua posição enquan-
responsáveis acima cita-
ão abandonarem a em-

ológica
VA

ntidade de precipitação
ilímetros caída nas últi-
4 horas até às 18 horas:
al, 0,6, Ponta Delgada,
stantes estações, 0.

mesmo dia do ano passa-
Lisboa: 0.
visão até às 24 horas de

avamento do estado do
com céu muito nublado
coberto, vento moderado
doeste com períodos de
ou aguaceiros.

o pessoal
os Liz

Os pontos apresentados
omissão dos trabalhado-
ram totalmente aprova-
or unanimidade e alguns
por aclamação. Entre os
ais destacam-se a de-
imediata do director da
e a reorganização de
serviços da mesma no
refere principalmente à
de pessoal, reforma-
essoal deslocado das
nções iniciais, salários,
os de renda de casa,
colectivo de trabalho e
ocial.

S PÚBLICAS
OMENTO
AÇÃO
IO

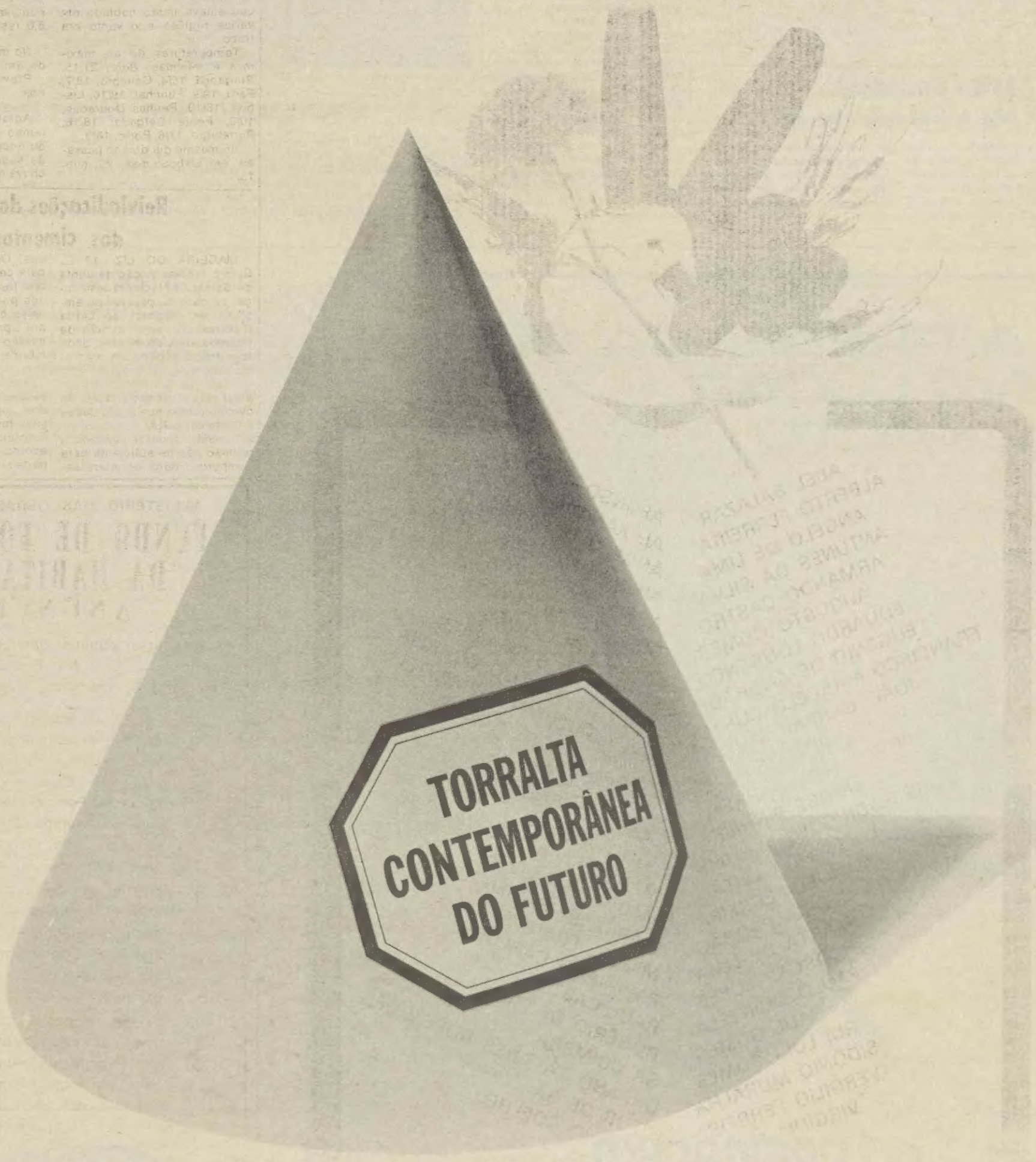
o arrendamento
6 C, situadas na
rro de Odivelas.

durante o prazo
do dia seguinte
este anúncio no
, são aceites no
a Habitação, com
umbano Bordalo
isboa, propostas
cima designado.
urso encontra-se
as úteis na sede
Divisão de Patri-
so — onde pode
nte as horas de

odem ser entre-
te ou um seu re-
etidas pelo cor-
com aviso de re-
e a abertura das
s do primeiro dia
termo do prazo
.

e 1974.
DENTE
de Mesquita
enheiro

3 A Torralta sempre considerou que o lucro, embora possa funcionar como incentivo e indicador da gestão nunca poderá ser critério único e decisivo para nortear a acção. A acumulação de capital em sentido técnico, que foi possível realizar por essa via, com as infraestruturas materiais e de organização de produção em que assenta terá que estar sobretudo e essencialmente ao serviço de todos e para que todos participem, sempre e cada vez mais, no processo que conduz à sua valorização. É com os olhos postos, desde os milhares de accionistas que nos fizeram confiança, aos dez mil trabalhadores das nossas empresas, que a Torralta tem procurado através de ideias inovadoras conseguir criar riqueza de que todos possam vir a beneficiar.



PUBLITOTAL

PLENÁRIO DOS ADVOGADOS

«LIVRO BRANCO» DA VIOLÊNCIA E REVISÃO DA CONCORDATA

Centenas de advogados reunidos ontem em Plenário na sede da Ordem, em Lisboa, discutiram problemas importantes afectos à sua actividade, nomeadamente a publicação de um «livro branco» sobre as violências cometidas sobre presos políticos e de direito comum, e a revisão urgente da Concordata de Portugal com a Santa Sé.

O móbil da reunião foi acordar sobre um processo democrático de eleição dos novos órgãos gestores da Ordem dos Advogados, uma vez que alguns dos delegados pediram a demissão dos seus cargos. No decorrer do plenário ficou assente que as eleições seriam feitas depois de definida a nova estrutura daquele organismo, mantendo-se, até lá, os actuais corpos gerentes.

Entretanto, foi apresentada a votação uma moção-base em que se propõe, entre outras medidas, a criação de sociedades civis de advogados, a especialização dos advogados por ramos de direito, maior celeridade e eficiência na justiça, fixação de tabelas médias de honorário e a extinção de quaisquer jurisdições especiais ou tribunais de excepção.

Nesta moção, apresentada pelos poderes constituídos, foi dada particular atenção à necessidade de serem aplicados castigos aos culpados pela prática de crimes de corrupção, no sector dos dinheiros públicos.

Os efeitos civis dos casamentos canónicos realizados após o contrato celebrado em 1940 entre Salazar e o Vaticano também foram objecto de capítulo especial nesta moção-base, sobre o qual se debruçará a atenção dos advogados que pedem a revisão urgente da Concordata.

Quanto às atrocidades cometidas nas pessoas dos detidos, por motivos políticos ou direito comum, deverão ser alvo de denúncia no «livro branco» a publicar pelos advogados.

Na mesma moção, foi proposta uma constribuição para anular o autoritarismo verificado em certos sectores da magistratura, em relação com arguidos, testemunhas e os próprios advogados.

Além desta moção-base, outras moções foram apresentadas por grupos de advogados, tendo a mesa decidido estabelecer uma ordem prioritária de votações.

Aviões particulares não podem voar amanhã

Por determinação da Junta de Salvação Nacional são proibidos os voos de aeronaves particulares e de aeroclubes incluindo helicópteros dos SVC florestais e táxis aéreos, no dia 13 de Maio de 1974.

E rigorosamente proibido o sobrevoo a baixa altitude na região de Fátima, de aviões e helicópteros, no mesmo dia.

CONDECORADO O ENG. MANUEL ROCHA

O embaixador da França em Portugal, Bernard Durand, entregou, no decorrer de uma cerimónia realizada nos salões da Embaixada, a roseta de Oficial da Legião de Honra, ao eng. Manuel Rocha, presidente da Comissão dos Laboratórios de Engenharia Civil. Assistiram ao acto amigos do condecorado, bem como os colaboradores superiores da Embaixada. Na alocução proferida, o embaixador pôs em evidência os estreitos laços existentes entre os dois países, em particular no campo da Engenharia Civil e a contribuição pessoal do eng. Manuel Rocha

A PRESENÇA CERTA NO LUGAR EXACTO

Parede

Queluz Ocidental

Rana

Mem Martins

Cacém

LR-U2-74

URBICACÉM

SOC. DE URBANIZAÇÕES E CONSTRUÇÕES, LDA.

Apartado 19 - Tel. 2941983 - CACÉM

O CAPITÃO PERALTA NO HOSPITAL MILITAR

De acordo com fontes que nos merecem absoluta confiança, o capitão Peralta, cubano preso na Guiné e julgado e condenado na Metrópole, cuja libertação se agurada a todo o momento em resultado da última amnistia para todos os presos políticos, foi transferido do Hospital da Cruz Vermelha para o Hospital Militar Principal.

Julga-se que a mudança é justificada como medida de segurança, até a Junta de Salvação Nacional decidir em definitivo sobre a sorte daquele militar cubano.

FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO N.º 1

RECRUTAMENTO DE MANCEBOS VOLUNTÁRIOS COM DESTINO A SARGENTOS MILICIANOS DA POLÍCIA AÉREA

Faz-se público que, nos termos da Portaria N.º 260/70 de 30 MAI 70, está aberto concurso para a admissão de mancebos voluntários com destino a Sargentos Milicianos da Polícia Aérea.

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

a) Ter mais de 17 e menos de 21 anos de idade no acto das inspecções médicas;

b) Ter como habilitações literárias mínimas o 2.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes;

c) Ser solteiro ou viúvo, sem encargos de família;

d) Tempo de serviço obrigatório: 4 anos.

Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimentos, ao Centro de Recrutamento e Mobilização N.º 1, Rua Newton, N.º 6, r/c. Lisboa Telef. 837926, até ao dia 28 de Junho de 1974.

Lisboa, 2 de Maio de 1974.

O CHEFE DO CENTRO

Octaviano Ivo Soares dos Santos

Ten. Cor.

motor revista

CHA

orrer de uma cerimónia Honra, ao eng. Manuel sistiram ao acto amigos Na alocução proferida, is países, em particular Manuel Rocha

LTA
ITAR

pital da Cruz Vermelha Hospital Militar Princi-

-se que a mudança é da como medida de se-, até a Junta de Sal-acional decidir em defi-bra a sorte daquele mi-ano.

ÉREA

E MOBILIZAÇÃC

EBOS VOLUNTÁ-TOS MILICIANOS REA

a Portaria N.º 260/70 a admissão de man-s Milicianos da Polícia

MISSÃO

anos de idade no acto

s mínimas o 2.º ciclo es

rgos de família:
4 anos.

inserções e dirigir os t o de Recrutamento 1974.

O CENTRO
ares dos Santos

otor
revista

4 O turismo do futuro, que a Torralta sempre preconizou, e agora sente mais do que nunca possível, terá que ser forte promotor de entradas de divisas, fundamentais para fomentar a aquisição de bens de equipamento que contribuirão para a industrialização do país, com a consequente criação de mais empregos que aliciem o regresso à pátria de toda a mão-de-obra emigrada. Terá que se inscrever mais fortemente nos sectores de actividade que lhe são complementares, incrementando o desenvolvimento sócio-económico ao âmbito regional e nacional e terá que repartir mais correctamente os seus benefícios por todos os trabalhadores que devem participar activa e intimamente na vida da empresa.

PUBLITOTAL

José Rabaça

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE LANIFÍCIOS

A SOBREVIVÊNCIA ECONÓMICA DE PORTUGAL DEPENDE DA SOBREVIVÊNCIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL

Sector tradicional da economia nacional, a indústria têxtil é responsável por importante cota-parte dos principais produtos industriais importados No seu conjunto, a têxtil é talvez a primeira indústria do País

Para nos falar dos múltiplos problemas desta actividade procurámos José Rabaça, industrial de lanifícios, presidente da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios e do Conselho Nacional dos Industriais de Malhas, vice-presidente da Federation Lainier International, representante da F N I L no Secretariado Internacional da Lã e na Corporação da Indústria, vogal da direcção da Caixa Sindical da Previdência do Pessoal da Indústria dos Lanifícios e procurador à Câmara Corporativa

Jose Rabaça é, aliás, um nome suficientemente conhecido, quer pela sua posição cívica, quer pelos apreciados artigos, que deixou de publicar, no «Jornal do Fundão». Contudo, ele tem continuado a colaborar numa revista de circulação restrita, «Lanifícios», órgão da F.N.I.L. de que é, naturalmente, director.

Num dos seus editoriais «Penso que...», escreveu:

«Tivemos nós, na nossa industria, de nos adaptar nos dois últimos anos à alta de preços que se verificou em tudo que compramos e necessitamos de adquirir (...). Reflexamente, os nossos produtos elevaram-se. E aconteceu até que o mercado consumidor, tanto interno como externo, envolvido na mentalização inflacionária, correspondeu à elevação, comprando a um ritmo superior ao habitual (...). Estou certo que nos encontramos numa das horas mais difíceis desta metade do século em que vivemos (...). Uma certeza que pode ser um alento: a Humanidade veste-se por necessidade e não por capricho. Por capricho despe-se. Vestir e despir implica o fio, o tecido, a malha...»

A crise do petróleo também repercutiu no sector. Disse-nos um técnico que as suas repercussões vão influenciar a moda, de maneira decisiva. A crise determinou uma revisão do leque de matérias-primas disponível. Entretanto, Portugal acaba de pedir o levantamento do embargo do petróleo. Deste circunstancialismo resultou a nossa primeira pergunta: caso essa revisão se verifique, qual será o panorama futuro das matérias-primas e suas influências na produção?

— **Para já, não se reveste de fundamental importância o problema das matérias-primas. As que são produzidas entre nós, derivadas do petróleo e de que o sector têxtil carece, encontram-se limitadas às fibras «poliester» produzidas pela FINICISA, em Portalegre. Entretanto, a FINICISA reduz-se à transformação do polímero, sendo este importado. Assim, o levantamento do embargo não terá consequências de ordem positiva ou negativa, uma vez que nos encontramos afastados da fase inicial que implica o tratamento da rama.**

A curto prazo, provavelmente em 1975, já será diferente, uma vez que a CUF, ligada a um grupo japonês, instala presentemente uma fábrica de fibra acrílica que funcionará a partir da refinação de Sines.

Aproveito a oportunidade para me referir às esperanças que todo o sector têxtil deposita na moralização dos «costumes», de forma a terminar-se com o privilégio concedido à FINICISA pela via indirecta da pauta aduaneira, de natureza leonina, que incide na importação das fibras poliéster de que a indústria nacional carece para transformar.

É evidente que, no Portugal pós-25 de Abril, será absurdo considerar a hipótese de se vir a conceder à CUF uma situação paralela à encontrada para a FINICISA.

A possibilidade de a indústria têxtil portuguesa vir a trabalhar em condições de igualdade de preços com as restantes empresas estrangeiras nas matérias-primas de que necessita é encorajante ao seu desenvolvimento, que se me afigura necessário à consolidação económica do País.»

No princípio deste ano, a rarefacção na oferta e a galopante subida de custos de certas matérias-primas patentearam a vulnerabilidade de certas estruturas económicas. O problema da fragilidade económica poderá conduzir a graves consequências. Prevê-se uma crise mundial para 1975. Estas angústias reflectidas em escritos seus, ainda se mantêm?

— **Uma crise do têxtil, inserida numa crise industrial generalizada, afectando a economia não-socialista, está nas previsões dos economistas. No caso português, a situação, quanto ao têxtil, era particularmente grave, uma vez que tal actividade não se incluía, e nunca se incluiu, no número dos sectores paternalmente protegidos pelos próceres do regime fascista. Pelo contrário, o têxtil, embora representando no seu cômputo o mais significativo e mais válido valor industrial, encontrou-se sempre afectado pelas benesses concedidas a outras actividades de que dependia. Referi já o caso das fibras poliéster que éramos obrigados a comprar a preços com diferencial exorbitante na ordem objectiva e percentual em relação aos seus transformadores de outros países. Mas temos inúmeros casos de sujeição a actividades monopolistas, desde o ferro e cimento necessários à construção das nossas instalações, até à energia e aos combustíveis, passando pelos próprios maquinismos, em que se estava a tornar trágica a sua importação com isenção de direitos.**

As perspectivas são ainda de angústia.

O ambiente que se respirava na recente Comerência Internacional da Lã, realizada em Melbourne, era pesado, a traduzir as preocupações inerentes a um trabalho parcial que se verifica em países industrialmente evoluídos, como o são a Alemanha e a Itália Espero, contudo, que a possibilidade que se nos abre de sanearmos pelo menos os entraves internos que dificultavam o nosso desenvolvimento, em simultâneo com uma compreensão ao nível internacional, que é legítimo aguardar

e faço aqui uma referência muito especial ao que de positivo aguardamos da acção desenvolvida por Mário Soares nos países socialistas do Norte da Europa e que são os nossos maiores clientes — nos permitam superar uma situação que seria trágica no segundo semestre de 1974.

Um certo desfasamento para que se caminhava nas relações trabalhadores-empresas, com os primeiros frustados nos aumentos que conseguiam e eram absorvidos pela inflação, os segundos incapacitados de proceder às correcções que seriam lógicas, creio que será superado pela consciencialização política que a lógica determina que se verifique no prosseguimento da consciencialização cívica que ficou demonstrada durante a Revolução da Flor.

Ser, ainda que minimamente, optimistas, é uma obrigação de momento. Entretanto a têxtil «perdeu o comboio» no panorama industrial português. O sector não foi convenientemente amparado. Em que medida estas circunstâncias limitaram a indústria?

— Tendo perdido o comboio, ainda assim, era o Têxtil o sector mais destacado da nova indústria. Em valor produzido. Em valor exportado. Em número de empresas. Em número de trabalhadores. Com vícios e defeitos? Pois com certeza. Os vícios e defeitos implícitos numa política de meio século, conducente à estupidificação maciças, necessária ao usufruto das regalias de meia dúzia convencida que era zarolha em terra de cegos. Só que, potencialmente a até na sequência do ripanso prolongado, os zarolhos já eram mais cegos que os próprios cegos.

«O comboio perdido era o comboio nacional. O Sud para a Europa, na ordem industrial, ainda era o têxtil.

«Não vejo no panorama industrial português nenhuma empresa que possa colocar-se ao lado, por exemplo, da Riopele, na distribuição dos seus produtos. Em 1973, 34,8 por cento da sua produção foi para o Mercado Comum e 30 por cento para a EFTA.

«O Continente limitou-se a absorver 25,8 por cento. É óbvio que a têxtil portuguesa não é feita de Riopeles. Mas também a Riopele não é caso isolado. E poderemos agora, quero crer, aproximarmo-nos do seu padrão empresarial.

«Na ordem prática, os tempos vividos sob o regime de condicionamento industrial foram propícios à paralisação da iniciativa. Os tempos que se seguiram na era marcelista, apenas aumentaram a confusão. Com Salazar, o condicionamento era duma rigidez só flexível à criação dum ou outro «baronato», concedido por privilégio. Com Marcelo, assistiu-se à inflação dos novos «barões». Entalado e atónito sempre o empresário que aspirasse à expansão dentro da legalidade ignorada pela administração corrupta.

«Às aventuras que, na ordem dos princípios, se pretendia opor à «economia dirigida», «a bem da Nação», nada de facto se opôs. Porque a única possibilidade residiria na liberdade com a respectiva responsabilidade. Criou o condiconamento industrial uma nova indústria, a dos alvarás.

«Só que os alvarás, que enriquecerem alguns, constituíram sempre um óbice ao desenvolvimento dos mais responsáveis, necessariamente desinteressados de investir uma coisa que só tinha valor na «ocidental praia.»

Nova pergunta:

— Para além desses, quais foram os outros problemas que condicionaram a indústria?

— Por exemplo, a divisão sempre imposta aos vários sectores que constituem o grupo têxtil, assim condenados a isolamentos que os enfraqueciam. A primeira atitude empresarial tomada pelos responsáveis foi precisamente a de se reunirem para a criação da «Associação Portuguesa das Empresas Têxteis», destinada a substituir toda uma orgânica complicada e envelhecida, controlada e vigiada.

«Uma vez pretendi aproveitar uma cerimónia oficial para reivindicar ao governante que estaria presente a constituição da Corporação dos Têxteis, e só dos Têxteis. Conhecedor que foi dos meus propósitos, adiou o acto. Isto ao nível de se pretender uma Corporação.

«Este factor é importante, porque sintetiza a posição do poder fascista perante uma actividade que desprezava, precisamente por se caracterizar pelo número amplo de empresários que a constituíam e, logicamente, nada tinhamos que ver com as «élites» monopolistas.

«Outros problemas eram tudo que saía do nosso profissionalismo até ao ponto limite, para que caminhávamos, de em breve não podermos exportar mais, pela falência das infra-estruturas. Com efeito, os transportadores para a Europa dos nossos produtos, e que são predominantemente os camionistas, em face dos condicionalismos dos portos de Lisboa e Leixões terem afastado a via marítima, manifestavam o propósito de não voltar a Portugal, porquanto, as estradas e as formalidades burocráticas lhes retiravam qualquer hipótese de rentabilidade de exploração.

«Refiro este caso, porque se me afigurar ser de facto um limite a traduzir a deterioração geral.»

O actual momento político português impunha a questão seguinte:

— Na sua opinião, como vai o novo regime de relações de trabalho modificar o sector?

— Mantivémos, ao longo dos anos, um clima de contactos e respeito mútuo entre as representações patronais e operárias. Suponho que tal situação foi tornada possível, quanto aos lanifícios em que me integro e cujos porblemas conheço, pela coincidência de pontos de vista quanto às relações existentes, condicionadas à dependência homologatória do Ministério das Corporações: a de não interessar essa intervenção a nenhuma das partes.

«Acontece que, tanto os responsáveis sindicais como patronais dos lanifícios, desenvolveram sempre uma actividade política que fugia à regra geral da adesão ao regime.

«Por mim, defendi o direito à greve e ao «lock-out» e, simultaneamente, a extinção do Ministério das Corporações, no Congresso de Aveiro de 1969. Defendi a entrega da administração da Previdência aos Sindicatos, quando tomei posse, em representação patronal, dum lugar de director na Caixa respectiva. ligam-me a Manuel Correia Lopes, presidente do Sindicato, relações nascidas da admiração que sempre lhe patentee, pela sua actividade na função e que superou sempre as discordâncias de pormenor.

«Depois do 25 de Abril, suponho que tenham sido as Direcções da sua e minha presidência as primeiras a sentarem-se a uma mesa para o estudo dos problemas que nos são comuns.

«Suponho que as condições criadas pelo Movimento são conducentes não só à manutenção, mas antes à intensificação da procura de entendimento.

«Para já, a gestão da Caixa dos Lanifícios pertence ao Sindicato, porque logicamente nos retirámos, uma vez criadas as condições desejáveis ao ponto de vista comum.

«Estamos agora perante um problema de reivindicação salarial. Havemos de tudo fazer para reparar situações anteriormente criadas. E agora, em ambiente propício ao estudo comum dos problemas comuns, procuraremos chegar ao ponto de comum interesse: assegurar a sobrevivência da empresa com valor que interessa, para já, a trabalhadores e empresários. A maior dificuldade não vai residir na capacidade de diálogo, antes se situando na trágica herança que recebemos, uns e outros.

«É evidente que uma reestruturação de normas que regulam o trabalho se impõe, face aos direitos recíprocos que nos reconhecemos. Suponho, pois e em resumo, que o novo regime será estimulante para ambas as partes, em termos de vencer barreiras de produtividade baixíssima que resultou por culpas de ambas as partes. Em relação à incidência do sector têxtil em regiões do País, creio que considerado ao nível dos lanifícios, dos algodões, das malhas, e de confecções, não existirá um só conselho em que não esteja presente. A particular incidência em zonas como Covilhã, Mira d'Aire, Gouveia, Castanheira de Pêra, Gukmarães Santo Tirso, Porto, Barcelos, etc. acabará pelo reconhecimento de que a sobrevivência económica de Portugal depende, antes de qualquer outra actividade, da sobrevivência da indústria têxtil. Se ligarmos ao sector industrial todo o aglomerado comercial inserido no circuíto, desde o abastecimento à distribuição, encontraremos mais de um milhão de empregos ligados ao têxtil.»

— **As modernas condições de concorrência internacional vão alterar os actuais parâmetros do problema da formação dos quadros. Estou a lembrar-me, por exemplo, do facto de o nosso país, sendo um têxtil importante, nunca ter formado engenheiros para a especialidade. No entanto, quando não tínhamos indústria pesada, já se formavam engenheiros químicos, mecânicos, etc. Por outro lado, o problema do design, essencialmente criativo ou de adaptação, também não foi ainda devidamente encarado. E o problema do restante pessoal especializado?**

— Um dos pontos onde se evidencia a inconsciência a roçar pela inépcia dos que nos governaram reside na nula atenção dada ao problema da preparação escolar de operários e técnicos têxteis e, igualmente, de quadros administrativos específicos.

«Revestiu-se, nesse aspecto, de meritória intervenção a decisão da Federação dos Industriais, ao criar bolsas no estrangeiro que permitiram, ao longo do tempo, a formação de 72 técnicos têxteis, encontrando-se presentemente cerca de uma dezena em formação. Na fase tecnocrática do regime deposto, seria lógico admitir uma atenção ao assunto. Tal não aconteceu. Virados ao futuro, o presente não foi tido em conta. O esquema montado não serviu as realidades portuguesas. Acabou por nada servir que não fosse o esboroar das autopias.

«A concorrência internacional dos nossos produtos é muito viva. A EFTA abriu-nos caminhos que permitiram um treino que já possibilitou a penetração da CEE. A hipótese duma abertura a Leste, a todos os títulos desejável, não nos facilitará a vida, em princípio,

Continua na pág 19

UM N

**Passado o dia g
co, inegavelmente
o 1º de Maio de
a civilidade de um
de quarenta e oito
das liberdades funda
ra iniciativa, uma jo
festa do trabalho,
País, agora em mold
tação das grilhetas
dia que concretizou
que foi o último 2
tarefa que estará
que é preciso reforç**

E preciso agora trab
mas trabalhar muito, ca
no seu sector se que
construir um Portugal
bem diferente daquele q
foi deixado pelo goverr
posto que depauperou,
breceu, desprestigiou ir
cionalmente um País
não é só de alguns, que
mente é de todos os por
ses.

As instituições democr
agora em rápida organi
os sindicatos livres, o
máquina opressora do
do, as liberdades de
mento, de palavra, de
são um início frutuoso
futuro risonho que nos e
O Governo provisório qu
constituído (ou já esta
momento da publicação
artigo) e as eleições L
que representarão daqui
ze meses a vontade aut
do povo português, signif
passos essênciais para a
lidação de uma vitória da
dade.

Mas a sua verdadeira
será muito facilitada se
este generoso povo port
que mostou claramente
de Maio aquilo de que
mente é capaz, se emp
agora na luta que lhe ca
lo ressurgimento de um
gal novo, trabalhando
afinco e convicção...
agora VALE A PENA!

O fascismo caiu, mas
continua, não só na defes
liberdades e na consoli

EXPORTAÇÃO

Servi

LISBOA / US

Único serviço tot
e chegadas semana
Enchimento de co
(6.as-feiras) no Parc

NAVIOS	Lisboa saídas
Atl. Montreal	21 5
Atl. Livorno	28.5
Atl. Marseille	4 6
Atl. Genova	11 6

Tempo do percurs
Tempo do percurs

OS A

SOCIEDADE
OREY,
Praça Duque
Lisboa 2

JOSÉ VACONDENS

UM NOVO TURISMO NUM PORTUGAL NOVO

Passado o dia glorioso, verdadeiramente histórico, inegavelmente autêntico, do povo português — o 1º de Maio de 1974 —, demonstrada que foi a civilidade de uma massa popular que, apesar de quarenta e oito anos de completo esmagamento das liberdades fundamentais, realizou, por sua inteira iniciativa, uma jornada de flores, de alegria, de festa do trabalho, de vontade de prosseguir um País, agora em moldes de ressurgimento e de libertação das grilhetas do passado, transposto esse dia que concretizou outra data igualmente histórica que foi o último 25 de Abril, depara-se-nos uma tarefa que estará na consciência de todos mas que é preciso reforçar, revitalizar, estimular

E preciso agora trabalhar, mas trabalhar muito, cada um no seu sector se queremos construir um Portugal novo, bem diferente daquele que nos foi deixado pelo governo deposto que depauperou, empobreceu, desprestigiou internacionalmente um País que já não é só de alguns, que finalmente é de todos os portugueses.

As instituições democráticas agora em rápida organização, os sindicatos livres, o fim da máquina opressora do passado, as liberdades de pensamento, de palavra, de acção, são um início frutuoso de um futuro risonho que nos espera. O Governo provisório que será constituído (ou já estará no momento da publicação deste artigo) e as eleições LIVRES que representarão daqui a doze meses a vontade autêntica do povo português, significam passos essênciais para a consolidação de uma vitória da liberdade.

Mas a sua verdadeira missão será muito facilitada se o povo, este generoso povo português, que mostou claramente no 1.º de Maio aquilo de que realmente é capaz, se empenhar agora na luta que lhe cabe pelo ressurgimento de um Portugal novo, trabalhando com afinco e convicção... porque agora VALE A PENA!

O fascismo caiu, mas a luta continua, não só na defesa das liberdades e na consolidação daquelas que foram conquistadas mas também para a recuperação económica de um Portugal atrasado dezenas de anos da maioria dos outros países.

A aversão publicamente demonstrada no estrangeiro contra os governos de Salazar e Caetano, para além de todas as barreiras e limitações económicas que nos foram levantadas, por motivo de uma situação política totalitária e capitalista e dada a opressão colonialista de que eram acusados os dois sucessivos eis-governantes, provocou lá fora a imagem de um Portugal antipático, turisticamente inapetecido.

Feita que foi a grande demonstração da «Revolução das Flores», provada a queda de um regime, após quarenta e oito anos, sem uma gota de sange, despertou-se a curiosidade mundial para vir ver, com os seus próprios olhos, como foi possível tamanho «milagre», para compartilhar fraternalmente com a alegria e a felicidade que se vive em Portugal.

O ano de 1974 será **também** o Ano do Turismo do nosso País. Tem de ser inteligentemente aproveitado o enorme impacto — que, a ser contabilizado, não haveria dinheiro que chegasse para pagar — que os orgãos de informação de todo o Mundo estão a proporcionar a Portugal.

A máquina de promoção turística do nosso País terá que tirar partido da revolução portuguesa das flores, de um Portugal diferente, livre e que já vale a pena visitar.

E verdade que, para alem do natural desejo que vivia dentro de nós de que o Movimento das Forças Armadas deveria ter ocorrido há muitos anos, sob o ponto de vista turístico ter-se-ia ganho sobremaneira se, em vez do 25 de Abril de 1974 houvesse que marcar como data feliz de Portugal, por exemplo, o 25 de Outubro de 1973.

E que, desta maneira, dentro do mesmo espírito que anima agora a Comissão «ad hoc» nomeada pela Junta de Salvação Nacional para funcionar junto da Direcção-Geral de Turismo com o propósito de dinamizar todos os sectores, especialmente a promoção, para que Portugal tire urgentemente partido da nova imagem que é agora oferecida ao Mundo, se a actividade que está neste momento a ser desenvolvida pudesse ter sido utilizada no fim da última época alta, teria havido a oportunidade de transformar o grave momento por que passou o turismo português, desde o início da crise energética, em euforia turística, em autêntico período privilegiado que, certamente, se confundiria com os meses tradicionalmente bons do nosso país.

Mas não podemos exigir demasiado. A realidade é aquela que se nos depara e é dentro dela que somos obrigados a agir.

A promoção turística externa, preocupação fundamental e imediata da Comissão «ad hoc» nomeada recentemente, ao ser feita agora em termos de aproveitamento do impacto jornalístico mundial, irá provavelmente fazer correr o risco de, nos meses de Junho, Julho e Agosto, se assistir a uma entrada de estrangeiros superior à capacidade das estruturas turísticas existentes. Essa procura, superior à oferta real, será, todos estamos de acordo, um perigo que teremos de medir conscientemente. Poderá provocar um descontentamento contrário ao ambiente de simpatia e de bom acolhimento que está na base de toda uma boa resposta à promoção turística.

Mas a pergunta a fazer é se, entre dois males — o de excedermos na próxima época alta a capacidade de alojamento dos estrangeiros que nos visitarão ou o de não ser aproveitada agora internacionalmente e por via de uma promoção turística uma imagem que Portugal não tem ha cerca de cinquenta anos — não terá de ser escolhido o menor.

Perante tão difícil opção, foi resolvido pela Comissão nomeada que seria preferível transmitir de seguida ao Mundo a imagem de um Portugal novo, a verdade de um País turisticamente sereno, aberto a todos os visitantes estrangeiros, sem qualquer condicionalismo, que queiram assistir à felicidade que reina agora nos nossos corações e que se espelha nas caras de todos os cidadãos.

Obtido este primeiro efeito psicológico e esquematizada a promoção para uma venda mais directa durante os próximos meses de Verão, haverá certamente a possibilidade de colher os frutos com um prolongamento da época alta para além do período das praias, entrando num Outono que terá de ser explorado, em termos de turismo, de acordo com a realidade do magnífico clima que Portugal desfruta em contraste com outros países no mesmo período.

Entretanto, um dos aspectos básicos como complemento da indiscutível necessidade de aumento substâncial do movimento turístico português é a consciencialização nacional quanto à importância económica que representa a entrada de divisas e o seu significado em relação à nossa Balança de Pagamentos.

Informando, comunicando em linguagem clara e concreta com a população principal interessada nos destinos da Pátria, a espontânea colaboração — quem tem agora dúvidas? — será a resposta imediata com um ainda maior calor humano, em que o nosso povo é pródigo, com um acolhimento esfusiante de boas-vindas a quem, vindo visitar-nos, contribui com as suas divisas para a recuperação economica de Portugal.

E essa acolhedora recepção aos estrangeiros, caso seja necessário, se se verificar neste próximo Verão uma incapacidade hoteleira de albergar todos os visitantes, podera ter de significar o abrirmos as portas das nossas casas, o mostrarmos até como vivemos, o compartilharmos ate com os nossos «hospedes da boa vontade» a grande felicidade que não podemos nem queremos agora ocultar.

ATLANTICA LINE
GÉNOVA

EXPORTAÇÃO IMPORTAÇÃO

Serviço expresso directo

LISBOA / USA / CANADÁ / LISBOA

Único serviço totalmente contentorizado com saídas e chegadas semanais.
Enchimento de contentores (grupagem) em dias fixos (6.ªs-feiras) no Parque de Contentores da Matinha.

NAVIOS	Lisboa saídas	Boston	Nova York	Baltimore	Norfolk	Montreal Toronto St. John	Lisboa chegadas
Atl. Montreal	21/5		27/5	29/5		31/5	8/6
Atl. Livorno	28/5	4/6	5/6	6/6	7/6		15/6
Atl. Marseille	4/6		11/6	12/6		14/6	22/6
Atl. Genova	11/6	17/6	19/6	20/6	21/6		29/6

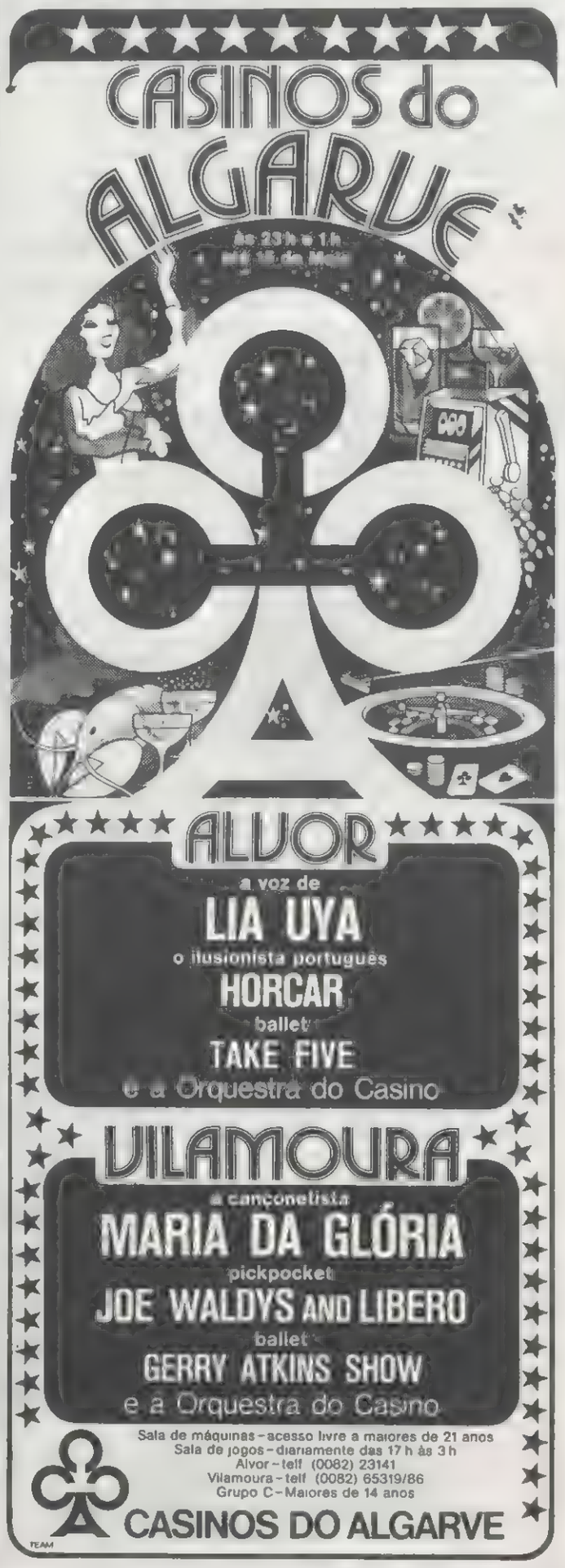
— Tempo do percurso Lisboa U. S. A.: 7 dias
— Tempo do percurso Lisboa-Canadá: 10 dias

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

VENHA CONNOSCO

Trabalhar dinamicamente
Definir o seu próprio salário num trabalho de vendas difícil mas compensador
Pedimos:
Que tenha 18 anos (Mínimo)
2.º Ciclo ou equivalente
Boa apresentação
Facilidade de expressão
Resposta ao Apartado 1425



Continua na pág 19

COSTA GOMES EM MOÇAMBIQUE

OFERTA DE CESSAR-FOGO À FRELIMO

LOURENÇO MARQUES, 12 (L.) Antes de iniciar a conferência de imprensa a que presidiu ontem nesta cidade, o general Costa Gomes, chefe do Estado Maior general das Forças Armadas e elemento da Junta de Salvação Nacional, pronunciou algumas palavras, ressaltando, a dada altura:

«O espírito acorrentado dos povos que se acolhem à bandeira de Portugal sofria com as prisões, os exílios, as pressões suportadas, a força armada caldeada pelo sofrimento e pelo desprestígio planeado atingiram o limite da exaustão neuro-psicológica, sempre cingidas por uma disciplina espartana que é a sua mais límpida virtude, a verdadeira fonte do seu espírito de missão. Mas as Forças Armadas são povo fardado e num imperativo de consciência os oficiais, menos comprometidos ou mais ousados, criaram o Movimento das Forças Armadas profundamente determinado a lutar pelas liberdades essenciais de homem e da sociedade.»

E mais adiante:

«O programa do Movimento das Forças Armadas é límpido para todos os homens de boa vontade, mas a sua verdade assusta os tímidos e os culpados, o seu conteúdo arrepia os reaccionários e os inimigos do povo.

Esclarecendo depois que «desde o início que Portugal subscreveu a carta das Nações Unidas, em cujo clausulado se vincou ao respeito pela autodeterminação dos povos, o general Costa Gomes acrescentou «A Junta de Salvação Nacional é garante desse princípio entendido em termos de direito internacional à luz do qual o povo moçambicano oportunamente decidirá o seu destino. Poderão então escolher entre um extremo de independência completa e outro extremo de integração total. Verdade seja que não é nos extremos que reside a virtude e que pessoalmente acredito que o povo de Moçambique saberá encontrar o equilíbrio num figurino original de enquadramento político no grande espaço português.»

«Há pessoas que equacionam o problema moçambicano como uma alternativa entre o «statu quo» dos últimos anos e a entrega ilegítima do poder que não é da Junta mas do povo de Moçambique. As pessoas são permitidos pensamentos esteriotipados, ignorantes ou inimigos desse povo. Teremos, no entanto, de admitir que existem organizações chamadas emancipalistas com chefes políticos e militares que com as suas ideias e as suas armas dominam parcelas da população moçambicana. Na Junta de Salvação Nacional, embrião do futuro Conselho de Estado, somos chefes militares profissionais que respeitanmos o adversário de ontem e de hoje. A estas organizações propomos negociações imediatas, sem condições prévias, sem entregas simbólicas de armamento.

Aceitaríamos recebê-los com respeito que a sua bravura e coragem nos merecem. Transfiram para Moçambique as sedes e as agências das suas organizações, terminariam a luta armada e lutariam intermuros com a força espiritual das suas ideologias, com o compromisso mútuo de que na hora da verdade todos nos subordinaremos à vontade do povo livremente sufragado.»

«Vou terminar uma intervenção que considero longa com a afirmação inequívoca que Portugal europeu está disposto a apoiar incondicionalmente o povo de Moçambique em todos os campos e em todas as dificuldades. Repetindo a ideia: por um Moçambique livre e autodeterminado estamos mais do que nunca a todos os tipos de sacrifício. Saudemos a nova era em que homens de todas as cores, etnias e credos são mais livres ao saudar a bandeira verde-rubra. Maior liberdade é maior responsabilidade. Exploração do irmão mais fraco, as quebras da ordem pública, as ofensas à igualdade fraterna dos homens, são desde 25 de Abril crimes mais graves, porque dificultam a livre decisão de uma sociedade multirracial que terá de se impor ao respeito do Mundo.»

«Saudemos a [illegible] que conduz ao progre[illegible] mos o trabalho que g[illegible] queza bem distribuída. Viva Portugal.»

Instalação do P.C. em Moçambique

As palavras do [illegible] Gomes foram então aplaudidas pela assistência qu[illegible] contrava na sala [illegible]s sessões do Governo-Geral, local onde decorreu a conferência de Imprensa. Presentes muitos representantes dos órgãos nacionais e estrangeiros da informação e os cônsules-gerais de diversos países com quem Portugal mantém relações

Na mesa da presidência ladeavam os generais Costa Gomes e Diogo Neto, o encarregado do Governo Geral, coronel David Teixeira Ferreira, e o comandante chefe em Moçambique, general Basto Machado.

A uma pergunta sobre a instalação do Partido Comunista em Moçambique, o general respondeu: «A instalação do Partido Comunista já se realizou na Metrópole. Não sei porque não se há-de realizar em Moçambique, desde que respeite o programa das Forças Armadas, o que aliás todos têm que fazer».

Costa Gomes elucidou depois um jornalista sobre o que se fez desde que chegou a Moçambique: «Desde que cheguei a Moçambique tive várias conversas com alguns elementos que estão encarregados do Governo e recebi alguns representantes de grupos que estão em formação». Os principais motivos do golpe militar foram terminar com a guerra em Moçambique. Como espera que seja possível a sua independência? — perguntou outro profissional da Imprensa estrangeira.

«Um dos objectivos que está na ideia do Movimento — disse o general Costa Gomes — é terminar o mais brevemente possível a guerra e procurar uma solução política para os problemas dos territórios ultramarinos. Julgo que não estão directamente correlacionados o problema do cessar das operações com a independência imediata, porque eu tenho as minhas dúvidas que os partidos que nos combatem no campo militar representam a expressão dos povos de Angola, Moçambique e Guiné. Por consequência, julgo que o primeiro passo a tomar será aquele que anunciei na minha comunicação: os partidos deverão, aliás nós, fazer tréguas, vir para o território e passar a combater no campo das ideias como qualquer outro partido político que exista

[illegible]ma pergunta do [illegible]tante do Rádio Clube [illegible] Moçambique: «Oferece[illegible] [illegible]m nome da J.S.N. a pos-[illegible] [illegible]cimento da guer[illegible]

[illegible]mo acabo de dizer [illegible]neral Costa Go-[illegible] putar umas eleicc[illegible] partido que não venha [illegible] e em paz procurar a sua acção. Estou convencido, pessoalmente convencido, que o recrudescimento das acções da Frelimo observadas há dois ou três dias não não tem correlação com esta oferta de cessação de fogo, que oferecemos não só à Frelimo como também a todos os partidos que nesta altura nos combatem no Ultramar, e estou convencido, também pessoalmente, que os chefes e directores políticos dos Movimentos sabem tão bem como eu sei que a guerra não conduz a coisa alguma e que se se continuar em luta isso representa mais mortos inocentes, mais pessoas mutiladas, mais uma série de desgraças, que não são com certeza bons para qualquer dos partidos que nos combatem nem bom sobretudo para o povo de Moçambique. Tenho fundadas esperanças que reflictam e aceitem esta proposta sincera para virem construir um Moçambique em paz».

Libertação dos prisioneiros

Foi depois feita ao general a pergunta se a sua vinda a Moçambique estaria relacionada com a aceleração da aplicação das medidas tomadas pela Junta de Salvação Nacional, nomeadamente em relação à libertação dos presos políticos, a censura de filmes que pretende vigorar, e ao saneamento do Centro de Informação e Turismo e do Rádio Clube de Moçambique.

Costa Gomes foi claro: «Realmente esse foi um dos objectivos que me trouxe a Moçambique. Foi acelerar, dinamizar aqui as decisões da Junta. Devo dizer contudo que todos nesta altura devemos ter uma certa paciência e uma certa compreensão e estarmos preparados para que aquilo o que nós desejássemos se fizesse mais rapidamente se faça um pouco mais lentamente. Porque não é fácil, por exemplo, soltar imediatamente todos os prisioneiros se não se constituir aqui na Província uma comissão voluntária de Advogados, como se constituiu na Metrópole, para classificar e decidir sobre determinados indivíduos que tinham crimes políticos e crimes comuns se deviam ou não ficar detidos.»

«Pois se aqui não houver estas boas vontades, que houve na Metrópole, é natural que neste campo a morosidade da libertação dos presos seja um pouco maior do que lá foi.»

«Relativamente à Organização Provincial de Voluntários não conheço os estatutos da OPVDC de Moçambique, mas conheço muito bem os estatutos da OPVDC de Angola e posso dizer que em Angola as finalidades daquela organização são de tal maneira úteis e altruistas sobretudo para a população rural que se acabássemos com aquela organização ali cometeríamos grave atentado contra a segurança e desenvolvimento social das populações de Angola».

Contactos indirectos com a Frelimo

O representante do «Diário» referiu-se a uma notícia publicada na Imprensa estrangeira sobre possíveis contactos havidos entre o general Spínola e a Frelimo quanto ao fim da guerra, pretendendo saber da sua veracidade.

O general Costa Gomes expressou-se da seguinte forma:

«Não há dúvida que por vias indirectas certos elementos tentaram estabelecer relações entre o senhor general Spínola e a Frelimo. Julgo ser esta mais uma demonstração de espírito que anima a Junta e o Movimento de se procurar uma solução pacífica para este território»

Foi depois posta a questão de o ataque ao autocarro de passageiros próximo do Inchope ter sido feito por grupos de bandoleiros a soldo de organizações da extrema-direita, aproveitando a situação de desequilíbrio e de impunidade que actualmente existe, se por guerrilheiros da Frelimo.

O general Costa Gomes afirmou que ignorava se se sabia de momento alguma coisa, passando a palavra ao comandante Chefe das Forças Armadas que disse que de momento não dispunha de elementos que lhe permitissem responder à pergunta posta pelo jornalista.

A um outro jornalista moçambicano o general Costa Gomes esclareceu que poderia publicar toda a propaganda e os planos de acção da Frelimo desde que elas não contivessem ou preconizassem medidas violentas.

O general Costa Gomes revelou depois, na sequência posta por um jornalista, que estavam previstos novos contactos para estabelecimento de relações com a Frelimo.

O EQUADOR RECONHECE A JUNTA MILITAR

QUITO, 12 (EFE-ANI) — O Equador reconhece o novo regime português, a que preside o general António de Spínola, depois de derrubado o governo do almirante Américo Tomás e do primeiro-ministro Marcelo Caetano — anunciou ontem o Ministério dos Assuntos Exteriores.

O chanceler interino do Equador, Rodrigo Valdez, entregará os documentos relativos ao reconhecimento do novo regime lusitano, ao embaixador de Portugal em Quito, dr. Júlio Salcedas.

«PORTUGAL E O FUTURO» PROIBIDO EM ANGOLA

LUANDA, 12 — (ANI) — A entrada em Angola do livro «Portugal e o Futuro», do general António de Spínola, esteve embargada até ao dia 25 de Abril pelo então governador-geral, eng. Santos e Castro — revela o matutino luandense «A Província de Angola» em artigo de fundo intitulado «esclarecendo a nossa posição».

Nesse mesmo artigo, o jornal salienta que dois editoriais escritos depois de o livro do general Spínola ter saído em fins de Fevereiro foram cortados pela censura.

DISSOLVIDA A CÂMARA DE MATOSINHOS

PORTO, 12 — Foi dissolvida a Câmara Municipal de Matosinhos, incluindo a presidência, conselho municipal e vereação. Passará a ser gerida por uma comissão administrativa que tomará posse dentro em breve.

Abertura — 12 de Maio

Aprecie a verdadeira cozinha portuguesa e internacional num miradouro sobre Lisboa.

A elegân[illegible] um ambiente sofisticado. Os delíci[illegible] típicos portugueses e da cozinha internacional

A ampla escolha dos nossos vinhos datados e especia[illegible]

Prazeres que o [illegible] um panorama [illegible]

A companhia musical de Helder Reis [illegible] melodia preferida [illegible] guitarras d[illegible] Nóbrega. A voz de Elsa Coimbra. E o bar S. Jorge para [illegible] reconfortante

GRILL D. FERNANDO

HOTEL ALTIS

Rua Castilho, 11 — Lisboa 1 — Marcações: Telefs. 44735 ou 560071/562491

EU VI INHAMINGA

Continuação da pág 3

não são culpados dos crimes contra os negros. Mas os pides, os patrões das serrações, os bispos comprometidos, os fazendeiros exploradores e toda a gente que roubou não tem outra coisa a fazer senão partir. Os militantes da Frelimo dizem assim ao povo: «Moçambique é grande e tem riqueza para todos, os brancos não precisam de sair, mas nós faremos a escolha»

A escolha já começou: salvo alguns enganos (como a mo[illegible] daquele maquinista do comboio da B[illegible] ternou [illegible] ga) os [illegible] [illegible]os atingiram [illegible] explorad[illegible] [illegible]s, os q[illegible] [illegible] negras e mesmo a[illegible] régulos que, depois de avi[illegible]dos, persistem em colal[illegible] com as tropas portuguesas. E o missionário comenta: **se os brancos fossem tão lúcidos como os africanos, se tratassem os negros como estes são capazes de tratar os brancos, não haveria problemas, porque este povo é amigo dos brancos que o respeitam sente-os como gente sua, não olha para a cor da pele.**

Sorriem-se com os desmandos dos brancos, como um adulto sorri de uma criança que faz disparates. «Mzungo não pensa» (o branco não pensa) dizem, abanando a cabeça com pena. Mas eles sabem muito bem que são os «Jorges Jardins» — comentou o missionário.

As torturas

Os sofrimentos da população de Inhaminga começaram no final de Julho de 1973, como em pormenor se descreve no relatório dos missionários.

O padre Martens recorda: **eu vi o terros de Ihaminga. Era varrer nas lojas, nas aldeias. Era a pide, eram os soldados, eram os milícias, eram os sipaios. As duas prisões foram-se enchendo de suspeitos, mas a Pide não conseguiu prender um único guerrilheiro porque o povo nunca os denuncia nem mesmo debaixo de tortura.**

Nos últimos dias de Dezembro, é preso o régulo Pangacha, surpreendido com elementos suspeitos. E um chefe nativo de 45 anos muito estimado em toda a região. Foi levado para o quartel de Inhaminga mas a Frelimo quis libertá-lo [illegible]encadeando o primeiro ata-[illegible] um ultima[illegible] português, ing[illegible] língua nativa). Du-[illegible]aque, os soldados f[illegible] sobre a prisão, mor-[illegible]sos mas Panga-[illegible] Continua sob [illegible] Em [illegible] Março, são abatidos pela Pide cinco suspeitos da Frelimo durante uma festa organizada por um cabo-verdiano desertor do PAIGC que se instalara como colaborador da Pide entre os trabalhadores de uma serração. Entre os mortos estão dois filhos de Pangacha, que este se negou a reconhecer. Sebastiana, chamada depois e não sabendo da recusa do pai identifica os cadáveres dos irmãos. E morta, ao lado do pai, que entretanto fica ferido e é sepultado vivo.

Não conseguindo pistas através dos adultos torturados, a Pide prende crianças de sete e oito anos que também são torturadas e fornecem indicações. Um dos métodos de tortura baseia-se em choques eléctricos aplicados nos ouvidos e noutros pontos sensíveis com uma máquina inventada pelo caçador Faria, conhecido como informador da Pide. Mas em muitos casos, reforça-se mesmo a resistência dos torturados, para quem a morte é semente de libertação do povo inteiro. Um rapaz de 14 anos, liberto depois das torturas — disse-nos o padre como exemplo — chega à aldeia e declara: «agora nuca mais tenho medo dos mzungos».

Por seu lado, a população branca estimulada pelas recentes manifestações da Beira, pressiona as autoridades a tomar medidas cada vez mais drásticas: exigem a expulsão dos padres, blindagem dos comboios, helicópteros para acompanharem as formações ferroviárias, limpeza da zona. O pessoal branco da TZR entra em greve, a população é compelida a residir na vila sem poder sair para as planta[illegible] F[illegible] da vila, fugi[illegible] gente simpa[illegible] com a [illegible] que as aldeias estão tod[illegible] nadas pela sua mentalização [illegible] mas o que os [illegible] e a popu-[illegible]

O ESPIRITO DOS MISSIONÁRIOS

Finalmente em 19 de Março, os missionários retiram, como já tinham feito sessenta padres da Beira, 11 de Nampula, 30 de Tete, e antecipando-se a outras equipas missionárias que se preparam para sair de Moçambique. Porquê? Porque são amigos dos negros e por isso suspeitos das autoridades, porque estas os isolam do povo, porque não querem mais sujeitar-se aos compromissos impostos por um sistema de missionação apoiado no colonialismo do Acordo Missionário. Voltarão um dia? O padre Martens não duvida, mas adianta que o missionário já não volta a ser o que foi até agora, há toda uma reformulação a fazer do papel da igreja na sociedade nova de Moçambique. «Há excepções, deixámos lá alguns amigos» — diz-nos o padre Martens.

E os brancos? Sairão os culpados, os que fingiram patriotismo para disfarçarem a vontade de não perder a vida que levavam «os chicacas» (peles de tambor) assim chamados pelos negros que não lhes reconhecem mais valor do que uma pele seca.

Ainda sobre os massacres. Valerá a pena divulgar factos tão repugnantes? O missionário não hesita agora. É preciso que se saiba até onde pode descer o «bicho-homem», para que compreendam os seus excessos e a repulsa que estes provocam nos oprimidos. Para [illegible] quanto [illegible] **Vai ser preciso muito tempo e muito esforço dos portugueses para recuperar os soldados intervenientes nos massacres. E um trabalho que Portugal tem de começar imediatamente, colhendo a lição de outras guerras coloniais.** E contou-nos que os psiquiatras holandeses detecta[illegible] agora, entre os antigos combatentes da guerra da Indonésia traumatismos psíquicos graves provocados pelo medo no mato e pelas at[illegible] metidas

Também nós aqui lançamos, mais uma vez, este grito de alarme: Quando é que esta guerra acaba? Quando é que se vislumbra uma saída para negociações e cessar-fogo? Ainda que se saiba que outros problemas políticos, relacionados com a própria independência dos negros, talvez obriguem a manter em África forças de segurança portuguesas aliadas aos movimentos de libertação.

AVELINO RODRIGUES

O padre José Martins fala ao redactor do DL, em Lisboa

APARTAMENTOS NO ALGARVE

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA. Av da Liberdade 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av dos Aliados 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA. Rua da Sota 2 • Telefs. 2 70 11/2

OS RESULTADOS ESCOLARES SÃO SURPREENDENTES SE TOMAR

BIO-STRATH

Proporciona um equilíbrio intelectual e físico

- Produto SUIÇO à base de leveduras plasmolisadas e plantas

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL:

CREFAR — REPRESENTAÇÕES, LDA •

à Venda nas Farmácias

Mário Castrim

MAS... VALE TUDO MESMO?

Para que os meus leitores possam fazer uma ideia das condições de trabalho dos jornalistas anteriormente a 25 de Abril, publico hoje duas crónicas. A primeira foi integralmente cortada pela **Censura**; na segunda foram cortados pelo **Exame Prévio** os trechos em normando. Repare-se no requinte da censura ao título: «**D. Sebastião, D. Sebastião, uns a dizer que sim, outros a dizer que não**» o primeiro **D. Sebastião** foi cortado.

MAS... VALE TUDO MESMO?

Entretém-se com frequência um colaborador do «Diário da Manhã» a atacar a crítica de televisão. Cada qual utiliza os processos mais de acordo com a sua visão do mundo, e a actividade anticrítica está perfeitamente enquadrada na visão do mundo que o referido matutino reflecte. Não deixa, é certo, de causar estranheza o facto de o fazer com tamanha facilidade, com o maior desprezo pela honra, segurança e tranquilidade das pessoas. Conta-se, talvez, com a impunidade; conta-se, talvez, que ninguém leia. Mas porque é que os meninos-lamúrias não arranjam outra maneira de justificar os dinheiros que recebem sem recorrer às provocações e ás denúncias, ás mentiras? A televisão portuguesa não precisa de quem a defenda, pois ninguém a ataca. Se a televisão precisar de defesa, tem os seus advogados, os seus escritores, as suas câmaras. Confio em que a R. T. P. se recuse sempre a utilizar os serviços dos cães-de-fila (ainda que desdentados) dos bichos de espinha dorsal deformada pelas excessivas curvaturas dos débeis mentais bem capazes de provocar enormes confusões — em lugar de as desfazer.

E grande a colecção de insinuações insultuosas e de incorrecções do tal colaborador, que tanto brilho e glória acrescenta, aliás, á actividade do «Diário da Manhã». Se me resolvo hoje a pegar no assunto é ainda como uma forma de «homenagem» ao espírito aventureiro: um indivíduo assume a «coragem» da sua inconsciência; um indivíduo mente, suja e distorce com uma perfeita paz de consciência. Então isto não é admirável? Então isto não é encantador?

O tal colaborador matinalíssimo passa por alto o facto de na minha resposta a José Manuel Castelo Lopes faltarem duas alíneas para me assacar crimes cuja responsabilidade me não sabe. Não lhe ocorreu que o não dito poderia estar dito nas ditas alíneas malditas? É impensável da parte de um profissional... O processo enquadra-se no sistema, o sistema não pode prescindir dos seus processos...

Isso não terá, afinal, grande importância. O ponto é outro. Diz-se textualmente: «Ainda há dias o sr. Mário Castrim aplicou de novo a sua receita a propósito das declarações feitas por Rui Ressureição em «Curto-Circuito». A sensação de seriedade e de equilíbrio que resultou da intervenção de Rui Ressureição, aquando do segundo debate sobre música ligeira portuguesa, foi totalmente desvirtuada pelo sr. Castrim».

Se desvirtuei ou não a «sensação», etc., compete ao leitor julgar. Para o leitor julgar será conviniente que, pelo mínimo, tenha conhecimento das minhas palavras escritas no «Diário de Lisboa». Deste facto se encarregará colaborador do jornal mencionado. A isso o convidado expressamente. Mais: a isso o desafio.

Não se pense que, ao fazer isto assumo uma atitude de pessoa desejosa de manter a discussão no domínio da inteligência do leitor. Como se dissesse: publique, e o leitor julgará. Nada disso. O colaborador lamuriento do «Diário da Manhã» nem esse jogo me deixa fazer nem essa opção merece, porque... tais palavras que me atribui não existem. O colaborador, quem sabe se por fidelidade a certas tradições, inventou tudo, de fio a pavio. É um aldrabão sem nenhuma classe. Um pobre ser desequilibrado e que pretende manter privilégios infamantes que a nossa época já não comporta? É bem possível.

De qualquer modo, a menos que apresente atestado de se encontrar ferido de incapacidade, nada o desobriga de dizer publicamente quais os termos exactos com que desvirtuei a «sensação de seriedade e de equilíbrio que resultou da intervenção de Rui Ressureição».

Se o não fizer, esperemos ao menos que uns restos de vergonha e de medo da irrisão pública o impeçam de tornar a empunhar a pena para outro fim que não seja assinar os vales ou a folha de vencimento.

MÁRIO CASTRIM

D. SEBASTIÃO:
D. SEBASTIÃO:
UNS A DIZER QUE SIM;
OUTROS A DIZER QUE NÃO

D. Sebastião está morto.
Eu não vi.
Eu não estava lá.
Eu não sou testemunha presencial.

Não falei com D. Sebastião, nos instantes derradeiros.

Nem lhe disse:

— Salve-se Vossa Alteza, pois não há remédio nem que fazer.

Não lhe cedi o meu cavalo, eu próprio ferido e perdido, e não lhe disse eu:

— Salve-se Vossa Alteza que é o que releva.

Nada disso fui eu. Mas sei que D. Sebastião está morto. Completamente morto. Não direi o mesmo do sebastianismo, que esse é gato português de sete fôlegos. Mas lá o D. Sebastião, esse já lá está na terra da verdade.

Terra que terá sido ou não, inicialmente, o areal de Quibir. Seria grande consolação, a certeza? Teria D. Sebastião morrido ou não em Alcacer Quibir, terra da sua loucura?

Claro que interessa. Eu, por enigmas, sou um doido. Um insofrido. A tal ponto que os livros policiais, para mim, perderam todo o encanto: vou logo direito às últimas páginas, aquelas em que o detective genial descobre os seus truques. Não suporto um enigma durante muito tempo — e vejam agora o meu sofrimento: terei de esperar pela próxima emissão de Esfinge para saber se D. Sebastião morreu ou não em Alcácer Quibir, terra de sua loucura.

Os dados estão lançados.

Há os embuçados de Arzila.

Há o corpo denunciado como sendo o do «infeliz soberano».

Há o saco com os ossos do rei onde, quando passou por Évora, meteram ossos doutras personalidades da Casa de Aviz, **e nisto de ossos, Évora é uma terra predestinada: uns lhe comem a carne, outros lhe roem os ossos.**

Simplesmente, os embuçados de Arzila não foram identificados. E quem saberia se o corpo era mesmo o do Rei, se este não deixara nunca ninguém que o visse nu? **O próprio Sebastião de Resende, seu moço de câmara, nunca vira em pelote. A pudicícia de D. Sebastião ia a esse ponto!**

E pronto. O enigma ficou por desvendar ainda esta semana. Valerá, no entanto, a pena tanto esforço, como o desenvolvido por Bélard da Fonseca, ao longo de três anos? **Valerá a pena, digamos, em nome de uma prioridade?**

Quer dizer: interessar-nos-ia hoje mais saber se D. Sebastião morreu em Quibir ou meditar na situação do País que provocou Alcácer Quibir? Interessam mais as circunstâncias da morte de D. Sebastião ou as circunstâncias da morte lenta em que Portugal se definhava e se pretendia ocultar com a doida varrida aventura marroquina?

Pretende-se, com isto, uma «Esfinge» atenta à essência e não uma «Esfinge» mais dada aos «fait-divers» da História.

Com a agravante da incapacidade televisiva de Bélard da Fonseca, visivelmente não talhado para estas andanças pela televisão. Não se importe com isso: há milhões de pessoas a quem sucede o mesmo. Só que têm o bom senso de lá não irem. Só porque há o bom senso de se não convidarem a ir lá.

Mas pelos vistos este bom senso abre fendas.

Pois é, o D. Sebastião.

Morreu em Quibir?

Não morreu?

A dúvida persiste. **Magoa. Infiltra-se no obscuro território do subconsciente.**

Vacilo.

Levanto-me. Vou até à janela. São duas horas da manhã. O nevoeiro cobre a cidade. Começo a vestir-me à pressa, embrulho-me no meu capote-aguadeiro, tenho de ir, quero estar lá em baixo, à entrada da barra para saudar o meu rei. Ao romper da manhã.

Da manhã que tarda.

A TELEVISÃO ACHA QUE A TAXA ENCAIXA

De novo o inquérito sobre o pagamento das taxas devidas à televisão. Com voz de Luís Filipe Costa.

Diz-se que na Europa tudo paga taxa, minha gente. Tudo, menos os gregos e os espanhois.

Importava, talvez, dizer quais os países onde se paga taxa e se grama a publicidade. Importava igualmente informar os países onde se paga taxa e não se grama a publicidade.

Não se discute se a obrigação de pagar taxa e gramar publicidade é ou não legal.

Claro que é legal.

Decretos 41484, 41486 40341.

Importava antes discutir.

a) — Se a publicidade, tal como se pratica na televisão, é útil ao país;

b) — Se a publicidade, tal como se pratica, é útil à televisão;

c) — Se a publicidade, tal como se pratica, é útil aos telespectadores.

O que importa é discutir se a televisão portuguesa pode ou não manter-se unicamente com o produto das taxas **que, não tardará muito, andará pelos 180 mil contos por ano.**

Não importa recordar que um telespectador português paga um escudo por dia: importa recordar, para se ver a desproporção, que um inglês paga sensivelmente o mesmo escudo por dia e que um francês e um italiano pagam cerca de um escudo e meio. **Compare-se o poder de compra dos países, e veja-se como ver televisão ainda se pode considerar um luxo em Portugal. E lembremo-nos ainda que na Itália, em França e na Inglaterra se vê «televisão»...**

Finalmente: ficámos a saber que a Emissora Nacional fiscaliza a posse dos receptores através de um corpo especial de funcionários, de agentes da Polícia e da Guarda Nacional Republicana.

Mas a realidade permanece: os telespectadores pagam contrariados. Este facto é que merece ponderação. Este facto é que é eloquente.

Os Sindicatos dos Marceneiros do Distrito de Lisboa e dos Mecânicos de Madeiras do Distrito de Lisboa, convocam os trabalhadores deste Sector para uma reunião geral no Pavilhão do Clube Atlético Campo de Ourique, na Travessa do Cabo, n. 3-A, para o dia 14 às 21 horas.

A COMISSÃO DIRECTIVA

AMORTECEDORES
REPARO E RECONSTRUO TODAS AS MARCAS, COM GARANTIA
MENDES TEL. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

FAUSTO DA SILVA MALVAR AJUDANTE DESTE CARTÓRIO

C E R T I F I C O

que por escritura de 22 de Abril de 1974 lavrada de fls 4v. a 5v.º do livro de notas F-52 deste Cartório, Manuel Rodrigues Neto e Valdemar Augusto Graça únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada Pilar — Construções e Actividades Imobiliárias, Limitada, com sede nesta cidade, dissolveram de comum acordo a dita sociedade a partir de 22 do corrente mês de Abril, a qual não possuia qualquer activo ou passiva e achando-se liquidadas e saldadas todas as contas sociais declaram-na liquidada.

Está conforme ao original nada havendo na parte omitida em contrário do que se narra ou transcreve.

Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial vinte e três de Abril de mil novecentos e setenta e quatro.

O Ajudante
Fausto da Silva Malvar

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8 52710, arquivo 4 para o estabelecimento, na freguesia de Gafanha da Nazaré, concelho de Ílhavo de uma linha aérea provisória a 15 kV, com 266 m, do poste n.º 4 da linha para o posto de transformação da Sacor ao posto de transformação provisório da Bresfor - Indústrias do Formol, Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 30 de Abril de 1974.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

6000 FERROVIÁRIOS EM ASSEMBLEIA

Na sala do Coliseu dos Recreios, completamente esgotada, mais de seis mil ferroviários, vindos de todo o País, deram ontem mais uma bela lição de civismo discutindo com elevação e espírito construtivo os graves problemas que lhes dizem respeito, ao mesmo tempo que assumiam conscientemente a responsabilidade de importantes decisões para o futuro.

Usou da palavra, em primeiro lugar, António Joaquim Gouveia, um dos elementos eleitos para o novo Corpo Administrativo da C.P. Disse que até agora fora vedado aos ferroviários e aos portugueses em geral serem eles a escolher livremente as pessoas que dirigirão os destinos da empresa e, mais do que isso, participar nesses destinos. Sublinhou que um dos factores que entusiasmava os ferroviários e os unia era o desejo de se verem livres da administração actual, que tantos danos e humilhações infligira à classe.

Prosseguindo, António Gouveia disse que em resposta aos administradores que se interrogam «se eram mesmo fascistas», a classe podia retorquir se não era fascismo, entre outros exemplos:

— Despedir empregados apenas pelas suas convicções políticas; despedir ou perseguir por se defender reivindicações; não satisfazer as justas reclamações dos trabalhadores senão obrigados pelos tribunais; as condições desumanas de trabalho a que eram submetidos muitos dos funcionários; a recusa de pagar os vencimentos mínimos previstos na Lei Geral do País; negar o 13.º mês à martirizada classe ferroviária; manobrar o Governo e o Ministério das Corporações para distorcer leis em prejuízo dos trabalhadores.

Em seguida, foi lida à classe e sancionada a moção aprovada pelos Sindicatos Ferroviários, que depois de considerar a necessidade de desvincular a C.P. da orientação da actual administração; a necessidade de a gestão da C. P. passar a ser orientada e participada por todos os trabalhadores da empresa; bem como o prosseguimento da reconversão da Companhia, propunha:

«O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO será composto por doze elementos, sendo sete representantes dos trabalhadores, disignados pelos sindicatos de base e cinco representantes dos quadros técnicos, que definirá as linhas mestras da política da empresa; — Será nomeada de entre os membros do Conselho de Administração uma COMISSÃO EXECUTIVA, composta por três ou cinco elementos (de acordo com as necessidades que venham a definir-se) e que dará cumprimento às orientações e determinações daquele conselho; — A designação do Conselho a ser sancionado pela classe em 11 do corrente será de caracter provisório, devendo proceder-se a novas eleições, um ano após a sua tomada de posse; — O vencimento de cada um dos membros do Conselho será o mesmo que recebe na categoria actual a que pertence, sem prejuízo do que lhe venha entretanto a competir por motivo de eventual promoção. Cada um desses membros será evidentemente indemnizado de todos os prejuízos e encargos que lhe advenham do exercício das suas funções como membro do Conselho: — O Conselho de Administração poderá nomear, desde logo, Grupos de Trabalho, cobrindo as principais áreas de actividade da CP — Política de Pessoal e Social, Política de Transportes, Política Financeira, Política Comercial, Política de Informação, etc. — que poderão ser chamados a pronunciarem-se sobre assuntos da sua especialidade.»

Foi, depois, comunicado à assembleia os elementos que constituem o Corpo Administrativo e a Comissão representativa dos técnicos:

André Martins (encarregado de obras), Região Norte; António Joaquim Gouveia (adido administrativo), S.R. Públicas; António Marques Machado (inspector comercial), Região Centro; Custódio da Silva Ferreira (agente de métodos), Região Centro; Firmino Martins (revisor de bilhetes), Região Centro; João Caeiro de Sousa (agente de métodos), Região Sul; José da Cruz Andrade (inspector de tracção), Região Norte, (corpo administrativo); e Francisco Almeida e Castro, engenheiro; Tomás de Aquino, economista; Franklin Matos Torres, engenheiro; José Rodrigues Coelho, economista; António Rodrigues Martins Pinheiro, engenheiro (comissão tecnica).

O eng. Almeida e Castro, um dos elementos da Comissão de técnicos, dirigindo-se aos camaradas, manifestou o seu receio de que alguém possa julgar o futuro como «um mar de rosas». Disse que muitos problemas hão-de ser resolvidos e todos devem entender que a CP tem que estar ao serviço do Povo português. Sublinhou que o actual processo deve ser iniciado numa base de confiança e que ele próprio só permanecerá no lugar para que foi eleito enquanto merecer essa confiança. Advertiu que a confiança não pode ser cega, todos têm que ser confiantes mas tambem vigilantes.

Custódio Ferreira, outro membro do Corpo Administrativo, afirmou que os trabalhadores não querem a ruína da Empresa. Disse, também, que os dias futuros não serão «de cravos nem de rosas», serão dias de trabalho, mas com a certeza convicta que do trabalho dos ferroviários virá o lucro que merecem e lhes foi negado durante tantos anos. A concluir, afirmou que, unidos num trabalho honesto e sério, fariam da CP a empresa a que todos têm direito.

Firmino Martins, por seu turno, chamou a atenção dos colegas para o facto de embora o fascismo tivesse sido abolido, os fascistas continuam no país, estão nas empresas e só a união dos ferroviários os poderá afastar. Referiu as dificuldades de camaradagem havidas entre os trabalhadores da CP, aliciados pela administração, com o objectivo do velho conceito de «dividir para vencer» o pessoal dos diversos serviços da empresa. Sublinhou que além da administração há muito «lixo» a varrer da Companhia e concluiu: «Unidos iremos colocar um cravo na caveira da administração da CP».

A sessão terminou com a actuação voluntária de vários cantores populares.

COMO VIVER COM O SEU CORAÇÃO

Não ande preocupado. A saúde é algo mais que a ausência de doença. Se algum problema o aflige, faça tudo para remediar as causas... mas não se preocupe!

Comentário de G. Golket, M. D. Neurologista do Hospital Geral de Massachussetts e Psiquiatra do Departamento de Higiene da Universidade de Harvard

É do conhecimento geral que os *stresses* psíquicos causam perturbações no funcionamento do corpo. Causam, nomeadamente, tensão muscular e fadiga, afectam o funcionamento do estômago, dos intestinos e de outros órgãos, afectam ainda a circulação, de onde resulta a subida de tensão arterial e consequentemente o aumento de trabalho para o coração.

Você pode evitar as precauções e os *stresses* psíquicos, se *aprender* a reagir de maneira activa e adequada às dificuldades, às frustrações e contrariedades de cada dia... *treinando-se* a pensar *o que fazer* numa dada situação, em vez de fazer considerações sobre a injustiça ou a infelicidade que ela representa.

Para ter a melhor saúde física tem que ter uma saúde mental orientada no sentido positivo da vida, assente em atitudes que conduzem às melhores relações humanas, à eficiência no emprego, a reagir bem aos insucessos às dificuldades e a toda a espécie de infelicidades.

A atitude de encontrar sempre qualquer coisa de bom no que a vida nos dá, assegura a paz do espírito — e ter paz de espírito é mais importante para um cardíaco do que evitar eforços físicos.

Traduzido e impresso com autorização da American Heart Association, Inc.

MSD Colaboração da MERCK SHARP & DOHME

A nossa página de Medicina continua a contar com a colaboração do prof. Fernando Pádua que, muito amavelmente, decidiu oferecer-nos uma série de cinco avisos sobre doenças de coração.

O prof. Fernando Pádua entende que mais do que a leitura de artigos, o público em geral deve é alertar-se para as consequências previsíveis das doenças cardiovasculares as quais grassam vertiginosamente em todo o Mundo. Portugal, a caminho de uma vida de maior ritmo, é um dos países onde as doenças de coração assumem cada vez maior importância.

A preciosa colaboração do prof. Fernando Pádua, que é um eminente especialista português de doenças do coração, professor catedrático na Faculdade de Medicina de Lisboa, intitula-se «Você que me lê» e consta de avisos acerca de temas correntes sobre causas de graves doenças cardiovasculares, graves se não forem tratadas a tempo, como é evidente. O objectivo destes avisos é, precisamente, o de alertar o público português quanto às possibilidades de se precaver contra as doenças de coração.

VOCÊ QUE ME LÊ SEJA QUEM FOR

SE TEM O COLESTEROL ELEVADO NO SANGUE

corre um risco maior de sofrer do coração

NÃO SE ESQUEÇA PORTANTO

não se deixe engordar (emagreça até)
insista em andar a pé (e faça desporto se puder)
deixe de fumar e consulte o seu médico para uma revisão anual

ALÉM DISSO

evite os ovos, o queijo e a manteiga
e recorra às gorduras de milho ou de girassol

SE A GORDURA AUMENTADA NO SANGUE SE CHAMA «TRIGLICÉRIDOS»

é muito importante conseguir emagrecer
e evitar os doces, o açúcar e o álcool

MAIS UM CONSELHO

se tem gordura a mais no sangue é muito possível que outras pessoas da família (seus pais, irmãos ou filhos) a tenham também. E melhor verificar!

a) Prof. Fernando de Pádua

Sujeitos ainda a alterações e porque ainda não nos é possível apresentar os programas que substituem os que foram suspensos, destacamos para esta semana as seguintes rúbricas

HOJE

I PROGRAMA

15.25-16.30-17.00 Eurovisão — Automobilismo — Transmissão directa do Grande Prémio da Bélgica.

15.40 O mundo à nossa volta — «O Inverno dos Esquimós» Um documentário traduzido por Maria Manuela Furtado e Maria Luiza Sabbo.

17.25 Tarde de cinema — «O gato milionário» com Ray Milland, Jan Sterling e outros. Realização de Arthur Lubin. T. J. Banner um milionário excêntrico, tinha um gato (Ruibardo) que era de estimação, ao qual decide legar toda a sua fortuna pelo simples motivo de considerar que ele possuia todas as virtudes que faltavam à Humanidade.

20.00 TV7 — Revista semanal de actualidades.

21.30 Telejornal — 3.ª edição — Noticiário do País e do estrangeiro

II Programa

22.00 Noite de cinema — «Ventos Alíseos» com Frederic March, Joan Benneth, Ralph Bellamy, Ann Southern, Sidney Blackmer e outros. Realização de Tay Garnett. Uma rapariga, cuja irmã foi morta, tenta procurar o criminoso o que consegue; dá-lhe um tiro e foge mudando de identidade. Sam Wye, grande detective mas muito conquistador, é nomeado para ir procurar a rapariga, (neste caso a assassina). Quando a encontra apaixona-se por ela...

2.ª FEIRA

I PROGRAMA

21.30 Telejornal — 3.ª edição.

22.05 Columbo Série policial com Peter Falk, no protagonista

A Família Strauss

Tommy Brown é forçado a prescindir de tudo quanto ganha, a favor de uma obra religiosa. A principal causadora é a mulher, e ele resolve matá-la...

II PROGRAMA

23.00 Música para olhar — Fra Angélico — Fauré. «Requiem» de Fauré, obra ilustrada com pinturas de Fra Angélico (1387 — 1455). Pintor miniaturista que imprimiu às suas composições, graciosidade, misticismo e equilibrio. As suas principais obras: — Anunciação, Deposição, Madona, Juizo Final, Coroação da Virgem e Cenas da Vida de Cristo. Representado no Museu de S. Marco (Florença).

3.ª FEIRA

I PROGRAMA

13.15 «O Rapaz do Elefante» — 4.º Episódio. Escrito por Ian Stuart e Ralph Smart com Uwe Friedrichsen, Esrom, John Gregg e Alastair Duncan. Produção e realização de James Gatward. Toowai descobre que entre os muitos visitantes da reserva de caça, alguém anda a caçar leopardos para vender peles.

21.30 Telejornal — 3.ª edição.

22.05 Noite de Cinema — Ciclo Cinema Historico Europeu. Se Versailles Falasse (II Parte). A historia da França, vista através do célebre Palácio de Versailles. Um filme de Sacha Guitry com Edith Piaf, Jean Marais, Jean Claude Pascal, Sacha Guitry e muitos outros.

II PROGRAMA

22.00 Concerto — Abertura de João Sebastião Bach pela Orquestra Filarmónica de Lisboa sob a direcção de Rudolf Bavwgartner. Realização de Oliveira Costa.

22.20 Panorama — América — A minha história dos Estados Unidos. 13.º episódio — A vida mais abundante. Realização de Michael Gill. Cooke conta-nos a realização da promessa de Roosevelt de uma vida mais abundante...

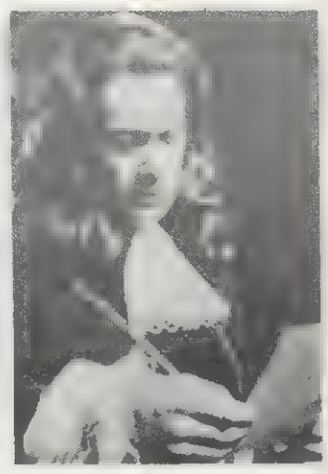
4.ª FEIRA

I PROGRAMA

19.55 Eurovisão — Futebol — Transmissão directa de Bruxelas da Final da Taça dos Clubes Campeões Europeus.

21.30 Telejornal — 3.ª edição.

22.30 A Família Strauss — Josef — Episódio com Stuart Nilson, Ann Stalybrass, Nikolas Simmondis e Margaret Whiting. Realização de David Giles. Johann Strauss adoece e é seu irmão Josef (arquitecto e engenheiro) quem o substitue. E tão notável o talento musical desta família que Josef alcança logo um êxito enorme.



Os primeiros Churchills

II PROGRAMA

22.30 Encontro com o mundo — O Rio Salomon e a Natureza.

5.ª FEIRA

I PROGRAMA

20.00 Povo que canta — Série produzida por Michel Giacometti realizada por Alfredo Tropa.

21.30 Telejornal — 3.ª edição.

22.05 Miss Portugal Transmissão directa do Casino Estoril da eleição de Miss-Portugal 1974. Realização de Luis Andrade.

II PROGRAMA

22.30 Foi êxito na TV — «Os primeiros Churchills». 11.º episódio com Margaret Tyzac, Alan Rowe, Robert Robinson, SusanHampshiree John Neville. Realização de David Giles.

6.ª FEIRA

I PROGRAMA

13.15 Valerie e a aventura — Série realizada por Robert Vernay com Mariaane Koch, Marc Cassot, Jean-François Calve, Fabrice Bruno e Alexandre Rignault. Valérie é licenciada em psicologia, e está colocada numa organização internacional cuja função é analisar a situação das sociedades internacionais

19.30 Telejornal — 3.ª edição

22.05 Histórias de Amor — «Nunca é tarde» — com Wendy Hiller, Douglas Wilmer, Ann Castle e Bernard Horsfall. Realização de David Reid.
Uma romântica história de amor da terceira idade..

SÁBADO

I PROGRAMA

13.15 Os Garotos da 47 A. Série filmada com Christine McKenna, Nigel Greaves, Gaynor Hodgson e Russell Lewis. Realização de Richard Bramall.
Com a partida do vizinho, os garotos julgam ter encontrado a paz. Ninguém podia ser pior do que ele, ou podia?...

21.30 Telejornal — 3.ª edição

22.50 Pesquisa. Série de aventuras. Episódio com Dong McClood Burgess Meredith, Tom Hallick e Pamela Jones. Realização de George McConam.
Cameron é rapatado por um homem vingativo e com perturbações mentais que pretende fazer-lhe uma lavagem ao cérebro...

II PROGRAMA

22.50 Variedades. Leo Ferré no «Olympia de Paris».

AS «HISTÓRIAS DA MÚSICA» CONTINUARÃO COMO ERAM

DISSE-NOS ANTÓNIO VITORINO DE ALMEIDA

Na última quarta-feira, à porta de um «café», a dois passos dos estúdios do Lumiar. Primeiro, surpresa da parte a parte. Depois um apertado abraço. Um abraço talvez diferente, mais efusivo, mais alegre. Não porque a amizade entre nós e Vitorino de Almeida houvesse sofrido qualquer transformação. A amizade era a mesma. Sincera como sempre: Qualquer sentimento, porém, se tornara mais expansivo, neste momento. Qual?

— Nas suas idas e voltas, entre Viena de Austria e Lisboa, o que sentiu, agora, ao pisar terra portuguesa, depois do Movimento de 25 de Abril? — perguntaríamos após alguns minutos, a Vitorino de Almeida, enquanto tomávamos à pressa uma «bica» ao balcão. Ele respondeu-nos:

— Trazia comigo uma série de câmaras de filmar austríacas, material que é sempre difícil de fazer entrar em qualquer fronteira. Dirigi-me ao representante da alfândega perguntando-lhe que formulários, que papéis, que responsabilidades deveria assumir. Ele respondeu-me com ar sério:

«Tem de levar uma coisa consigo». Fiquei à espera e ele trouxe-me um **cravo**, que foi o salvo-conduto, na circunstância. Para mim, isto define paradigmaticamente a situação em que nos encontramos.

— A que se deve a sua presença em Lisboa, neste momento?

— Vim filmar aspectos que há muito desejaria ter filmado, para o meu programa, e trouxe comigo a equipa austríaca, dado que, metade desse programa, já estava filmado em Viena. Acabei por encontrar muito mais do que pensava.

— O programa «Histórias da Música» terá, de futuro, a mesma directriz?

— Os programas foram para mim uma forma de participação, de acção directa, na luta que todos travamos, à excepção de poucos. Há aspectos em que, «Histórias da música», se manterá como era, até porque, as lutas iniciadas devem sempre continuar, no sentido de impedir, por todos os meios, qualquer forma de retrocesso. No entanto, penso que, muito fundamentalmente, os programas passarão a ser caracterizados por uma alegria mais profunda, e a consciência de que se encetou um grande e admirável trabalho de reconstrução.

MODELO 707

SURDOS

CASA SONOTONE

Acabaram-se as Festas mas, os aparelhos não! Cada vez melhores, tanto de bolso como atrás da orelha e óculos via aérea e óssea sendo estes últimos de encostar ao mastóide sem fios nem pipetas, e tudo o que há de mais moderno para corrigir qualquer perda auditiva. Continuamos com a nossa campanha com o 707 para as classes menos abastadas a 2 500$00. Temos pilhas de todas as voltagens de mercúrio e carvão. Fazemos exames e demonstrações que são gratuitas. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Prestamos assistência permanente tanto no Ultramar como no Continente. Esperamos a vossa visita que muito agradecemos em

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L. — Telef.: 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef.: 02-35602
LUANDA — Largo Luis Lopes Sequeira, 2-2.º A — Telef.: 38381

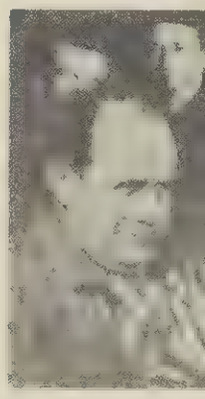
CINEMA

«COURAÇADO POTEMKINE»

O «Couraçado ne» é, talvez, o fi tante do soviéti M. Eisenstein. « o 20.º aniversári lução de 1905» o próprio realiza produção demor três meses. O pr cial englobava sódios, cobrindo volução de 1905. to, o mau tempo nho da sequên por Nina Agadja ram Eisenstein a as característica o movimento n da revolta dos ros do couraçad kine».

Disse Eisenste claração pessoal jornal de Berlim, **A obliquidade** do siste em obrigar a cabeça, a sentir guém, um ser hu se torna humano.

Em exibição n Império, todos o 15 e 15 e 21 e 3 entre 10 e 30 escu



Sergei

Decl

Continuação da pág 12

uma vez que o tê apreciável fase de mento nos países onde uma economi mente planificada p ços de custo altame titivos. Ainda assim, exemplo, importa fi sil. Mas acontece q exporta na base de p vernamentais que a lores absurdos para nomia que se deseja

E de sanidade va necessitar, na fase rarmos o nosso País da.

— O sector é socio-económico d regiões: Guimarãe Santo Tirso, Covilhã re, etc. A necessida ganização da indúst rá de atender a o de problemas, prob rais, problemas naci

— Temos tantos à nossa frente! Em 2 foi-nos entregue, po se que se resgatou, muito importante: u Com ela, um país.

«A Pátria souben ponder com as ma de júbilo, por term passado a senti-la. A tão ainda a correspo aqueles que regr exílio. Somos extra no plano dos sentime

«Necessitamos ta

CINEMA

«COURAÇADO POTEMKINE»

O «Couraçado Potemkine» é, talvez, o filme importante do soviético Sergei M. Eisenstein. «Feito para o 20.º aniversário da Revolução de 1905» — segundo o próprio realizador a sua produção demorou apenas três meses. O projecto inicial englobava oito episódios, cobrindo toda a Revolução de 1905. No entanto, o mau tempo e o tamanho da sequência escrita por Nina Agadjanova levaram Eisenstein a sintetizar as características de todo o movimento no episódio da revolta dos marinheiros do couraçado «Potemkine».

Disse Eisenstein, em declaração pessoal feita a um jornal de Berlim, em 1926: **A obliquidade** do filme consiste em obrigar a levantar a cabeça, a sentirmo-nos alguém, um ser humano que se torna humano.

Em exibição no Cinema Império, todos os dias, às 15 e 15 e 21 e 30. Bilhetes entre 10 e 30 escudos.

Alfredo Tropa

«TERRA EM TRANSE»

O brasileiro Glauber Rocha, lançado à denúncia sócio-política do Brasil e da América Latina de 1967. Filme actual, busca a simplicidade e a expressão, não descurando a denúncia dos processos utilizados por uma esquerda tradicional, acomodada na sociedade burguesa. Obra simultaneamente poética e polémica.

Diariamente, às 15 e 30, 18 e 30 e 21 e 45, no Estúdio. Bilhetes entre 20 e 30 escudos.

Sergei M. Eisenstein e André Malraux

TEATRO

Dado que não temos conhecimento de alterações significativas, achamos desnecessário reaconselhar as peças aqui mencionadas em domingos anteriores.

TELEVISÃO

TELEJORNAIS

Quotidianamente, às 13 e 45, 19 e 30 e 21 e 30. Onde se prova que a imperfeição técnica e a falta de meios não **eram** afinal, tão importantes. Agora, sim, vale (oh, se vale...) a pena ver.

MESAS-REDONDAS

Sobre assuntos diversos, políticos nomeadamente. Não indicados na programação da semana, podem aparecer a qualquer momento... Por exemplo, no TV 7, de hoje, às 20 horas.

«MÚSICA PARA OLHAR»

O «Requiem», de Faure, ilustrado com pintura de Fra Angélico. Uma época, uma ideologia, que precisam de ser compreendidas e explicadas. Segunda-feira, no 2.º canal, às 23 horas.

Glauber Rocha

«POVO QUE CANTA»

Série produzida por Michel Gincometti e realizada por Alfredo Tropa. Quinta-feira, às 20 horas.

«INQUÉRITO»

O fomento das pescas, Logo a seguir ao programa anterior. Serão desmitificadas as manobras ocorridas no sector, durante o fascismo?

«MUSEU DO CINEMA»

Filme «Os Irmãos Schellemberg». Realizador: Karl Grune. Uma amostragem, ainda que não a melhor, do que foi o **expressionismo alemão**. Sexta-feira, às 22 horas, no segundo programa.

RÁDIO

Dada a alteração radical verificada no panorama da nossa Rádio, torna-se difícil destacarmos este ou aquele programa. E semelhante a música apresentada e os processos também não variam muito. Mesmo assim, convém chamarmos a atenção para a ampla cobertura do momento político que a Emissora Nacional, o Rádio Clube Português e a Rádio Renascença estão a desenvolver.

LIVROS

MAO TSETUNG

Estão já à venda numa livraria de Campo de Ourique, as «Obras Escolhidas» de Mao Tsetung, em espanhol. O leitor terá ocasião de apreciar, se as ler, como se processaram a Revolução Chinesa e a construção do socialismo na China. Edição original, de Pequim. Quatro volumes 180 escudos.

«25 DE ABRIL»

Como os nossos camaradas de Imprensa Afonso Praça, Albertino Antunes, António Amorim, Cesário Borga e Fernando Cascais viram o dia em que o fascismo caiu. Casaviva Editora.

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTRÓLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoraveis que lhe estão reservados. EM TODOS OS CAPITULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si proprio e do seu Destino

Todos os dias úteis de segnda asexta-feira das 14.30 as 20 horas

Avª Joao XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef 724162 - LISBOA

Declarações de José Rabaça

Continuação da pág 12

uma vez que o têxtil atingiu apreciável fase de desenvolvimento nos países socialistas, onde uma economia eficientemente planificada permite preços de custo altamente competitivos. Ainda assim, a URSS, por exemplo, importa fios do Brasil. Mas acontece que o Brasil exporta na base de prémios governamentais que atingem valores absurdos para uma economia que se deseja sã.

E de sanidade vamos todos necessitar, na fase de recuperarmos o nosso País para a vida.

— O sector é o motor socio-económico de diversas regiões: Guimarães, Braga, Santo Tirso, Covilhã, Mira d'Aire, etc. A necessidade de reorganização da indústria têxtil terá de atender a outros tipos de problemas, problemas gerais, problemas nacionais...?

— Temos tantos problemas à nossa frente! Em 25 de Abril, foi-nos entregue, por uma classe que se resgatou, uma coisa muito importante: uma Pátria. Com ela, um país.

«A Pátria soubemos corresponder com as manifestações de júbilo, por termos de novo passado a senti-la. A Pátria está ainda a corresponder todos aqueles que regressam do exílio. Somos extraordinários no plano dos sentimentos.

«Necessitamos também de nos excedermos, a nós próprios, para reconquistarmos o País. O País será a vida que lhe soubermos criar. E que exige mais que sentimentos. Exige luta, saber, dedicação. Creio que teremos dentro de nós espírito de luta e capacidade para a dedicação.

«Quanto a saber, admito que sabemos pouco. Temos, pois, de aprender. Temos de recuperar o tempo perdido no futebol e no fado. Pelo que já disse, directamente ligado ao têxtil, parece-me lógico deduzir que considero a sua sobrevivência inserida na sobrevivência do País.

«Parece-me muito importante que se tenha em conta a necessidade de consciencialização política de nós todos, com vista a reflectir-se no trabalho a efectuar.

«Uma das causas da queda a planos de decadência residiu, quanto a mim, na aceitação passiva que se verificou, das situações criadas. O Homem não participante da vida colectiva da sociedade de que faz parte é sempre um homem vencido, por mais que alguns êxitos de natureza material o guindem a planos de efémera comodidade. Isto é, quando um homem deixa de ser político, deixa mesmo de ser homem

«Temos na nossa frente um caminho aberto. Não optar ou não se dedicar ao estudo da opção política, nas condições de liberdade oferecidas, pode ser crime de nefastas consequências.

Que euforia do presente não permite que alguém se esqueça da amargura dos tempos passados.

A unidade em Democracia, que até nos é possibilitada no presente pela diversificação partidária em torno da Junta de Salvação Nacional, implica a tomada de posição compatível com as responsabilidades que a cada um cabem.

Jogar na irresponsabilidade será jogar na repetição da tragédia chilena.»

E a terminar, ouvimos esta mensagem de esperança do dirigente e do homem:

— Se tenho outro assunto a abordar? Quero apenas exprimir confiança. Confiança no futuro, face às condições criadas no presente. Condições que satisfazem as exigências ao resgate do País, em conformidade com a parte final da minha intervenção na Mesa-Redonda do Expresso, em que disse:

«Há um aspecto que considero fundamental para a modificação de todo este estado de coisas: uma abertura política que, no seu início, se pode produzir pela criação da liberdade partidária. Sem uma fiscalização efectiva e eficaz, dos actos do Governo e que se possa exercer através duma orgânica que implica a existência de partidos políticos, a coisa não pode funcionar. Para mim é o ponto fundamental.»

estúdio
2.ª SEMANA
TERRA EM TRANSE
UM FILME DE GLAUBER ROCHA
grupo D/18 anos
animatógrafo
PRESENÇA DO REALIZADOR NA SESSÃO DAS 21.45

FERNANDO MONIZ

CUIDADOS COMPREENSÍVEIS

Era enorme a expectativa com que as pessoas, directa ou indirectamente interessadas na Bolsa, aguardavam a conferência de Imprensa do dr. Vieira de Almeida, Delegado da Junta de Salvação Nacional, junto do Ministério das Finanças, proferido no passado dia 7.

Essa expectativa só não foi frustrada porque era humanamente impossível exigir-se uma resposta imediata quanto à reabertura das bolsas de valores. Cautelosamente, o dr. Vieira de Almeida, limitou-se a informar que caberá aos responsáveis que irão integrar o novo Governo traçar directrizes, já que se trata de um sector bastante melindroso. Por outro lado, seria também inconveniente reabrir o mercado de títulos sem primeiro promover medidas que permitam uma reabertura calma, principalmente no que respeita ao comportamento dos detentores de títulos.

Nas circunstâncias actuais, será sempre de esperar uma corrida para a venda de papel, quando a situação aconselha prudência, pois que as perspectivas para a economia nacional não são de modo algum sombrias — antes pelo contrário.

Todavia, será igualmente de considerar a necessidade de algumas pessoas realizarem dinheiro para fazerem face a compromissos assumidos, facto que, não raramente, está na origem de venda de papel a qualquer preço. No entanto, continuamos a pensar que a altura não é a mais propícia para vender a qualquer preço.

De resto, não deverá causar grande surpresa se as primeiras operações, logo após a reabertura das bolsas de valores, seguirem uma trajectória degressiva para posteriormente, recuperarem. Muitos leitores gostariam que lhes pudessemos indicar a data possível para o reinício da actividade. Porém, qualquer prognóstico seria prematuro, muito embora seja privisível que o futuro ministro das Finanças se debruce rapidamente sobre um problema que prende a atenção de largos milhares de pessoas. Aliás, mais importante do que as acções e obrigações parece-nos o problema relativo aos Fundos de Investimento.

E sabido que muitas pessoas compravam «partes» dos dois únicos Fundos de Investimento existentes entre nós por duas razões fundamentais. Primeiro, porque ao comprarem «partes», quer do Fides, quer dos «Fia's», procuravam um juro razoável para o dinheiro que aplicavam. Segundo, e principalmente, porque em qualquer altura poderiam ser reembolsados das verbas que tinham imobilizadas nesses fundos. Era efectivamente com base nestas vantagens que muitas pessoas pretendiam o investimento em acções ou obrigações em fazer proveito destas «partes».

Neste momento, por motivos bem justificados, todos sabemos que a suspensão das operações diz igualmente respeito ao sector dos Fundos de Investimento, não se podendo comprar ou vender quaisquer «partes». E claro que se trata de um assunto altamente melindroso, já que à economia do País interessa a existência de Fundos de Investimento, infelizmente ainda limitados aos dois a que nos estamos a referir.

As medidas a tomar para as próximas transacções não podem ser proteladas demasiadamente, sob o perigo das pessoas «fugirem» futuramente deste tipo de investimento.

E absolutamente compreensível que muitas pessoas tenham assumido compromissos, cuja satisfação estará dependente das vendas de «partes» que possuem, já que era esta uma das grandes vantagens oferecidas — vender em qualquer altura à cotação do dia.

Quer-nos parecer que se o problema das bolsas de valores terá de ser objecto de ponderada atenção, o aspecto relacionado com as «partes» dos Fundos de Investimento implica redobradas cautelas pelos perigos futuros que poderá integrar, já que os investidores terão que sair confiantes deste interregno compreensível e amplamente justificado.

FIDES

E já que nos estamos a referir aos Fundos de Investimento, importa adiantar alguns apontamentos sobre os mesmos. Como é do conhecimento geral, o comportamento meritório dos Fides tem-lhe granjeado as simpatias dos investidores que para ali têm canalizado alguns milhões de contos. Essa simpatia advém logicamente da trajectória regularíssima que tem seguido nas cotações, independentemente dos dividendos atribuídos bi-anualmente. Este comportamento, a que a pequena média poupança tem sido sensível, será naturalmente resultado duma gestão criteriosa e pouco dependente das oscilações verificadas na Bolsa.

FIA

O comportamento do Fundo de Investimento Atlântico nestes últimos tempos criou-lhe uma imagem nada favorável perante o grande público. Neste últimos meses o FIA tem sofrido fortemente os efeitos da baixa de cotações na Bolsa, cuja degressão tem sido sobremaneira acentuada desde Dezembro último, quando no dia 31 daquele mês fez 553$40 para a compra, e 570$00 para a venda.

No início de 1974 noticiou-se — o Diário de Lisboa em primeira mão — que as «partes» do Fundo de Investimento Atlântico iriam ser objecto de desdobramento facto que os responsáveis não negaram. Nessa altura afirmou-se, até que o desdobramento iria ser de quatro novas «partes» para uma antiga, operação que deveria ocorrer durante este ano. Esta medida apresentava-se, aliás, bastante salutar, pois que o preço actual não é de forma alguma convidativo para a pequena poupança. Todavia, o FIA «queimou» ultimamente alguns investidores, que neste momento estão a perder dinheiro, principalmente aqueles que adquiriram «partes» nos últimos seis meses, facto que não é nada abonatório dos princípios do FIA quando diz: «A possibilidade de, mesmo com um pequeno investimento, se tornar comproprietário de uma carteira de títulos amplamente diversificada, o que desde logo dá boas garantias de segurança ao capital investido.» E mais adiante: «a obtenção de um rendimento razoável com um mínimo de riscos e um máximo de liquidez para os capitais investidos».

Ora, a verdade é que ultimamente não tem havido qualquer rendimento razoável, antes um prejuízo que se tem acentuado semana após semana. Daí, a necessidade do FIA rever a sua política sob pena do público investidor se afastar definitivamente. Recordamos que este Fundo de Investimentos foi criado em 1974 pelo Banco Português do Atlântico, de colaboração com o Crédit Commercial de France, C. G. Trinkaus e Handelsbank de Zurique.

Entre outras acções em carteira, o Fundo de Investimentos Atlântico possui 11.000 dos Seguros Alentejo; 2.040 da Companhia Portuguesa de Celulose; 2800 da Sacor; 10 000 da C.R.G.E.; 19 000 da U.E.P.; 2500 do B.P.A.; 6.500 da Cidla; 19.250 da Chenop; 1.300 do B.N.U.; 1.000 dos Cimentos de Leiria; 850 dos Cimentos Tejo; 1.600 do B. Fomento; 1000 da Lisnave; 8000 dos Tabacos de Portugal; e 5.000 da U.F.A., portanto como amostra de 11 de Março último, tratava-se de uma carteira bastante diversificada mas demasiadamente sujeita ao comportamento da Bolsa. Não estará na mente dos responsáveis alterarem a política seguida conjuntamente com o desdobramento esperado?

FORÇA AÉREA

CENTRO DE RECRUTAMENTO E MOBILIZAÇÃO N.º 1

RECRUTAMENTO DE MANCEBOS VOLUNTÁRIOS COM DESTINO AOS CURSOS DE PILOTAGEM

Faz-se público que, nos termos da Portaria N.º 260 70 de 30 MAI 70, esta aberto concurso para a admissão de mancebos voluntários com destino aos Cursos de Oficiais Milicianos Pilotos Aviadores e Sargentos Milicianos Pilotos.

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

1. Ter mais de 17 e menos de 21 anos de idade no acto das inspecções;
2. Se não for emancipado, estar autorizado por seus pais ou tutores a alistar-se na Força Aérea;
3. Ter a altura mínima de 1,62 m e possuir a aptidão física necessária, verificada pela Junta de admissão da Aeronáutica;
4. Ter como habilitações literárias mínimas:
   — **Para Oficial Miliciano:** O 3.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes.
   — **Para Sargento Miliciano:** o 2.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes;
5. Ser solteiro ou viúvo sem encargos de família;
6. Tempo de serviço obrigatório: 4 anos.
   Têm preferência na admissão, os mancebos que se comprometam a servir na Força Aérea por um período de seis anos.

Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimentos, até 28 de Junho de 1974, ao Centro de Recrutamento e Mobilização N.º 1 - Rua Newton N.º 6, r/c., em Lisboa.

Lisboa, 2 de Maio de 1974.

O CHEFE DO CENTRO
Octaviano Ivo Soares dos Santos
Ten. Cor.

Teatro Maria Matos

ÚLTIMOS DIAS
«MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE»
de Arthur Miller
Todos os dias às 21.45 h
Domingos, às 16.00 horas

M/ 14 anos
Bilhetes à venda
Tel.: 717017

CLUBE PORTUGUÊS DE TIRO A CHUMBO

Assembleia Geral Ordinária

AVISO

De harmonia com o preceituado no artigo 41.º dos nossos Estatutos, é convocada a Assembleia Geral Ordinária para o dia 20 de Maio, próximo, às 21 horas, na Sede do Clube, Monte das Perdizes, Monsanto, Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção de 1973 e Parecer do Conselho Fiscal;
2.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1974.

Caso não haja número legal na primeira convocação, a Assembleia Geral funcionará com qualquer número de sócios, uma hora depois, segundo o preceituado no artigo 40.º dos referidos Estatutos.

Lisboa, 26 de Abril de 1974

O Presidente da Assembleia Geral
Eduardo Corrêa de Barros

COTAÇÕES EM VIGOR

Bancos

	ANTERIOR	ACTUAL
Agricultura	5.550$00	5.050$00
Alentejo	2.640$00	2.400$00
Angola	6.000$00	5.650$00
Borges e Irmão	8.850$00	8.050$00
Credito Predial	5.450$00	4.940$00
Espírito Santo	10.700$00	9.700$00
F. Magalhães	6.950$00	6.350$00
Fomento Nacional	5.200$00	4.700$00
Burnay	104.500$00	—
BIP	10.000$00	9.500$00
BNU - n.	6.000$00	5.800$00
BNU - c.	8.750$00	7.950$00
P. Magalhães	9.050$00	8.200$00
Portugal - n.	7.500$00	7.400$00
Portugal - p.	8.600$00	8.500$00
B.P.A.	15.700$00	15.850$00
Totta e Açores	9.050$00	8.600$00

Seguros

Alentejo	600$00	550$00
Aliança Mad.	1.720$00	1.560$00
Atlas	1.630$00	1.480$00
Bonança	14.600$00	14.200$00
Com e Ind.	82000$00	—
Douro	36.000$00	33.250$00
Garantia	50.000$00	50.000$00
Império	50.000$00	54.600$00
Lusitana	810$00	735$00
Metrópole	27.550$00	27.550$00
Mundial	4.140$00	3.760$00
Mutualidade	6.500$00	5.900$00
Nacional	26.150$00	26.000$00
Nauticus	545$00	494$00
Patria	23.350$00	25.650$00
Portugal Previd.	6.650$00	6.050$00
Tranquilidade	11.350$00	10.300$00
União	85.000$00	85.000$00
Tagus	68.000$00	62.700$00
Port. de Seguros	12.850$00	11.650$00
Sagres	37.000$00	—
Soberana	6.000$00	5.550$00

Diversas

Celulose Guadiana	6.000$00	5.900$00
C. Leiria - p.	22.600$00	20.450$00
C. Tejo - p.	81.250$00	73.350$00
F. Ramada	2.060$00	1.870$00
Port. Celulose	9.000$00	8.550$00
Siderurgia - p.	15.500$00	14.050$00
Siderurgia - n.	10.500$00	9.500$00
Socel	7.400$00	7.050$00
Cidla	4.140$00	3.760$00
C.U.F.	4.120$00	4.120$00
Intar	690$00	660$00
Nitratos	1.400$00	1.350$00
Petroquímica	1.700$00	1.620$00
Sacor	5.950$00	5.550$00
Sacor - n.	4.400$00	—
Tabacos Port.	1.810$00	1.720$00
Tabaqueira	12.700$00	12.700$00
U.F.A.	945$00	855$00
Efacec	6.400$00	6.200$00
Empor	498$00	—
Grão-Pará	3.340$00	3.040$00
Lisnave	11.250$00	11.550$00
Bertrand	2.100$00	2.100$00
Mabor	12.500$00	12.500$00
Matur	2.860$00	2.600$00
C.N.N.	2.600$00	2.420$00
C.N.N. - n.	1.400$00	1.400$00
Novinco	13.000$00	—
Salvor	2.540$00	2.300$00
Setenave	7.800$00	7.100$00
T.A.P.	1.800$00	1.630$00
Turística da Penina	4.000$00	3.800$00
Marconi - p.	2.140$00	1.940$00

UM ESTILO DE VIDA UMA FORMA DE VIDA

A CIÊNCIA E O HOMEM

por ANTÓNIO BAPTISTA

O estabelecimento dum clima propício para o encontro generoso das ideias dos homens é uma das tarefas mais importantes, mais delicadas e mais urgentes dos responsáveis pela vida política das nações. Ainda que tratando de assuntos muito afastados das arenas políticas ordinárias, não deixou este programa de ser ferido de quando em quando, na sua integridade por um zelo censório onde, muitas vezes, se vislumbrava o quadro clássico da estupidez abraçada à arbitrariedade. Se agora recordamos alguns factos ocorridos, fazemo-lo menos por indignação do que com uma certa amargura melancólica, e atendendo apenas ao seu valor educativo. Seria magnífico que muitos dos participantes nessas acções reconsiderassem o seu comportamento, poupando-nos, no entanto, o espectáculo indecente de uma adesão gritante a novos princípios de comportamento intelectual.

O nosso primeiro programa de A Ciência e o Homem, nesta Emissora, há cerca de dez anos esteve para ser o último. Vejamos a «gravidade» das coisas nele escritas.

«Espero que a minha voz vos pareça autêntica, como a de quem sempre considerou o ensino como a respiração natural da investigação, como a única atmosfera que lhe não é mortal. Aqui temos muito que falar, mansamente por vezes, outras indignadamente, quando vemos sobreporem-se às preocupações duma exigência de formação rigorosa científica, de conhecimento profundo e vasto de disciplinas que constituem o corpo da ciência, questões metodológicas de ensino, como se fosse mais importante a forma de ensinar do que o que se ensina.»

E, então, como a «chama dum raio» se despenhou o zelo do censor particularmente sobre as palavras seguintes:

«Conhecem todos aquela frase de Bernard Shaw que continua actual: — os que sabem, fazem; os que não sabem, ensinam —. Talvez desconheçam que ela foi recentemente, não digo melhorada, mas completada, como se segue:

Os que sabem, fazem; os que não sabem leccionam;

Os que não sabem, nem leccionam, ensinam professores;

Os que não sabem, nem leccionam, nem ensinam professores;

Esses, são os especialistas de educação...»

Palavras subsversivas estas, como puderam horrorizados, escutar...

Ainda estamos para saber em que nervo sensível tocámos para tão feroz reacção.

Recordámos, em seguida, lebrando que este é o ano em que as Nações Unidas resolveram discutir os problemas da população no mundo como tivemos no programa logo a seguir, o segundo, de, à última hora, substituir uma nota de abertura sobre este problema, resolvendo ir bater nos soviéticos pela sua atitude, a propósito do caso Lysenko, de supressão de discussões sobre um tema científico politicamente proibido. A emenda deve ter sido alegremente aceite e nem devem ter reparado na ironia da situação. Mas teria a lição chegado aos ouvintes?

Nessa nota de abertura recordamos os factos mais «censuráveis».

«Que um problema seja difícil de resolver, por envolver melindres particulares é, a nosso ver, mais uma razão para que seja objectivamente tratado com o respeito que a sua importância tem para o futuro da humanidade que é responsabilidade de cada um de nós e de que não podemos abdicar.»

«De tempos a tempos ergue-se uma voz mais clara, vibrante, voz de cientista, religioso, filósofo, sociólogo, de pensador, enfim, pois que eles todos formam a consciência activa da humanidade, e nos acorda para a realidade da situação que um futuro já próximo nos aponta ameaçadora. O exemplo de Malthus impõe-nos sobriedade mas podemos já aproveitar dessa experiência na nossa cautela.»

«O biólogo, Parkes, professor na Universidade de Cambridge recordou, há pouco, que nos últimos 50 anos a população do mundo duplicou e que o aumento da população verificado nos últimos trinta anos iguala toda a população do mundo até 1930 desde que o homem andou sobre a face da Terra há cerca de dois mil séculos. Trinta anos em dois mil séculos, são como meio segundo numa hora. Trata-se, verdadeiramente, duma explosão.

«Num relatório da Academia Nacional das Ciências dos Estados Unidos, lembra-se que, se o aumento que hoje se observa de 2 por cento por ano existisse e se mantivesse desde o tempo de Cristo, hoje por cada pessoa que vive existiriam 20 milhões, repito, 20 milhões!!! o que daria por cada metro quadrado da superfície da Terra, uma média de mil pessoas.»

Lembrava, depois algumas intervenções no concílio Vaticano II e a pergunta aí feita pelo patriarca Melchite de Antióquia, Máximos: «Não deve a posição oficial da Igreja ser, no assunto do controlo dos nascimentos, revista à luz da ciência moderna»?

Recorde-se que foi um católico, o professor John Rock da Universidade de Harvard o homem que possivelmente mais contribuiu para a obtenção dum produto que serve para controlo da natalidade e que continua a afirmar qa ele e outros médicos e cirurgiões católicos concordam em que é moralmente correcto controlar a gravidez.

Seria a Rock que Leo Josef, Cardeal Suenens da Bélgica se referia quando disse no concílio: «temos aprendido muitas coisas desde Aristóteles. Eu insisto irmãos, evitemos um novo caso Galileu. Um é certamente bastante na História da Igreja.»

Isto, em suma, o que não pudemos dizer nesse dia já longínquo há dez anos.

PARA A MEDITAÇÃO DE TODOS OS HOMENS

A cela tem as paredes pintadas de um branco brilhante. A mobília branca é. Por nenhuma parte a luz pode penetrar do exterior e uma luz potente de neón está acesa noite e dia, uma noite e um dia que se sucedem, mas lá fora, no mundo dos homens, porque este é um mundo criado por seres ao serviço da humanidade. A deprivação dos sentidos assim conseguida leva os prisioneiros — estamos a falar duma cela — a um estado de sujeição como nunca foi obtido com outros métodos menos refinados, ou horroroso é dizê-lo, menos «científicos».

Diz-nos «Le Monde» que esta tortura é empregada no Brasil e está a ser utilizada em 80 prisioneiros do chamdo bando de Baader, em Hamburgo. Mas será bom que não sejamos distraídos desta nossa meditação por outras associações que lhe não pertencem. Imposta é afirmar e reafirmar sempre que é indigno da nossa condição de homens que tais métodos sejam utilizados por quem quer que seja, em qualquer situação que seja, com quem quer que seja. E com excepções cada vez mais subtis que forjamos as nossas indignidades. A nossa indignação tem de ser incondicional, pronta, e nem sequer portanto, aqueles que forem reconhecidos evidentemente culpados são merecedores dessas crueldades que condenamos. Não esqueçamos isto pois este é um ponto fraco na defesa da nossa integridade de homens. Repicam-nos aos ouvidos, desde que há muitos anos nos feriram, palavras dum nosso grande poeta mais vivo nestes dias que devem não ser só de salvação mas, também, de penitência nacional. Cito de memória, melhor diria de cor — do coração, como se sabe — Miguel Torga:

Uns sentem-se felizes porque têm a pistola.

Outros, sentem-se infelizes porque a não têm»

Foi uma luz para a nossa condição de português e senti orgulho por ser professor na nossa Academia Militar ao ver que, em 25 de Abril, os que tiveram a pistola, mereceram empunhá-la. Será uma lição que teremos de rever, ensinar às gerações vindouras e, sobretudo, merecer.»

CARTA A UM CENSOR RADIOFÓNICO

Enviada a 4 de Novembro de 1964

«Desculpe Vossa Senhoria não lhe escrever pessoalmente mas nem procurei sequer conhecer o nome de Vossa Senhoria, pois que a função de censor quase que impõe o anonimato. Efectivamente, o censor não é mais do que uma tesoura purificada pela ideia que a empunha.

Sucede que, do meu lado, do lado dos censurados, daqueles que na árvore descuidadamente frondosa dos seus escritos, deixaram crescer ramos imperfeitos ou mesmo apodrecidos, temos problemas do género daquele que me tocou agora.

Quando, na terça-feira passada, iniciei a gravação do meu programa verifiquei que Vossa Senhoria tinha removido dele um naco apreciável por motivos que não quero, livre-me Deus, discutir, mas que a minha curiosidade, a minha quase doentiamente profissional curiosidade, gostaria de conhecer. Antes disso, contudo, e mais importante do que isso, venho junto de V. Senhoria, pedir o favor de ser dado a conhecer antes da gravação (no dia anterior, pelo menos) a versão purificada pelos cuidados escrupulosos de V. Senhoria, de modo a emendar o texto e poder disfarçar, no jardim, certamente mal cuidado, do meu escrito, os sinais da poda purificadora da sua tesoura, pois me é difícil, e creio mesmo que me não é lícito, improvisar na pressa do momento, uma reparação que poderia até, involuntariamente, correr a garantir a V. Senhoria, admitindo mesmo por absurdo uma desatenção dos vigilantes censores, ser danosa para a integridade moral e/ou intelectual dos ouvintes.

Perdoe-me V. Senhoria roubar aos seus interessantes afazeres um tempo precioso. Creia-me Vossa Senhoria, censuradamente seu

ANTÓNIO BAPTISTA

AVISO

Não nos devemos permitir mais do que uma esperança qualificada pela rigorosa exigência da fraqueza da nossa humanidade. Mas ela é bastante para que não desistamos nunca da construção de um mundo onde se respeite a dignidade física, intelectual e moral dos homens. A comunidade científica poderá ser um modelo, no sentido restrito da teoria dos modelos, do que é realizável no mundo todo dos homens. Com efeito a vida científica ensina que a firmeza das convicções é perfeitamente compatível com a discrepância das opiniões, com o ardor das discussões. Mais: ela exige para manutenção da sua vitalidade e progresso, uma completa abertura à ousadia da imaginação, da inteligência e da sensibilidade dos homens. Impõe, por isso, o respeito mútuo, e é corrompida por qualquer autoridade que nela penetre com forças estranhas ao seu mundo próprio. São as vozes desse mundo que continuaremos a escutar e a retransmitir.

Entre as vozes todas que explosivamente libertadas se fazem ouvir, mal se percebem os vagidos daqueles que entre nós se dedicam à actividade humana possivelmente mais importante do nosso tempo, tão insignificante é, de facto, a vida científica entre nós, irrompendo como mirrada flor selvagem num meio inóspito. No entanto, todos os caminhos da nossa libertação não desvairada se terão de construir com base na Ciência. Sirva-nos isto mais como bandeira do que como programa. Como nos for possível, procuraremos no que escrevermos aqui, ter sempre mais presente a nossa realidade portuguesa. Esperemos que tenha para sempre acabado o tempo de, para dizer onde nos dói, apontar para o corpo do vizinho sofredor mais a jeito.

No entanto, antes de iniciar a jornada, e porque acreditamos no seu valor educativo, permitimo-nos transcrever, resumindo algumas partes, o nosso último programa na Emissora Nacional da série A Ciência ao Serviço do Homem. Completaremos a página com uma carta que sempre pensámos poder só servir para recreio íntimo entre amigos e que ia terminando logo no primeiro programa a nossa actividade radiofónica.

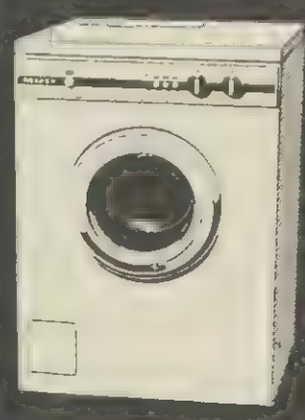
MÉDICOS

— CIRURGIÕES
— DE CLÍNICA GERAL

Admitem-se para Angola
Remuneração a combinar

Resposta a este Jornal ao n.º 1084

Máquina de lavar roupa automática



Você própria pode escolher a temperatura, o nível de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos. O resto é com a maquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.

Miele

AGENTE OFICIAL:

M. L. FERREIRA

RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A
Telef.: 560498 - 45019 - 58958
AV. DA REPÚBLICA, 54
Telef.: 749430 — LISBOA

A IGREJA E A SOCIEDADE NOVA

AFIRMOU-NOS PADRE MÁRIO DE OLIVEIRA

«Neste momento grande para todo o povo português partilho de uma apreensão que anda a desenvolver-se dentro de mim e que é esta: será que a Igreja em Portugal vai assumir o seu real papel de parteira para que surja um homem novo e uma sociedade nova, ou, como tantas vezes aconteceu, irá reaccionariamente provocar um aborto? A todos os cristãos, mas particularmente aos sacerdotes nas paróquias, cabe a resposta».

Estas palavras foram-nos ditas pelo antigo pároco de Macieira da Lixa, padre Mário de Oliveira, cuja actividade pastoral, guiada por critérios de invulgar coerência e dignidade, revelou não só as contradições existentes no seio da tradicional e comprometida Igreja Portuguesa, como também e sobretudo, a falsidade dos pressupostos éticos e políticos impostos pelo fascismo nos mais diversos campos da convivência nacional. Daí que a polícia política do antigo regime, seu principal sustentáculo, a coberto de sucessivos atropelos á normalidade jurídica, tenha por duas vezes detido também o padre Mário, fazendo-o julgar no Tribunal Plenário do Porto por pretensas «actividades subversivas contra a segurança do estado». Com isto, o conhecido sacerdote passou quase dois anos na prisão.

A sua actividade pastoral não era chamada de «subversiva» apenas pela extinta polícia. Merecia também essa designação por parte de minorias ultra-reaccionárias, suas activas colaboradoras, uma pequena legião de delactores, parasitários protegidos do fascismo a quem este retribuía com o tratamento de «verdadeiros portugueses», continuadores dos «sagrados destinos da Pátria» e outros benefícios que só o tempo poderá esclarecer.

Com o 25 de Abril nasceu dentro de mim uma maior esperança

Todavia, apesar de todas as perseguições, denúncias e calúnias, o padre Mário não desistiu de prosseguir na sua paróquia, pela palavra, pela acção e pelo exemplo, uma obra de promoção humana e social voltada para um novo entendimento da sua missão como homem e sacerdote. Obra essa que a censura impediu os jornais de divulgar, na altura do seu último julgamento no Plenário do Porto, através dos depoimentos dos habitantes de Macieira da Lixa, suas Testemunhas de defesa. O esforço ali desenvolvido pelo padre Mário apontava para uma consciência política, para uma cooperação entre as pessoas, para uma valorização cultural, para um conhecimento da sua condição de explorados, a que o povo de Macieira da Lixa e outros lugares correspondeu de forma clara e reveladora.

O padre Mário de Oliveira é, assim, uma das pessoas a quem neste momento importa ouvir, não só como padre, concretamente da diocese do Porto, mas também como um dos muitos portugueses que a vida pública do País nas últimas décadas transformou em resistentes. De uma «resistência» efectivamente se tratou, prosseguindo uma obra que noutras terras da Europa e noutras alturas os homens livres igualmente conntruíram. Resistência de que agora por todo o lado surgem os adeptos, esbatendo as fronteiras entre o oportunismo e o sacrifício, e que é preciso definir claramente. A nossa conversa com o padre Mário não assentou num questionário previamente elaborado. Limitámo-nos a levantar alguns problemas, relacionando a sua condição de sacerdote e a nova vida que o 25 de Abril iniciou para Portugal. A primeira questão foi exactamente sobre o entendimento da sua actividade á luz das alterações políticas verificadas.

— «Com o 25 de Abril nasceu dentro de mim uma maior esperança, pois tornou-se finalmente possível ser-se homem neste País. Pessoalmente sinto-me partilhar da euforia colectiva ao mesmo tempo que procuro viver á escuta da boa nova que sinto andar muito dentro deste acontecimento que já classifiquei de pascal. Para o meu ministério sacerdotal, que no anterior regime encontrou sérias dificuldades quando quis viver sem limitações de qualquer espécie, estou bem convencido de que nesta altura ele pode ser assumido duma forma ainda mais genuína. Por isso entendo que devo ir mais além no anúncio da verdade e constantemente fazer apelo a todos os homens, independentemente dos interesses de partido, para que se deixem julgar pela verdade e assim sejam homens mais completos».

Estava ao serviço de um povo marginalizado »

— Quer concretizar alguns aspectos em que essa sua missão será agora possível?

— «Na minha experiência pastoral anterior vi-me muito contrariado por forças da reacção, primariamente religiosas, da religião tradicional, que chegaram a encontrar forte apoio nos organismos oficiais, nomeadamente a extinta PIDE/DGS. Quando me situei em Macieira da Lixa depressa me apercebi de que estava ao serviço de um povo marginalizado, secularmente oprimido, mesmo por uma certa forma de vida clerical que impedia as pessoas de o serem. Consciente de que o evangelho que tinha a missão de ali anunciar é apelo constante ao Homem para que o seja em todas as dimensões, e também na dimensão política, tentei orientar as pessoas no sentido de se congregarem, de se associarem para, juntas tomarem consciência da sua real situação e, de mãos dadas, tudo fazerem para se autolibertarem. Porém, logo verifiquei que tais reuniões, muitas vezes realizadas nas casas das pessoas ali residentes, eram olhadas com suspeita por parte das autoridades locais, que logo procuravam amedrontar aquela gente com ameaças de toda a ordem. Mesmo assim, houve encontros que se fizeram nos diferentes lugares, chegando a culminar numa espécie de plenário na igreja. Entretanto as forças da reacção, bem a coberto da «legalidade» instituída não pararam e chegaram mesmo a furar os pneus dos automóveis e motorizadas das pessoas que tinham tomado parte num desses plenários.»

— Entende então que neste momento a actividade da Igreja e a sua própria também deve ser entendida num novo sentido. Em que sentido a encara?

— «Eu penso que o sacerdote há-de evitar toda a espécie de paternalismo. Mais do que conduzir o povo como um pastor conduz o rebanho, ele há-de estar presente no meio dele como um animador, como aquele que é capaz de captar os reais anseios desse povo, mesmo aqueles anseios que por incapacidade não conseguem expressar. Entretanto, não lhe compete substituir o povo, mas há-de ter a humildade bastante para semear inquietação, rasgar caminhos ir com as pessoas e saber esperar num misto de paciência e ansiedade que o povo comece a caminhar pelo seu pé. É que ensinando-o a andar esse povo estará no caminho certo para a autêntica autonomia e independência. Assim poderá chegar a realizar a fraternidade que só é possível quando cada um for tão senhor de si que possa dar-se aos outros».

A actividade política

— Será correcto dizer que urge repensar a actuação da Igreja em Portugal neste momento? Que perspectiva deve ser a da Igreja quanto à responsabilidade dos portugueses na condução dos seus problemas?

— «A mim parece-me que as pessoas serão tanto mais pessoas quanto forem capazes de se organizar, de crescer comunitariamente, de buscarem juntos uma solução para todos os seus problemas dos quais também em conjunto tomaram consciência. Na anterior situação, onde havia carências de toda a espécie e onde organizar-se era considerado crime, o sacerdote devia incitar as pessoas a que reinvindicassem o direito de o poderem fazer para encontrarem saída na sual aflitiva situação. Hoje, onde não organizar-se é que é quase considerado crime, o sacerdote deverá estimular as pessoas no sentido de o fazerem, e, mais do que o solicitarem dos poderes públicos que lhes dêm com certo paternalismo aquilo de que carecem, procurem descobrir em conjunto as suas necessidades e em conjunto lhes dêm resposta aceitando, evidentemente, que outras mãos venham também ao seu encontro, mas sem nunca imporem soluções ou substituirem o seu esforço».

— Isto não deixava de ser já o próprio objectivo do padre Mário até aqui...

— Era esse o meu objectivo e continua a ser. Parece-me muito importante que libertando-nos de um paternalismo clerical não caíamos num paternalismo de Estado».

— Que lugar atribui à política na vida das pessoas?

— «Falando como sacerdote, a actividade política é aquela através da qual o homem consegue fazer-se homem, pois que ninguém poderá crescer em humanidade se não desenvolver toda a capacidade de serviço que anda dentro de si como que em semente. E a actividade política, que eu distingo da luta pela conquista do Poder, é a maior oportunidade de que se oferece ao homem para ele servir os seus contemporâneos. Esta actividade para ser autêntica exige que o homem seja capaz de ouvir o seu semelhante, não apenas como indivíduo, mas como classe, até se deixar encharcar dos seus problemas, dificuldades, esperanças e anseios para depois em conjunto projectar aquelas acções que irão dar corpo, que irão dar efectiva realização aos anseios e aspirações captados. Infelizmente nem todos verão a actividade política assim, pois a cada passo ainda nos encontramos com gente que, em vez de servir, procura servir-se e por isso é capaz de projectar sem primeiro começar por ouvir».

— Como entende que se podem banir essas classes que referiu neste País concreto, com abismos tão grandes entre as pessoas e com interesses tão longamente acumulados, muitas vezes com a passividade da própria Igreja?

Sociedade sem classes

— «Na minha perspectiva de sacerdote e crente, a tão falada sociedade sem classes é uma utopia irrealizável dentro da história. Enquanto estivermos situados no espaço e no tempo as classes são um facto que devemos encarar realisticamente e sem medo. Como há diferenças entre as classes, também é inevitável a luta, o que no meu entender não é sinónimo de ódios ou vinganças. Para que o problema vá sendo resolvido e nos aproximemos mais desse ideal de sociedade sem classes muito me importa que cada homem seja capaz de dar pela presença dos milhões de oprimidos e explorados e tenha a coragem de se deixar interpelar pelos seus clamores de justiça. Parece-me que cabe aqui o insubstituível papel profético da Igreja, pois o profecta é aquele homem que mais do que ninguém é sensível aos clamores dos oprimidos e depois tem coragem de os apresentar, de os fazer ouvir por todos os outros homens, mesmo quando eles por ventura caídos no seu conforto reagem mal à sua voz. Na medida em que todos forem capazes de ouvir esta voz e de se deixarem incomodar por ela, até ao ponto de passarem a dar-lhe efectiva realização, o abismo que existe entre as classes vai sendo diminuído. A meu ver a suspirada sociedade sem classes será realizável no que teologicamente se chama metahistória. E o que em linguagem bíblica se chama reino de Deus, isto é, aquela situação humana na qual o homem é plena e comunitariamente homem, sem qualquer limitação.

— Acha que a Igreja em Portugal também anda carecida de um 25 de Abril?

— «Para um sector minoritário da Igreja em Portugal, o 25 de Abril representa o coroamento de todo um esforço que esse sector vinha desenvolvendo com muitos homens de boa vontade. Por isso é natural que esteja presentemente contente e agora ainda mais do que antes prossiga o esforço que vinha desenvolvendo para a total libertação dos homens que moram neste País. Porém, a grande maioria da Igreja vivia satisfeita no acanhado espaço vital que o sistema derrubado lhe concedia. E até se prestava a abençoá-lo, não apenas com o seu cúmplice silêncio mas também com a notória presença em tantos actos considerados oficiais, dando a falsa ilusão ao povo de que tudo ia bem neste País, quando afinal tudo ia muito mal. E natural que este grande sector da Igreja se encontre agora perplexo, apavorado, e vá já rezando a Deus para que não venha o comunismo, em vez de se alegrar e convidar todos os cristãos a alegrar-se com o acontecimento de 25 de Abril. Para este sector maioritário da Igreja o 25 de Abril pode representar o fim de tantos privilégios ilegítimos e é de desejar que venha a ser o princípio de uma caminhada que toda a Igreja terá de fazer para ser efectivamente a grande servidora do povo, numa situação de real pobreza, disponibilidade, até se tornar a grande fomentadora da esperança».

O padre Mário está agora a trabalhar no Porto, tendo deixado a sua paróquia de Macieira da Lixa. Integrado numa equipa de cinco sacerdotes e um diácono, vai trabalhar numa zona da cidade a que o fascismo nunca deu qualquer atenção, pelo simples facto de que isso era incomportável dentro dos seus horizontes políticos e sociais. Trata-se da zona ocupada pelas freguesias da Se, S. Nicolau (que inclui a Ribeira e o Barredo) e Miragaia. A sua integração nesta equipa deve-se a um pedido dos seus companheiros desta última freguesia, a que o bispo do Porto e os leigos da zona pastoral, uma vez consultados, deram o seu acolhimento.

Uma última pergunta:

— Gostaria de voltar a Macieira da Lixa?

— «Quando saí da prisão desejava continuar por mais algum tempo a trabalhar em Macieira da Lixa, até para dar o toque final a todo um trabalho pastoral que tinha sido bruscamente interrompido. Mas foi-me dito superiormente que já não era pároco de Macieira da Lixa. Neste momento ainda não estou em plena actividade e só mergulhado no povo sinto que sou eu próprio. Até me parece que quando me arrancam do meio do povo conseguem tornar-me bastante estéril pastoralmente.

Gostava ainda de formular um voto que é este: que todos os cristãos se sentissem a partir de 25 de Abril em clima de reunião permanente, não como quem forma uma ilha à parte dos outros homens, mas como quem embarcou no mesmo e único combóio. E que podemos ficar a ver os acontecimentos e perdermos esta oportunidade de pronunciar aos nossos contemporâneos aquela palavra que por ser de Deus irá dar o sentido totalmente humano à actividade que presentemente todos os portugueses são chamados a desenvolver».

(Entrevista conduzida por JOSÉ GOMES BANDEIRA)

De m

Ainda a pro
de George Stein
das relações co
o mundo) gosta
mesmo em públic
cação. Estou a a
serie de notas,
aos poetas ingle
urgente pensar
próprio problema
estudos poéticos

Toda a acção ped
uma acção violenta,
do exercício de uma
de pedagogica reali
ves de um trabalho p
em estabelecimentos
no. Isto no seu niv
podendo a um nível
ou oficializado pres
ultimo elemento, o e
mento de ensino.
vias não directivas
as que abdicam do ca
ternalista e orienta
vias socráticas ou ne
cas do diálogo em p
bilidosa de esclareci
sentam numa impos
lógica implícita. Tod
veícula uma ideolo
nante (de classe, de
instituição), e as ten
organizar um ensino
mente neutro são
próprias, uma posiçã
ca que tenta rever
como a violência p
é por essa ideologia
da.

E óbvio que, qua
violência, a estou a
num sentido não im
é uma violência não
te violenta, mesmo ne
camente violenta, ta
num sentido simbóli
tado: é uma violência
ge (nos melhores d
como ocultação da
é uma violência sim
sendo violência simb
do o poder que con
pôr significações e
como legítimas dis
as relações de força
o fundamento da s
(1).

Tentemos o que t
a reprodução do sa
prática pedagógica
repressiva que seja)
um acto de imposiçã
nos pode levar à
acção pedagógica,
sempre presente
mútua da sua prá
consciência de uma
esta certeza de que
ber é um veículo id
este espaço em que
te e o ensinado se m
ma ingerência neces
rá a consciência d
diálogo educativo é
de poder o que corró
ticamente salva o
educativo.

Daqui que o mito
cação natural ou as
não-directivas de ens
loquem numa tentativ
lição de poder que,
mente, acabam por
força de alienação, u
so de ocultamento (p
sa) do carácter ideolo
te violento do ensin
abole esse carácter
do o totalitarismo dir
um liberalismo natur
ca maneira, talvez,
a prática pedagógica
cal consciência mútu
carácter violento,
função de transmisso
arbitrário cultural, na
contínua de que se
zando uma imposi
farçada. Ao mesmo t
se ensina e se apr
sempre isto present
sempre alertado e
para o facto de o cap

JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES

De novo George Steiner

Ainda a propósito de «Linguagem e silêncio» de George Steiner (que levanta cruciais problemas das relações com a literatura e da literatura com o mundo) gostaria de continur a pôr-me a mim mesmo em público determinados problemas de educação. Estou a afastar-me um pouco do intuito desta série de notas, que iria entrar agora na referência aos poetas ingleses dos anos 50, mas parece-me urgente pensar certas questões que levantam o próprio problema da validade e da pertinência dos estudos poéticos.

Toda a acção pedagógica e uma acção violenta, que deriva do exercício de uma autoridade pedagógica realizado através de um trabalho pedagógico em estabelecimentos de ensino. Isto no seu nível oficial, podendo a um nível não oficial ou oficializado prescindir do ultimo elemento, o estabelecimento de ensino. Mesmo as vias não directivas de ensino, as que abdicam do carácter paternalista e orientador, e as vias socráticas ou neo-socráticas do diálogo em posição habilidosa de esclarecimento, assentam numa imposição ideológica implícita. Todo o ensino veícula uma ideologia dominante (de classe, de grupo, de instituição), e as tentativas de organizar um ensino aparentemente neutro são já, elas próprias, uma posição ideológica que tenta rever os modos como a violência pedagógica é por essa ideologia efectivada.

E óbvio que, quando digo violência, a estou a entender num sentido não imediato, ela é uma violência não fisicamente violenta, mesmo nem psiquicamente violenta, talvez, mas num sentido simbólico e ocultado: é uma violência que surge (nos melhores dos casos) como ocultação da violência, é uma violência simbólica — sendo violência simbólica, «todo o poder que consegue impôr significações e impô-las como legítimas dissimulando as relações de força que são o fundamento da sua força» (1).

Tentemos o que tentarmos, a reprodução do saber pela prática pedagógica (a menos repressiva que seja) é sempre um acto de imposição. Isto não nos pode levar à recusa da acção pedagógica, mas a ter sempre presente na acção mútua da sua prática esta consciência de uma violência, esta certeza de que todo o saber é um veículo ideológico, este espaço em que o ensinante e o ensinado se movem numa ingerência necessária. Será a consciência de que o diálogo educativo é esta força de poder o que corrói e dialecticamente salva o processo educativo.

Daqui que o mito da educação natural ou as manobras não-directivas de ensino se coloquem numa tentativa de abolição de poder que, forçosamente, acabam por ser uma força de alienação, um processo de ocultamento (pepa recusa) do carácter ideologicamente violento do ensino. Não se abole esse carácter substituindo o totalitarismo directivo por um liberalismo natural. A única maneira, talvez, é exercer a prática pedagógica na radical consciência mútua do seu carácter violento, na sua função de transmissora de um arbitrário cultural, na denúncia contínua de que se está realizando uma imposição disfarçada. Ao mesmo tempo que se ensina e se aprende, ter sempre isto presente e estar sempre alertado e alertando para o facto de o capital natural distribuído estar a contribuir para a reprodução de uma estrutura social (não estou levantando agora, note-se, a qualidade moral dessa estrutura, mas constatando um processo).

Dentro destes circuítos, a relação ensinante e ensinado talvez consiga realizar-se numa objectividade que permita a escolha, sendo essa escolha assumida na certeza de que está instaurando ela própria um espaço que permite a recusa. E este carácter relativista, esta opção dialéctica a que poderá fomentar a liberdade na não-liberdade (no sentido atrás definido) que o ensino é.

Não perdendo de vista estes pressupostos, o ensino da literatura e das artes é um poderoso veículo para a difusão e a consolidação do carácter precário e arbitrário da cultura e do estar no mundo. O sofrimento e a alegria, o castigo e a salvação, o amor, a esperança, a loucura, o desejo, a própria beleza, alguns dos sectores que a literatura e a arte percorrem e em que se fazem, não são entidades em que se possa abstractamente falar, elas não foram factor de libertação do artista, mas o modo como a liberdade do artista pôde ser pensada e expressada. Se nem toda a obra de arte é intencionalmente uma reflexão sobre a história, toda a obra de arte está na história. E se a compreensão histórica não basta para esgotar os seus sentidos, todos os outros processos de leitura com que tentarmos ir esgotando os sentidos dessa obra estão presos, em última análise, a uma ideologia e estão presos a uma situação da história.

Aquilo que entendemos pelo carácter a-histórico da arte, é esta sua radical inserção na história, este apelar contínuo para o decorrer da história, esta capacidade última de se cumprir apenas no uso que a história dela fizer. Ensinar a arte é ensinar esta consciência, é criar o aparelho metodológico que suporte este relativismo, é alertar os mais novos na história para a beleza que é histórica.

E neste momento que volto a introduzir George Steiner. Diz ele em «Language and silence»: «Uma grande descoberta em física ou bioquímica pode ser neutra. Um humanismo neutro ou é um artifício pedante ou um prólogo ao desumano». Efectivamente, um ensino neutro (para só falarmos de ensino), um ensino que sob a capa do não-directivismo não esclareça o carácter eminentemente directivo que a acção pedagógica tem de ser, está a acrescentar a força da alienação ao carácter de força da pedagogia. Por outro lado, chamar a atenção para a beleza ou o sofrimento (por exemplo), apontar as obras em que essa beleza se cumpre ou esse sofrimento se denuncia e escreve, não basta para educar, não basta para ser uma formação literária. E necessário obviar as razões desta beleza ou desse sofrimento, tentar refazer os frágeis fios que os ligam à história; e mais, tentar compreender por que razões, nomomento em que estudamos essa beleza ou esse sofrimento do passado, eles ainda são beleza ou sofrimento. Como afirma Steiner: «Ler a grande literatura como se ela não tivesse sobre nós um desígnio urgente (...) é fazer pouco mais que preencher fichas num catálogo de bibliotecário».

O conjunto dos estudos literários tem que impedir tal situação, ao mesmo tempo que tem de impedir a neutralidade, o não-directivismo tecnocratizante. Ter a consciência da pedagogia como uma violência simbólica e fazer continuamente no seu exercício essa revelação e denúncia, compreendê-la como um veículo da situação dominante, sabendo que toda a situação dominante é a maior recusa da utopia em progressão que a liberdade é, exercer isso na actividade pedagógica, nomeadamente no que diz respeito à literatura e às artes será talvez a maneira de impedir a dicotomia inquietante de Kierkegaard que Steiner cita: «Há duas maneiras: uma é sofrer; outra é tornar-se professor do facto de que outro sofre».

Tudo isto pressupõe uma modificação do carácter e do currículo dos centros do ensino da literatura e das artes. E se essa mudança se tem de processar numa reorganização e redistribuição de certos sectores de disciplinas já existentes, terá que haver uma decidida criação de disciplinas de teoria política, disciplinas de discussão e de abertura, mesmo com mais do que um professor, para que o rosto múltiplo da história surgisse e contaminasse e continuamente se alterasse. Talvez isso ajudasse aqueles que fazem dos estudos literários e estéticos o sentido das vidas a nunca mais verem as suas vidas transformadas num espaço que precisa das artes para esquecer a vida que se tem.

EXCERTO DE «LINGUAGEM E SILÊNCIO» DE GEORGE STEINER

Se a relação dos estudos literários e da consciência literária com o conjunto de conhecimentos e meios expressivos da nossa sociedade se alterou radicalmente, por certo que também se alterou o confiante laço entre a literatura e os valores civilizados. Penso ser este o ponto fulcral. O facto simples e medonho é que temos muito pouco sólida evidência de que os estudos literários contribuem fortemente para enriquecer ou estabilizar a percepção moral, de que eles **humanizem.** Temos poucas provas de que uma tradição de estudos literários torne, de facto, um homem mais humano. O que é pior — um certo corpo de evidências aponta para o contrário. Quando a barbárie se instalou no século vinte europeu, as faculdades de letras em mais do que uma universidade ofereceram muito pouca resistência moral, e isto não é um acidente trivial ou local. Num perturbante número de casos, a imaginação literária deu servis e extáticas boas-vindas à bestialidade política. Esta bestialidade foi, por vezes, reforçada e refinada por indivíduos educados na cultura do humanismo tradicional. Conhecimento de Goethe, prazer com a prosa de Rilke, não pareceu barreira ao sadismo pessoal e institucionalizado. Valores literários e mais extensa e horrenda desumanidade podiam coexistir na mesma comunidade, na mesma sensibilidade individual, e não optemos por um caminho fácil de escapar à questão e dizer «o homem que fez estas coisas num campo de concentração apenas disse que lia Rilke. Não o lia bem». Temo que esta resposta seja uma evasão. Foi capaz, de facto, de o ter lido muito bem

Contrariamente a Mathew Arnold e ao dr. Leavis, sinto-me incapaz de afirmar com confiança que as humanidades humanizam. De facto, iria mais longe: é pelo menos concebível que o centrar da consciência num texto escrito, que é a essência do nosso treino e da nossa investigação, diminui a lucidez e a prontidão da nossa real resposta moral. Porque fomos treinados a dar crédito psicológico e moral ao imaginário, à personagem de uma peça ou de um romance, às condições de espírito que recebemos de um poema, podemos achar mais difícil identificar-nos com o mundo real, levar o mundo da experiência real ao coração — «ao coração» é uma expressão sugestiva. A capacidade de reflexo imaginativo, de risco moral, em qualquer ser humano, não é ilimitada; pelo contrário, pode ser rapidamente absorvida por ficções, e assim o grito do poema pode ser mais alto, mais urgente, mais real que o grito no quarto ao lado. Assim, pode existir um lado oculto e traiçoeiro entre o cultivo da resposta estética e a potencialidade pessoal de desumano. Que havemos então de fazer quando aprendemos e ensinamos literatura?

(1) P. Bourdieu e J.C. Passeron, «La reproduction», Les Editions de Minuit, Paris, 1970

(2) George Steiner nasceu em 1929. Obras: «Tolstoy or Dostoevsky», Faber and Faber, 1959. «The death of tragedy», idem, 1961. «Language and Silence», idem 1967; Pelican Books, 1969. «Extra-Territorial», idem, 1968. «In Bluedeard's Castle», idem, 1971. A sair ainda este ano: «Afhter Babel», Oxford University Press.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
Encerrado às 2.ª feiras

CHURRASCARIA BOTAFOGO
SNACK BAR
Especialidades em churrasco
PRATOS ESPECIAIS
Encerra às 2.ª feiras
Rua Eng. Vieira da Silva, 22-A e 22-B

VARANDA DO TEJO
O RESTAURANTE QUE LISBOA PRECISAVA
Experimente almoçar ou jantar num ambiente diferente
S/ problemas de estacionamento
Aberto todos os dias até às 24 horas
ESTAÇÃO MARÍTIMA DE ALCANTARA 1.º ANDAR
Tel. 665002

RESTAURANTE SANCHO
Trav. da Glória, 8-16
Telef. 369780
LISBOA

O Gigante
● CAFÉ ● RESTAURANTE
● SNACK-BAR ● PASTELARIA
● BILHARES
Fondue bourguignome
Especialidades goesas
Pastelaria com fabrico próprio
62, R. Ferreira Borges, 66 - (Ar condic.) Tel. 677463

RESTAURANTE DOM JAIME
Quarta-feira
Cabrito recheado à Dom Jaime
Quinta-feira
Feijoada à Transmontana
Sexta-feira
Bacalhau à Dom Jaime
Sala própria para banquetes até 280 pessoas
Calçada de Carriche, Lote 45 LISBOA 5

RESTAURANTE O'LACERDA
PRATOS DO DIA
2.ª feira, Dobrada à Portuguesa
3.ª feira, Cozido c/ todos
4.ª-feira, Cabrito Assado
5.ª-feira, Chambão à Moda da Casa
6.ª feira, Caldeirada de Lulas
Sabado, Vitela à Jardineira
AV. DE BERNA, 36 A
Telef. 77405 774057

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

QUAL É O FUTURO DA «ÉPOCA»?

Conforme já noticiámos, foi suspensa a publicação do diário «Epoca». Surgem neste momento várias hipóteres quanto ao futuro do jornal. 1 — Parece haver interesse por parte da Intersindical (ainda não reconhecida pela Junta) em adquirir o material da «Epoca» para lançar um jornal sindical. 2 — Foi levantada a hipótese da tipografia da «Epoca», bem como outras secções do matutino, serem vendidas em hasta pública. 3 — Surge uma outra alternativa que é a de compra das acções pelos funcionários da «Epoca» com vista à feitura de um jornal diferente.

O futuro da extinta «Epoca» é, por enquanto, uma equação a várias incógnitas.

UMA CARTA DO DIRECTOR DO HOSPITAL DO ULTRAMAR

Do sr. dr. José António Pereira Nunes, director do Hospital do Ultramar, recebemos a seguinte carta, que nos apressamos a publicar, respondo assim, com as nossas desculpas, a verdade dos factos:

«No n.º 18453, de 10-5-74, Ex.ª é director uma local com publicou o jornal de que V. _ o título «Regime de terror no Hospital do Ultramar», onde o meu nome é referido com destaque.

No direito que julgo assistir-me venho, a propósito, solicitar a publicação dos seguintes dados e esclarecimentos:

1.º — Para começar será, decerto difícil admitir que um só homem possa manter em regime de terror 454 trabalhadores livres, tantos quantos constituem o pessoal do Hospital do Ultramar.

Aliás, no dia 6 do corrente mês e ano em reunião plenária desse pessoal, tendo em vista declaração colectiva de apoio à Junta de Salvação Nacional, nenhum dos presentes, todos como testemunhas de cada um, se mostrou aterrorizado. Nem tão pouco se verificou qualquer manifestação, de qualquer tipo, perante a questão frontalmente por mim posta quanto à necessidade de saneamento de chefias na direcção do Hospital.

De resto continua a ser possível averiguar-se junto desses trabalhadores o estado de espírito dominante em relação à direcção do estabelecimento onde trabalham.

2.º — Que o actual director do Hospital do Ultramar tenha sido condenado em 6 anos de prisão maior por homícidio frustrado é só a mais pequena parte da verdade.

Tal condenação em primeira instância, por um juiz substituto e num processo enfermado das mais calamitosas irregularidades, resultou, na 2.ª instância, numa ligeira pena correcional suspensa. Doutra maneira não poderia ter sido perante uma Justiça independente e considerando que o incidente resultou do auxílio prestado a uma mulher indefesa que pedia socorro contra um assaltante nocturno.

Será difícil aceitar que a inépcia da polícia e de alguns orgãos judiciais sejam motivo de vitupério para quem defendeu o próximo.

3.º — E enquanto se forjava todo esse processo dirigido a um cidadão pacífico e sem filiação política esses mesmos orgãos assistiam serena e passivamente às violências cometidas pela então PIDE.

4.º — Que o signatário desde sempre foi um defensor dos direitos dos trabalhaodres, atitude que lhe chegou a acarretar agravos de vária ordem. Estes factos podem ser testemunhados pelos seus superiores hierárquicos — de então e de agora.

5.º Que o que se escreveu relativamente à sr.ª D. Afra Alves das Neves é totalmente falso. Esta senhora, enfermeira do Hospital do Ultramar, não tem qualquer processo pendente a não ser o processo clínico resultante da doença mental de que padece.

6.º Que também é totalmente falso que o signatário tenha sido nomeado director do Hospital do Ultramar mercê de quaisquer compadrios políticos. A sua nomeação foi feita pelas vias hierarquicas normais, por um processo normal, exclusivamente pelos seus méritos próprios e após 27 anos de carreira.

O signatário não tinha qualquer filiação política na data em que foi nomeado. Como nunca a teve durante os 48 anos do anterior regime.

Também os seus superiores hierrárquicos podem confirmar que assim foi.

7.º Até ao presente momento nenhum inquérito foi movido ao signatário. Nem possivelmente o virá a ser, salvo o que ele próprio requereu após conhecimento da local que motiva a presente carta.

8.º — Por tudo parece que a referida local foi inspirada e promovida por hostilidades pessoais: Quem as não tem?...

Tais hostilidades patrocionadoras de todo o «processo fantasma» de que foi vítima, parecem ter voltado agora a actuar, aproveitando o momento político, mascarando-se de novas cores. Hostilidades pessoais que se serviram então do fascismo e se servem agora das forças progressivas?

Pela pronta publicação desta carta apresento a V.E.x.ª os meus agradecimentos.»

CAUNY

Moderno, desportivo, diferente

CAUNY

Com a qualidade de sempre
e seus preços tradicionais

O RELÓGIO SUÍÇO MUNDIALMENTE CONHECIDO

FALTA LIBERTAR A CRIANÇA

De um grupo de professores do Porto recebemos o seguinte comunicado:

«Todos sabemos que na presente avalanche de acontecimentos há todo um trabalho nacional a reconstruir. Essa reconstrução está a processar-se num ritmo espantosamente acelarado que regozija todos nós.

Torna-se porém urgente que libertemos a criança. As crianças das escolas e dos liceus continuam a fazer redacções sobre a Primavera, o circo e a carochinha, e desenhos de canecas, púcaros e outras futilidades. Ainda não se lhes perguntou o que pensam acerca do 25 de Abril, ainda não se lhes deu a oportunidade de tomar parte activa na onda avassaladora de liberdade que varreu a ideologia fascista no nosso País.

E é um professor de liceu esclarecido que entende ser prematuro desmascarar o reitor colaboracionista do antigo regime, é a professora democrata que fica isolada a assistir ao triste espectáculo de apoio dos colegas a beijar a mão ao responsável do liceu, etc, etc.

Pergunte-se às crianças o que pensam do 25 de Abril por intermédio de redacções e desenhos. Cuidado! As crianças estão neste momento a absorver, em quase todas as disciplinas, as ideias bafientas duns livros inventados para lhes acorrentar os pequenos cérebros.»

NOVO ENDEREÇO DA REDACÇÃO DO «D.L.»

Avisamos os nossos leitores e amigos de que toda a correspondência dirigida à redacção do «Diário de Lisboa» deve passar a ser endereçada como segue:

Redacção do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa 2.

VOLTA À ESPANHA

NOVA VITÓRIA DO MISTO PORTUGUÊS

O espanhol Agustin Tamames, representando o misto Benfica-Coelima-Tavira, ganhou a 18.ª e penúltima tirada da Volta à Espanha em Bicicleta, num percurso de 152 km desde Miranda del Ebro até Eibar, fazendo 3h59'43".

Miguel Maria Lasa foi segundo, 15 segundos depois. Em terceiro lugar classificou-se Luís Ocana com 4h00'14" e em quarto o português Joaquim Agostinho com 4h00'24".

Posição dos restantes portugueses nesta etapa:

15) — Fernando Mendes, 4h01'00"; 16) — Joaquim Andrade, 4h01'09"; 26) — José Madeira, 4h01'43'; 35) — Venceslau Fernandes, 4h03'03"; 41) — César Aires, 4h04'09"; 57) — Joaquim Leite, 4h09'10".

Depois desta etapa, a classificação geral é a seguinte:

1) — Fuente, 84h06'44"; 2) — Lasa, 84h08'16"; 3) — Joaquim Agostinho, 84h09'19"; 4) — Ocana, 84h09'56"; 50 — Perurena, 84h09'59"; 60 — Uribezubia, 84h12'32"; 7) — Gonçalves Linares, 84h13'16"; 8) — Danguillaume (FR), 84h13'31"; 9) — Vallori, 84h14'43"; 11) — Ventura Diaz, 84h14'43"; 11) — Abilleira, 84h14'49"; 12) — Fernando Mendes, 84h15'25"; 22) — José Madeira, 84h27'01"; 24) — Venceslau Fernandes, 84h31'26"; 26) — Joaquim Andrade, 84h34'06"; 43) — César Aires, 84h56'54"; 46) — Joaquim Leite, 85h04'43".

Hoje disputa-se a última etapa, um contra-relógio de 35 quilómetros.

BASQUETEBOL

Alguns resultados da jornada de ontem do campeonato metropolitano de Basquetebol: Sangalhos, 81 - Vasco da Gama, 74; Ginásio Figueirense, 96 - Algés, 87 e BPM, 72 - Cuf, 80.

O jogo Benfica-F.C. do Porto realiza-se hoje depois do futebol no estádio da Luz.

Futebol SALGUEIROS,8-AVES,0

Em jogo antecipado para ontem, pertencente ao Campeonato Nacional da II Divisão de Futebol, defrontaram-se no Campo Eng. Vidal Pinheiro as equipas do Salgueiros e do Desportivo das Aves.

Partida sem atractivos de maior dada a antecipada supremacia dos «encarnados» (confirmada) que ontem jogaram de «branco». Três-zero ao fim da primeira parte e oito sem resposta no termo do desafio «dizem» do ascendente total do Salgueiros.

Arbitrou Vitorino Gonçalves, de Aveiro. As equipas:

Salgueiros — Quim (Jacinto), Jorge, Braga, Edgar e Acácio; Nelito e Elvino; Calvinha, Afonso, Serrão e Monteiro.

Aves — David; Armando (J. Pereira), Torres e Kentucki; Raul e Carlos Manuel; Ferreira da Silva, Lázaro e Alcino; José Manuel e Neves.

Marcaram os golos: Serrão (3), Nelito (2), Monteiro (2) e Afonso.

NACIONAIS DE FUTEBOL

CEDEM OS PRIMEIROS MAS APENAS NO INTERESSE

Vamos por partes: os primeiros vão ceder, hoje, mas apenas no interesse do espectáculo. E é verdade: o interesse de toda a a jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, que hoje se cumpre, vai inteirinha para a luta que os últimos estão a travar, residindo a maior dose de expectativa nos encontros que terão Coimbra e Montijo como cenário. Na Lusa-Atenas, os estudantes vão tentar o golpe decisivo na fuga à zona perigosa, pois recebem outra equipa em situação aflitiva, que é o Beira-Mar. Todavia, os homens de Aveiro, depois de terem imposto empates aos gigantes que lutam pelo título, foram conquistar dois preciosos pontos a Marvila. Isto significa que estão (pelo menos) moralizados para baterem o pé à Académica, que necessita ardentemente de mais dois pontos para se livrar de dores de cabeça. Ou hoje, ou nunca, será o lema de ambos os contendores.

Dos já citados e também do Montijo e do Leixões: o outro duelo que pode atirar um deles, irremediàvelmente para o fundo da tabela e pode salvar o outro de uma situação em que a condenação é evidente. Portanto, enquanto o Benfica e o Sporting actuam nos seus reivados, contra representações tidas e consideradas como mais fracas, Montijo e Leixões, Académica e Beira-Mar vão passar hora e meia de jogo a pensar no pior...

Efectivamente, ninguém irá pôr em dúvida os desfechos dos jogos que serão disputados em Alvalade e na Luz: tanto o Sporting como o Benfica têm obrigação de ganhar (e por muitos), pois se o Olhanense não dispõe de sentido táctico suficiente para bater o pé aos «quase-campeões», também o Barreirense não deve ter a mínima chance para fazer a vida cara ao ainda campeão.

Na cidade-berço, defrontam-se os dois Vitórias: o de Setúbal a sonhar ainda com um segundo lugar que o candidatará a uma prova europeia na próxima época e o de Guimarães a jogar tranquilo, a despedir-se do seu público neste torneio. Se bem que os pupilos de Mário Wilson sejam os favoritos dentro de uma lógica, nem por isso se pode deixar de admitir a hipótese de os sadinos virem a arrecadar, ao menos, um ponto.

Nas Antas, um «derby» local: o F. C. do Porto-Boavista, apenas para que o calendário não fique por cumprir. Na verdade, nada pode alterar profundamente a sorte destas duas equipas, que estarão já a sonhar com a Taça ou com o defeso...

No Lavradio, o Belenenses vai procurar manter a tradição: trazer pelo menos um ponto. Nem um nem outro está em situação difícil, pelo que se espera um prélio equilibrado.

Finalmente, em Faro, o clube local recebe o Oriental. Certo que a turma de Marvila ira acusar a derrota de há oito dias frente ao Beira-Mar, no seu próprio terreno; certo, também, que os rapazes do Poço do Bispo irão fazer tudo para recuperar os pontos perdidos no seu reduto. Daí, que se preveja um jogo emotivo, com muitos pormenores para comentar...

Segunda Divisão

Embora mais distante do seu termo prossegue também o campeonato da Segunda Divisão, correspondendo os jogos à 32.ª jornada. O calendário marca na Zona Sul: União Sport-Sacavenense (1-0), Torres Novas-Atlético (0-5), Tramagal-União de Leiria (0-3), Caldas-Alhandra (1-3), Almada-Peniche (1-2), Torreense-Cova da Piedade (0-3), Lusitano-Odivelas (3-3), Marinhense-Tomar (0-3), Sesimbra-Marítimo (0-3) e Portimonense-Sintrense (1-2).

Entre parêntesis os resultados correspondentes da primeira volta.

No Norte e como encontros marcados para as 16 horas de hoje temos: Chaves-Oliveirense (1-0), Gouveia-Varzim (1-2), Lamas-Riopele (1-4), Espinho-Tirsense (0-2), Famalicão-Vilanovense (1-1), Salgueiros-Aves (2-2), Penafiel-Lourosa (0-2), Fafe-Gil Vicente (2-0), Braga-União de Coimbra (1-3) e Sanjoanense-Feirense (0-1).

CLASSIFICAÇÕES

I DIVISÃO

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
SPORTING	28	21	3	4	88-21	45
Benfica	28	20	4	4	62-21	44
Setúbal	28	18	6	4	63-18	42
F. C. Porto	28	17	7	4	39-18	41
Belenenses	28	15	6	7	52-34	36
Guimarães	28	10	10	8	34-29	30
C U F	28	8	9	11	31-40	25
Farense	28	8	8	12	32-34	24
Boavista	28	9	6	13	32-38	24
Olhanense	28	8	5	15	35-64	21
Académica	28	8	5	15	28-44	21
Barreirense	28	6	9	13	19-35	21
Oriental	28	9	1	18	31-75	19
Leixões	28	8	3	17	34-55	19
Montijo	28	6	6	16	31-58	16
Beira Mar	28	6	6	16	30-57	18

II - ZONA SUL

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
ATLÉTICO	31	19	9	3	72-27	47
U. Tomar	31	20	6	5	65-27	46
Peniche	31	16	9	6	40-25	41
Marítimo	31	17	4	10	63-41	38
Portimonense	31	15	7	9	45-27	37
Marinhense	31	16	5	10	44-33	37
Lusitano	31	15	6	10	39-29	36
U. Leiria	31	14	8	9	46-40	36
Torreense	31	13	5	13	33-35	31
C. Piedade	31	11	9	11	22-27	31
União Sport	31	10	9	12	26-32	29
Almada	31	9	11	11	38 40	29
Sesimbra	31	12	5	14	30-30	29
Torres Novas	31	8	9	14	25-36	25
Sintrense	31	7	11	13	31-52	25
Odivelas	31	6	13	12	39-58	25
Caldas	31	9	5	17	45-56	23
Alhandra	31	7	7	17	30-46	21
Sacavenense	31	6	8	17	26-49	20
Tramagal	31	3	8	20	28-80	14

II - ZONA NORTE

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
ESPINHO	31	16	7	8	49-26	39
Fafe	31	14	11	6	37-15	39
Sanjoanense	31	15	9	7	37-22	39
Tirsense	31	16	6	9	45-38	38
Penafiel	31	16	5	10	46-28	37
Braga	31	14	8	9	40-24	36
U. Coimbra	31	12	12	7	46-33	36
Varzim	31	14	8	9	39-32	36
Chaves	31	14	7	10	37-34	35
Lourosa	31	13	9	9	35-37	35
Riopele	31	10	13	8	50-38	33
Salgueiros	31	11	10	10	41-44	32
Famalicão	31	9	13	9	30-30	31
Vila-Novense	31	8	12	11	30-37	28
Gil Vicente	31	11	5	15	36-40	27
Feirense	31	8	10	13	35-51	26
Oliveirense	31	8	9	14	30-39	25
U Lamas	31	6	8	17	22-38	20
Aves	31	4	7	20	21-62	15
Gouveia	31	5	3	23	17-55	13

Para os jovens atletas espanhóis que se deslocaram a Lisboa para praticar Atletismo, a visita teve, também, outros atractivos: contactar com uma revolução popular em desenvolvimento. Ei-los a posar ao lado de militares que tornaram possível o novo clima de liberdade cívica

ATLETISMO JUVENIL:

Rui Vergamota: «record» no Portugal-Espanha

Aproveitando a boa tarde de sol, muita gente se deslocou ao Estádio Nacional para assistir ao I Portugal-Espanha em atletismo, na categoria de juvenis.

As provas ontem disputadas trouxeram alguns novos máximos nacionais, embora só a categoria de femininos se tivesse evidenciado um pouco ao vencer algumas provas. Eis os resultados da jornada de ontem:

Masculinos:

Disco: 1.º Vicente Bădenes (E) 43,70 m; 2.º Martin Vara (E) 40,34 m; 3.º João Alves (P) 35,28; 4.º António Figueiredo (P) 34,50 m.

Salto em altura: 1.º Javier Perez (E) 2,06 m; 2.º Juan Carrasco (E) 2,03 m; 3.º Rui Vergamota (P) 1,90 m; 4.º Francisco Lopes (P) 1,80 m.

A marca de 1,90 de Rui Vergamota constitui novo recorde nacional da categoria.

110 m-barreiras: 1.º Javier Moracho (E) 14,7 s; 2.º José Alonso (E) 15,6 s; 3.º Fernando Carrajola (P) 15,8 s; 4.º Navarro de Andrade (P) 15,8 s.

100 m: 1.º Miguel Arnau (E) 10,6 s; 2.º Juan Reverter (E) 10,8 s; 3.º António Cachola (P) 10,9 s; 4.º José da Silva (P) 11,3.

400 m: 1.º Juan Perez (E) 48,9 s; 2.º Mota Gomes (P) 50,6 s; 3.º Ramon Balleres (E) 50,9 s; 4.º Eduardo Morais (P) 51,4 s.

1500 m: 1.º José González (E) 3,54,3 s; 2.º José Rampérez (E) 3,57,5 m; 3.º João Campos (P) 4,00,2 m; 4.º David Soares (P) 4,05,0 m.

3000 m: 1.º Candido Alario (E) 8,39,4 m; 2.º Victoriano Gomez (E) 8,48,4 m; 3.º João Pereira (P) 9,06,6 m; 4.º Alberto Marques (P) 9,38,2.

Peso: 1.º Vicente Badenes (E) 13,53 m; 2.º J. Espírito Santo (P) 13,50 m; 3.º Martin Vara (E) 13,50 m; 4.º José Outerelo (P) 11,80 m.

Triplo-salto: 1.º José de La Infanta (E) 14,96 m; 2.º Juan Casticedo (E) 14,01 m; 3.º Carlos Caeiro (P) 13,78 m; 4.º Manuel Neves (P) 13,34 m.

Estafeta 4X100 m: 1.º Portugal 42,5 s.

A equipa de Espanha não completou a corrida, por falha na segunda transmissão.

A marca da nossa equipa iguala o máximo nacional de júniores

Femininos

100 m-barreiras 1.ª Josefa Martinez (E) 15 s; 2.ª Conceição Alves (P) 15,3 s; 3.ª Remédios Alonso (E) 16,3 s; 4.ª Lurdes Macedo (P) 16,3 s

A marca de 15,3 s constitui novo máximo nacional de Juvenis e Juniores.

Comprimento 1.ª Josefa Martinez (E) 5,43 m; 2.ª Maria Samos (E) 5,00 m; 3.ª Ana Simonneti (P) 4,86 m; 4.ª Helena Ferro (P) 4,62 m;

800 m 1.ª Conceição Moura (P) 2.13,4 m; 2.ª Gemma Rodiño (E) 2.14,7 m; 3.ª Marcelina Hernaiz (E) 2.16,4 m; 4.ª Rosa Mota (P) 2.25,05 m;

A marca obtida por Conceição Moura é novo máximo nacional de Juvenis e Juniores.

Dardo 1.ª Dolores Sancho (E) 35,08 m; 2.ª Dolores Lopez (E) 33,38 m; 3.ª M. José Sobral (P) 29,30 m; 4.ª Irene Lino (P) 27,96 m;

200 m 1.ª Maria José Sobral (P) 25,8 s; 2.ª Glória Pujol (E) 25,9 s; 3.ª Mónica Serra (E) 26,5 s; 4.ª Rosa Silva (P) 27,6 s;

Estafeta 4x400 m 1.º Espanha 3.58,2 m; 2.º Portugal 4,08 m;

No final da 1.ª jornada, é a seguinte a pontuação:

Masculinos: Espanha, 71; Portugal, 33.

Femininos: Espanha, 38; Portugal, 24.

Divulgado o calendário do Campeonato da Europa

A União Europeia de Futebol (UEFA) publicou, na sexta-feira, o programa do 3.º Campeonato da Europa das Nações cujos encontros de eliminatórias deverão ser disputados até 28 de Fevereiro de 1976.

Estão inscritas na competição 32 equipas nacionais que serão repartidas por oito grupos. De cada grupo apurar-se-á o primeiro classificado para disputar os quartos-de-final. O primeiro jogo desta importante competição europeia de futebol está marcada, segundo o calendário agora divulgado, para o dia 1 de Setembro e envolve as equipas da Finlândia e da Polónia, jogando a seguir, no dia 4, Austria-País de Gales e Noruega-Irlanda do Norte.

Portugal faz parte do grupo 1, juntamente com a Inglaterra, Chipre e Checoslováquia. Calendário completo do nosso grupo:

30-10-74: Inglaterra-Checoslováquia, 20-11-74: Inglaterra-Portugal; 5-2-75: Chipre-Inglaterra; 16-4-75: Inglaterra-Chipre; 20-4-75: Checoslováquia-Chipre; 30-4-75: Checoslováquia-Portugal; 8-6-75: Chipre-Portugal; 29-10-75: Checoslováquia-Inglaterra; 12-11-75: Portugal-Checoslováquia; 19-11-75: Portugal-Inglaterra; 23-11-75: Chipre-Checoslováquia e 3-12-75: Portugal-Chipre.

Os outros grupos estão formados como segue: **Grupo 2** - Austria, País de Gales, Luxemburgo e Hungria; **Grupo 3** - Noruega, Irlanda do Norte, Jugoslávia e Suécia; **Grupo 4** - Dinamarca, Espanha, Roménia e Escócia; **Grupo 5** - Finlândia, Polónia, Holanda e Itália; **Grupo 6** - Eire, Rússia, Turquia e Suíça; **Grupo 7** - Islândia, Bélgica, República Democrática da Alemanha e França; **Grupo 8** - Bulgária, Grécia, Malta e República Federal da Alemanha.

O BELENENSES É CAMPEÃO DE ANDEBOL

—Com a sua vitória de ontem à noite a equipa de Andebol do Belenenses tornou-se campeã nacional, destronando o campeão quase crónico, o Sporting.

Resultados da jornada de ontem: Técnico, 13-Belenenses, 22; F. C. do Porto, 24-Benfica, 17; Espirito Santo-Progresso, vitória do primeiro por falta de comparência do Progresso; Almada, 10-Académico, 13; Desportivo Portugal, 18-Vitória de Setúbal, 17; Campo de Ourique, 16-Sporting, 26.

OS CINECLUBES REUNEM EM AVEIRO PARA CRIAR A SUA FEDERAÇÃO

Por iniciativa do Cine-Clube do Porto reunir-se-ão ao nível de direcções a 25 e 26 de Maio em Aveiro. Esta reunião, preparatória para um encontro mais amplo, tratará essencialmente da estruturação da Federação Nacional dos Cine-Clubes, organimso fundamental que até agora nunca tinha sido possível constituir.

Por outro lado, além da necessidade de imediata resolução de alguns dos problemas que afectam a actividade cineclubista, os Cine-Clubes ABC e Imagem, de Lisboa, e do Barreiro e Porto, preocupados também com algums medidas postas ou a pôr em prática, como a criação de uma Comissão de Classificação etária dos filmes com larga representação de entidades ou personalidades ligadas ao comércio do filme, enviaram à Junta de Salvação Nacional o seguinte memorando:

«Os Cine-clubes portugueses, como organismos culturais, sempre viram o seu trabalho e iniciativas severamente limitados e reprimidos durante o regime agora deposto. Estabelecidas as liberdades fundamentais — liberdade de expressão, liberdade de reunião e associação, liberdade de participação —, outras perspectivas se abrem á sua actividade, ultimamente quase que reduzida à exibição de filmes (em escolha difícil e com a hostilidade da maioria das distribuidoras) e publicação de textos, de conteúdo obviamente prejudicado.

Neste contexto, os Cine-Clubes ABC, Barreiro, Imagem e Porto, desejando acreditar na possibilidade de finalmente poderem vir a realizar um trabalho cultural válido, e convictos de que exprimem algumas das principais preocupações dos cine-clubes portugueses, em parte já expressas pelo Cine-Clube do Porto em documento recentemente divulgado:

— consideram-se desde já desligados do S.E.I.T., entidade de que até agora inqualificavelmente dependeram por força do decreto-lei n.º 40 572, de 16-4-1956;

— afirmam a sua total independência de qualquer organismo oficial ou privado;

— repudiam, como sempre o fizeram, o estatuto-tipo arbitrariamente imposto a alguns cine-clubes;

— reivindicam a constituição e organização, pelos cine-clubes, de uma Federação Nacional «autónoma e sem tutelas»;

— reivindicam a imediata promulgação de um Estatuto do Cinema Não-Comercial, cujo projecto deverá ser elaborado com a participação de representantes dos cine-clubes;

— reivindicam para os cine-clubes a participação na elaboração do projecto da Nova Lei do Cinma;

— propoêm que seja completamente reestruturada a Cinemateca Nacional e revisto o seu funcionamento e o da Biblioteca anexa, de modo a poder cumprir a sua função cultura, estendida a todo o país;

— propõem que as salas de projecção da Cinemateca sejam cedidas aos cine-clubes para a realização das suas sessões normais, e que, nas localidades onde as mesmas não existam, sejam tomadas medidas para pôr salas à disposição dos cine-clubes locais;

— reclamam a garantia de que a Comissão de Classificação etária dos espectáculos funcionará em completa independência de quaisquer interesses comerciais, e que dela farão parte, em maioria, pedagogos, educadores e psicólogos de reconhecida competência e idoneidade.

Considerando ainda o momento que o país atravessa, e a importância que o Cinema pode desempenhar na sua evolução, sugerem que:

— o Instituto Português de Cinema seja completamente remodelado e que nele se incluam:

a) sectores de produção de filmes infantis e juvenis;

b) sectores de produção de filmes destinados a revelar o país ao país e fazer o seu levantamento etnográfico;

c) sectores de produção de filmes de esclarecimento político e cívico;

— se intensifique a produção de filmes didáctivos e de divulgação, possivelmente através do Instituto de Tecnologia Educativa;

— se generalize o ensino do cinema a todos os níveis de educação escolar.

Lisboa, 8 de Maio de 1974

aa) ABC Cine-Clube de Lisboa, Cine-Clube do Barreiro, Cine-Clube Imagem e Cine-Clube do Porto.

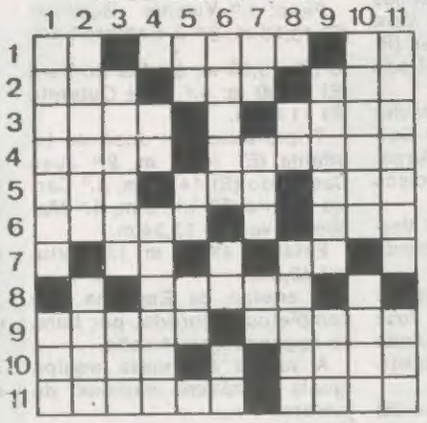
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10780

HORIZONTAIS:

1 Tempo do verbo ir. Protecções (fig). Duzentos em romano.
2 Ave pernalta. Rio da Siberia. Fonte (fig).
3 Cidade de Italia. Ruins.
4 Grupo de três. Desfalque (fig).
5 Ligue. Ecoa. Coragem.
6 Invulgares. Empunhei.
7 O mais. Artigo definido. Cromio (s.q).
8 Exclusivo.
9 Inundo. Divide em ruas.
10 Ribeira de Portugal. Habitação ou bairro pobre de indigenas, na ndia Portuguesa.
11 Especie de pulgão que ataca as arvores. Sufixo que designa abundância. (pl).



VERTICAIS:

1 Felicidade. Armaria.
2 Torna tepido. Grande cão de fila.
3 Combinara. Oásis.
4 Preposição e artigo definido. Arrendar.
5 Antigo testamento. Sua Santidade. Laço.
6 Pequeno. Nesse lugar. Compaixão.
7 Amonio (s.q). Freguesia do concelho de Penafiel. Aqui.
8 Pronome pessoal. Rio de Portugal.
9 Resmungar. Chefe etiope.
10 Prudentes. Rija.
11 Maquina com que se aparam as folhas dos livros brochados. Colina na Suecia.

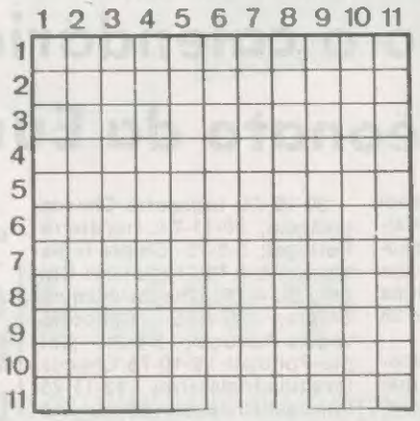
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6938

HORIZONTAIS:

1 Separas. Balança chinesa.
2 Rebenta. Fundira.
3 Irmão de Moises. Tostar.
4 Epoca
5 Magnete natural. Boi selvagem. Animal domestico.
6 Xaile das mulheres indias e perses. Quadrupedes ruminantes.
7 Assunto. Cabelo.
8 Maçador (fig).
9 Artigo definido. Relato Sodio (s.q.).
10 Acento. Pronome possessivo. Vai para fora.
11 Acaricie. Velhaca.



VERTICAIS:

1 Moeda de prata da India. Pinga.
2 Com. da Italia. Matematica. Ruido.
3 Grande quantidade. Lavrem. Nota musical.
4 Corpo gordo produzido pela saponificação da cetina ou espermaceto (quim). Magnete.
5 Sadio. Tontaria.
6 Estava. O mesmo que três.
7 Animal da classe dos acarideos. Namorados ridiculos.
8 Costure. Formoso.
9 Tens. Regaço. Serviço Nacional.
10 Tempo do verbo ser. Escudeiro. Em as.
11 Um dos quatro evangelistas e fundador da igreja de Alexandria. Um dos estados do Brasil.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10779

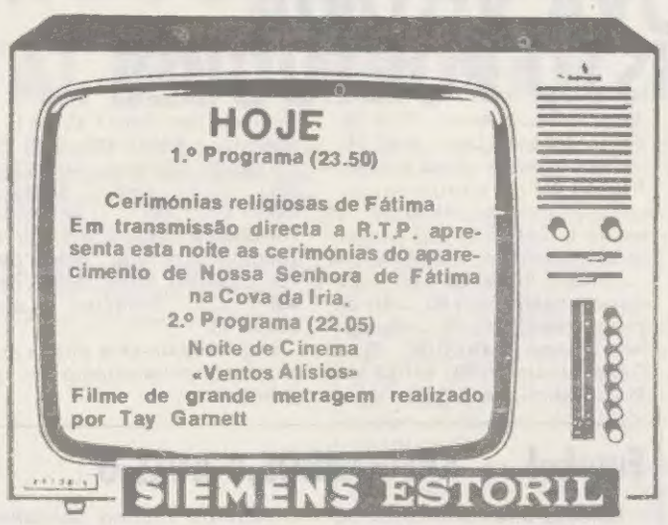
HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Arrás. Limas.	1 Amada. QUE.
2 MAIS. VALE.	2 Rapida. Rm.
3 Aprovai. Sir.	3 Rir. Rosnara.
4 DI. TARDE. Ar.	4 Asoto. Aotos.
5 Adros. Oledo.	5 Vastos.
6 Ao. Tas. Mo.	6 Bar. As.
7 Sãos. Cp.	7 Idos. Ac.
8 Anos. Ira.	8 Iv. El. Crato.
9 At. Amen.	9 Mas. Empamos.
10 Urros. Ato.	10 Aliado.
11 Emas. Acossa.	11 Serro. NUNCA.

Proverbio: MAIS VALE TARDE QUE NUNCA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6937

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Arrumariam.	1 Dever. Miga.
2 Sumario.	2 Somarão.
3 Es. Maçar. Pr.	3 Rs. Sapos. Rã.
4 Vos. Sim. Mil.	4 Rum. Sai. Gas.
5 Emas. Caro.	5 Umas. País.
6 Rapar. Canal.	6 Macia. Goivo.
7 Roi. Gola.	7 Aram. Costa.
8 Mas. Pôs. So.	8 Rir. Cal. Are.
9 Io. Gaita. Se.	9 Io. Manas. Al.
10 Raivara.	10 Pira. Os.
11 Amasso. Ele.	11 Mertola. Em.

televisão



HOJE

1.º Programa
1.º Período
12.30 Abertura e Missa de domingo
12.50 Expedição
13.15 Desenhos animados
14.00 TV Educativa
14.25 TV Rural
14.30 Danças e Cantares
14.55 TV Infantil
15.25 Eurovisão - Automobilismo - Transimissão directa do início e parte do Grande Prémio da Bélgica.
15.40 O Mundo à nossa volta - O Inverno dos Esquimos
16.30 Automobilismo - Transmissão directa da parte do Grande Premio da Bélgica
16.45 Filme infantil
17.00 Eurovisão - Automobilismo - Transmissão directa do final do Grande Pémio da Bélgica
17.25 Tarde de Cinema - «O Gato Milionário»
19.15 Domingo Desportivo — 1.ª edição
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Poly em Espanha
20.00 Actualidades da semana
21.00 Cecília, Médica de Aldeia
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 No tempo em que você nasceu
23.00 Domingo Desportivo
23.50 Cerimónias religiosas de Fátima
00.05 Telejornal — 4.ª eidção
00.15 Meditação e fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e «As Solteironas»
21.00 Do, fa si
21.30 Telejornal
22.00 Noite de Cinema - «Ventos Alísios»

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período
10.30 FATIMA - Transmissão directa do Santuario da Cova da Iria da missa e bênção dos doentes e Procissão do Adeus
13.20 Demoiselles de Suresnes
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Vivendo o Futuro
14.20 Logo à noite

1.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa - Língua Portuguesa
19.25 Filme infantil - «O Diário das Fabulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV Juvenil
20.00 Momento desportivo
20.30 Portugal no Mundo
21.00 Museu aberto
21.30 Telejornal — 3.ª edição
23.00 «Columbo»
23.50 Telejornal — 4.ª edição
23.55 Fecho

2.º Programa
20.30 Desenhos Animados - «Beatles Show
20.45 Vivendo o futuro
21.00 Demoiselles de Suresnes
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Impacto
23.00 Música para olhar - «Fra Angelico — Fauré»
23.45 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13º
P. DOURADAS	4º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	11º
FARO	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL
Máxima 24,0º

PENHAS DA SAÚDE
Mínima 2,0º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar	14.0º
Atmosfera	12,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.09	3,2 m	1.17	1,4 m
20.24	3,4 m	13.28	1,5 m

Dia 13

9.02	3,1 m	3.18	1,6 m
21.20	3,3 m	15.38	1,7 m

Dia 14

10.04	3,0 m	3.18	1,6 m
22.24	3,2 m	15.38	1,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de ceu muito nublado vento fraco ou moderado do Sul; períodos de chuva fraca.

AMANHÃ
NASCER ÁS 6.27
OCASO ÁS 20.40

DIA 14 | DIA 21 | DIA 28 | DIA 4

rádio

EMISSORA 1.º Programa

15.30 Resumo do programa — Tarde Desportiva — Rádio Desporto — Futebol: Relato e informações dos jogos da 29.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. Actualidade desportiva.
18.30 Musica sem palavras.
19.05 O som da Europa.
20.00 Jornal da Noite — (edição de domingo) — A música e o lugar.
21.00 Rádio desporto.
21.30 Musica.
23.05 Sol e toiros.
23.30 De um dia para o outro.
00.00 Sinal horario.

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade.
00.00 Junção com o 1. programa.

2.º Programa

16.00 Noticiário — Onda musical.
18.30 Concerto de domingo: 1.ª parte: Intervalo: Canções Alessandro Scarlatti, por Teresa Berganza. Ao piano Félix Lavilla; 2.ª parte: Concerto de domingo.
20.00 Jornal da Noite — (edição de Domingo).
20.40 O Homem e a sociedade.
21.00 Recital de piano, por Maria Teresa Xavier: Oito Improvisações, de Hilding Rosenberg.
21.15 Que quer ouvir?, programa coordenado por Margarida Brandão.
22.30 Transmissão de Fatima, das cerimónias: procissão de velas e celebração Eucarística.
23.30 Concerto em si menor op. 104, de Dvorak.
00.10 4. episódio da suite «Iberica», de Albeniz.
01.00 Fecho.

Programa Estereofonico MF 2

15.30 A opera «A Força do Destino», de Giuseppe Verdi.
18.30 Junção com o 2. programa.
21.00 Musica ligeira variada.
22.00 Missa, de Mozart.
22.50 As Metamorfoses, de Strauss; pelo Naipe de Cordas da Orquestra Filarmónica de Berlim.
23.20 Musica de piano.
00.08 Música sinfónica.
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Media

15.45 Tarde Desportiva.
18.00 Chave do Totobola.
18.03 Projecção.
18.33 Meia hora depois.
19.03 Formula 1.
19.30 Vedetas e canções.
20.15 Comentador desportivo.
20.30 De sete em sete dias.
20.45 Musica para o seu jantar.
21.03 Leitura.
21.32 Quando o telefone toca.
22.05 Antiquário.
22.30 Quando o telefone toca.
23.05 Mensagens Bíblicas.
23.30 No Mundo aconteceu.
02.00 A noite é nossa.
05.00 Diário rural.
07.00 Talismã.

RÁDIO RENASCENÇA

15.45 Panorama.
18.05 Zona azul.
18.20 Palavra do dia.
18.25 Terço e missa.
20.05 Zona verde — espaço ocupado pela família.
20.35 Intervalo.
21.05 Suplemento especial.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Programa dos sócios.
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Peninsular

Das 06.00 às 08.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 02.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 08.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

Rádio Graça

Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 14.30 às 17.00

LISBOA

TURNO E-1

TODA A NOIT

ALVALADE
Cartaxo, Av. da (Tel. 776358) Rua Guilherme (Tel. 727721)
AREEIRO
João XXI, Av. J A (Tel. 726462)
ARROIOS
Nunes, Rua Ang (Tel. 497556)
AVENIDAS NOVAS
Novais, Av. Luis (Tel. 44324)
BAIXA
Barral, Rua A (Tel. 361534/5)
BELÉM
Remisio, Rua mos 14-C (Tel.
BENFICA
Lisboa, Rua Cl 73-A (Tel. 70339
CALÇADA DA BOA HO
Sapol, Calçada ra, 94-A (Tel. 63
CAMPOLIDE
Pátria, Calçad tres, 30-A (Tel.
CARNIDE
Leal de Matos, Costa, 33 (Tel.
CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca de Infantaria, 688857)
ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Melo, 90 (Tel. 4
GRAÇA
Santo António, Vasconcelos 866333)
LAPA
Carrasco, Rua P riaga, 31 (Tel. 6
LUMIAR
S. Tomé, Estrad Lote 12-C (Tel.
MADRAGOA
Nunes Simões, lhas, 1 (Tel. 661
OLIVAIS
Nova dos Oliva te 469, Oliva 316402)
PENHA DE FRANÇA
Carronho, Rua de Freitas, 842518)
PICHELEIRA
Luzmar, Rua Joa to Costa, 16-A
POÇO DO BISPO
Barros de Gou Vale Formoso (Tel. 382180)
RATO
Janeiro, Rua A Gameiro, 23-D

TURNO E-2

(Até às 22 hora

AJUDA
Teles, Rua Joã 2 (Tel. 638976)
ALCANTARA
Nogueira, Rua d (Tel. 631635)
ALTO DE S. JOÃO
Oriente, Rua (Tel. 843381)
ALVALADE
Brisália, Av. Rio 66-A (Tel. 722358 de Roma, 56-B
AREEIRO
Galeno, Av. Osc Torres, 38-A (Tel
ARROIOS
Matos, R. Alva 10 (Tel. 821671)
AVENIDA DA LIBERDA
Nacional, Rua d (Tel. 46858)
AVENIDAS NOVAS
Avenida, Av. da 27-A (Tel. 633688
BAIRRO ALTO
Véritas, R. da M 135 (Tel. 324554
ARCO DO CEGO
Pama, Av. Duqu 25-31 (Tel. 47088

E

ARTE MODERNA — P berto Carneiro (das 14 às

BÜCHHOLZ — Trabalh que Manuel (das 10 às às 19 h.).

CONVÉS — Pintura e esc tor Barros (das 15 às 20 h

COTAS D'ARMAS — Maria Fernanda Igrejas às 22 h.).

DA VINCI — Pintura de

DINASTIA — «Nove Paris» (das 10 às 13 e das

FUNDAÇÃO GULBENKI lhos de Etienne Hajdu h).

FUTURA — Telas de M (das 10 às 13 e das 15 às

GALERIA 111 — Pintu trõm (das 10 às 13 e d h.).

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO E-1

TODA A NOITE

ALVALADE
Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (Tel. 776358); **Nova Lisboa**, Rua Guilherme Suggia, 12 (Tel. 727721)

AREEIRO
João XXI, Av. João XXI, 18-A (Tel. 726462)

ARROIOS
Nunes, Rua Angela Pinto 32 (Tel. 497556)

AVENIDAS NOVAS
Novais, Av. Luis Bivar, 11-13 (Tel. 44324).

BAIXA
Barral, Rua Augusta, 221 (Tel. 361534/5)

BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos 14-C (Tel. 631699)

BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel. 703393)

CALÇADA DA BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958)

CAMPOLIDE
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (Tel. 680627)

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780184)

CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua Quatro de Infantaria, 28-A (Tel. 688857)

ESTEFÂNIA
Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (Tel. 44436)

GRAÇA
Santo António, Rua Leite de Vasconcelos 72-C (Tel. 866333)

LAPA
Carrasco, Rua Presidente Arriaga, 31 (Tel. 667460)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tel. 790704)

MADRAGOA
Nunes Simões, Rua do Quelhas, 1 (Tel. 661275)

OLIVAIS
Nova dos Olivais, Rua E, lote 469, Olivais Sul (Tel. 316402)

PENHA DE FRANÇA
Carronho, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Tel. 842518)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tel. 720703)

POÇO DO BISPO
Barros de Gouveia, Rua do Vale Formoso de Cima 79-B (Tel. 382180)

RATO
Janeiro, Rua Alfredo Roque Gameiro, 23-D (Tel. 777953)

TURNO E-2

(Até às 22 horas)

AJUDA
Teles, Rua João de Barros, 2 (Tel. 638976)

ALCANTARA
Nogueira, Rua da Creche 2 (Tel. 631635)

ALTO DE S. JOÃO
Oriente, Rua Lopes, 120 (Tel. 843381)

ALVALADE
Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66-A (Tel. 722358); **Avis**, Av. de Roma, 56-B (Tel. 715370)

AREEIRO
Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 774920)

ARROIOS
Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 46858)

AVENIDAS NOVAS
Avenida, Av. da Republica, 27-A (Tel. 633688)

BAIRRO ALTO
Véritas, R. da Misericórdia, 135 (Tel. 324554/32766 3/4)

ARCO DO CEGO
Pama, Av. Duque d'Avila, 25-31 (Tel. 47088)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216)

BENFICA
Sousa, Estrada de Benfica 429 (Tel. 780027)

CAMPOLIDE
[illegible], R. Rodrigo da Fonseca, 101-A (Tel. 682333)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R. Freitas Gazul, 32-B (Tel. 671667)

GRAÇA
Rosas e Viegas, R. de S. Vicente, 81 (Tel. 864351)

LUMIAR
Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (Tel. 790742)

SANTA CATARINA
Modelar, R. dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Tel. 678896)

SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Tel. 768343/764629)

XABREGAS
Salter, R. de Xabregas, 63-65 (Tel. 381195)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1 — A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE
Brandão, Av. da Republica, 77 — C (Tel. 2471054)

MURTAL
Primavera

ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); **Nova**, Est. de Alvide — Fontainhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I — Lote 146 — B. Janeiro (Tel. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22 — A (Tel. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, Loja X — — Reboleira (Tel. 938424)

DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2 — A (Tel. 970461)

VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)

QUELUZ
Zeller, R. da Republica, 83 (Tel. 950045); **Correia**, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACEM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Quimia, Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Tel. 980832)

COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA
Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31 — A (Tel. 270076)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO
Higienica, R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2073017)

COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)

MOITA
Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETÚBAL
Bocageana, R. do Romeu (Tel. 23425); **Bairros**, B. Santos Nicolau (Tel. 23330)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

2.º TURNO

SUB TURNO A

Batalha (da), Praça da Batalha, 26; **Campo (do)**, Praça da República, 118; **Costa Cabral**, Rua Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura**, Rua de Tânger, 1463; **Invicta**, Rua do Bonfim, 330; **Mira Paulo**, Rua Castelo de Numão, 37.

SUB TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292; **Fátima**, Rua Oliv. Monteiro, 475; **Garantia**, Rua Fernandes Tomás, 696; **Gomes**, Rua Matias de Albuq. 243; **Sá**, Rua Vale-Formoso, 181; **Sarabando**, Largo dos Lóios, 36.

COIMBRA

TURNO A

Silva Soares, R. M. de Albuquerque, 26-28 (Tel. 71454); **Vilaça, Ld.ª**; R. Ferreira Borges, 132 (Tel. 22043, **Cruz e Costa**, R. A. Vasconcelos, 71-A (Tel. 22715)

cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Uma história de amor brutal e comovente! A MANCHA DO PASSADO com Robert Mitchum, Branda Vaccaro e Jean-Michael Vincent
(Metro: Anjos)

CASINO ESTORIL (T. 264521)
15.30, 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Cor de Luxe
«OS DETECTIVES» com Anthony Quinn e Yaphet Kotto.

CONDES (T. 322523 326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O pânico macabro dos segredos íntimos A NOITE DOS MIL OLHOS com Elizabeth Taylor e Laurence Harvey

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Techicolor
«Um dos 10 melhores filmes do ano!»
«AMERICAN GRAFFIT» (Nova Geração)nje George Lucas.
Hoje às 24.00 horas
COWBOY À MEIA NOITE
Grupo D (18 anos)
«OS PROFISSIONAIS» de Richard Brooks.

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos) 3.ª semana!
A obra admirável intacto. O filme de ALAN RESNAI com Emmanuelle Riva, Eijiokada e Bernard Fresson. **«HIROSHIMA MEU AMOR»**

ROMA (T. 729192/727778)
15.30 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor
Rod Steiger, Rossana Schiaffino, Rod Taylor, Claude Brasseur e Terry Thomas OS HERÓIS

EUROPA (Tele. 66 10 16)
15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Technicolor
Giuliano Gemma e Bud Spencer
ATÉ OS ANJOS COMEM FEIJÕES
Hoje
18.30
Grupo A (6 anos)
«Matinées Inantis»
APURADOS PARA O SERVIR. Com Bucha e Estica.

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Color — Grupo D (18 anos)
Jean Cluade Brialy, Catherine spaak.

ALVALADE (Telef. 717480)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos).
Colorido.
O PÂNICO MAOBRO» DOS SEGREDOS ÍINTIMOS» A NOITE DOS MIL OLHOS»
Com Elisabeth Taylor eLaurence Harvey (

RESTELO (Tel. 610275)
Grupo C (14 anos)
5.ª semana
Technicolor
«O MAGNÍFICO» com Jean-Paul Belmondo.

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15, 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana!
O COURAÇADO POTEMKINM A obra-prima de Serge Eisenstein inedita em Portugal. Em complemento JAIME de Antonio Reis

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
Espectacular filme de espionagem A SERPENTE DE OURO com Yul Brynner e Henry Fonda

CINEARTE (Telef. 660446)
15.30 e 21.30
Grupo A (6 anos)
Eastmoncolor
«EUSÉBIO A PANTERA NEGRA»

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana Eastmancolor
SEGREDOS PROIBIDOS, Jacqueline Bisset.
(Parque Castil)

BERNA (Tel. 77 60 98)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
22.ª Semana! Technicolor
Todd - AO 35
O filme de Norman Jewison **JESUS CRISTO SUPERSTAR**

POLITIEMA (T. 32 63 05)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Color-Scope.
O AFILHADO DO PADRINHO COM Franco Franchi

ESTÚDIO 444 (T. 77 90 95)
15.30, 18.30 e 21.45
30.ª Semana! Eastmancolor
Grupo D (18 anos)
«O PORTEIRO» com Bernard Le Coq.

PATHÉ (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Colorido
Os amigos que não traiam ... e os seus colts! MUITO NOVO PARA MATAR com John Marley, B.J. Thomas e Robby Benson
(Metro: Arroios)

ODEON (T. 326283)
3.ª Semana!
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
As artes marciais na máxima ferocidade CRUEL VINGADOR
Com o novo ídolo da China Chen Kuan-Tai. O mais alicinante festival de Karate

ESTÚDIO (T. 55 51 34/5
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
Um filme de Galuber Rocha
«TERRA EM TRANSE»
(Metro: Alameda)

MONUMENTAL (T. 55 51 31)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
A obra máxima de Charlie Chaplin
«O GRANDE DITADOR» - Versão Integral
Quinzena Mafia
Amanhã às 18.30
Grupo D (18 anos)
«O CLÃ DOS SICILIANOS com Alain Delon e Lino Ventura

AVIZ (T. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana! Eastmancolor
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES Yola e Artur Semedo

SATÉLITE (T. 56 26 32)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
Maria do Céu Guerra, João Mota e Zita Duarte **«O MAL-AMADO»**
Realização de Fernando Matos Silva.

TIVOLI (T. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana! Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (THE STING) premiado com 7 Oscares incluindo o do melhor filme e do melhor realizador!

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor
DRÁCULA TEM SEDE DE SANGUE com Christopher Lee e Peter Cushing

S. JORGE (T. 54154)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana!
Em versão integral. O célebre filme de Ken Russel TCHAIKOWSKY DEL RIO DE AMOR (THE MUSIC LOVERS) com Glenda Jackson e Richard Champberlain.

VOX (T. 72 08 08)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
«DOIS HOMENS NA CIDADE»
Alain Delon e Jean Gabin

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ABC
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com Parra Nova»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«O Mar»

MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«A Morte de Um Caixeiro Viajante»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 32.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Calar»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»

VILLARET
21.45 (18 anos)
«A Dama de Copas e o Rei de Cuba»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«A Caverna do Terror»

PARIS
21.00 (18 anos)
«O Convite»

JARDIM CINEMA
21.00 (10 anos)
«Os Malucos da Caserna»

SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«A Mão de Ferro»

CINEMA MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«A Mão de Ferro»

ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (18 anos)
«A Mulher e o Patife»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«Continuaram a Chamar-me Trinita»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«O Ultimo Comboio»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.15 (18 anos)
«O Dragão Ataca»

ESTORIL
Casino
15.30 18.30 e 21.30 (18 anos)
«Os Detectives»

Palacio
21.30 (18 anos)
«Os Amores de Uma Adolescente»

Esplanada
21.30 (10 anos)
«Nossa Senhora de Paris»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«O Homem de La Mancha»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Lady Caroline»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«As Duas Pistolas de Bill»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Uma Razão Para Viver Outra Para Morrer»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«O Zé do Burro»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«O Desencontro»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Segredos Proibidos»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«A Golpada»

JÚLIO DINIS
21.30 (10 anos)
«Vamos a Isto Rapazes»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Convite»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«A Charada da Morte»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Nosso Amor de Ontem»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«O Monte dos Vnedavais»

ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«Aguirre o Aventureiro»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«As 14 amazonas»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Paixão Cigana»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Vamos a Isto Rapazes»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Para Mim as Mulheres Nem Fu Nem Fa»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A Espreita do Sarilho»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Uma Rosa ao Pequeno Almoço»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Os Dois Filhos de Trinita»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Quando Passam as Cegonhas»

AVENIDA
21.00 (14 anos)
Cantinflas às ordens de Vossa Excelência

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«As Pupilas do Senhor Reitor»

EXPOSIÇÕES

ARTE MODERNA — Pintura de Alberto Carneiro (das 14 às 20 h.).

BÜCHHOLZ — Trabalhos de Henrique Manuel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

CONVÉS — Pintura e escultura de Victor Barros (das 15 às 20 h.).

COTAS D'ARMAS — Trabalhos de Maria Fernanda Igrejas Zoio (das 15 às 22 h.).

DA VINCI — Pintura de Zal.

DINASTIA — «Nove Pintores de Paris» (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Trabalhos de Etienne Hajdu (das 10 às 20 h).

FUTURA — Telas de Moita Macedo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GALERIA 111 — Pintura da Lindström (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GRAFIL — Objectos e guaches de Vítor Belém (Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 h; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

INTERIOR — Tapeçarias de Charrua (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de José Vaz Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

PRISMA 73 — Trabalhos de Garizo do Carmo (das 15 às 20 h. excepto domingos e às quartas-feiras das 15 às 24 h).

QUADRANTE — Escultura de Moura Coutinho (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

RUMO — Esculturas de Chissano.

S. MAMEDE — Pintura e escultura de Charters de Almeida (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

TÁVOLA — Aguarelas de Le Corbusier (das 11 às 20 h).

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**
Zorina, vedeta inglesa de «sexy».

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264596/264621/264946.**

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. **T. 229189.**

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **T. 320164.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

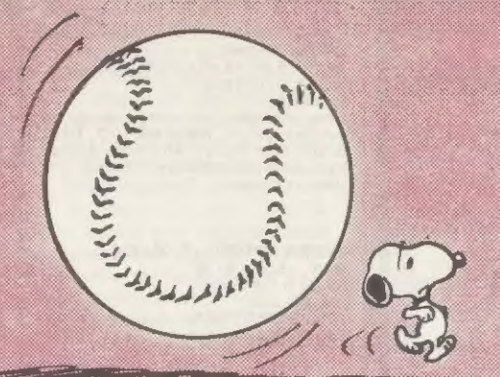
CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

PEANUTS

apresentam

"O velho amigo Charlie Brown"

por Schulz



os Kolans